

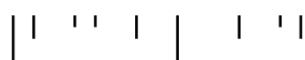


A UTILIZAÇÃO DAS TIC NO ESTUDO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL NO 2.º CICLO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Diogo da Silva Sá Madeira

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
e de Português e História e Geografia de Portugal
no 2.º Ciclo do Ensino Básico

2021-2022



A UTILIZAÇÃO DAS TIC NO ESTUDO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL NO 2.º CICLO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Diogo da Silva Sá Madeira

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
e de Português e História e Geografia de Portugal
no 2.º Ciclo do Ensino Básico
Orientador: Professor Doutor Nuno Martins Ferreira

2021-2022

| ' ' | | ' ' |

Os dois dias mais importantes da tua vida
são o dia em que nascas
e o dia em que descobres porquê.

- Mark Twain

AGRADECIMENTOS

Chega ao fim a minha caminhada que demorou 5 anos a ser concluída. Não posso deixar de agradecer às pessoas que estiveram lá para mim, que nunca me deixaram e sempre me ajudaram a ser o homem que sou hoje.

Obrigado, em primeiro lugar, à minha família por todos os esforços que fizeram ao longo destes anos e que me levaram a concluir com sucesso mais uma etapa da minha vida. Mãe, pai, Miguel, Maria João, Rúben, avó e avô, muito obrigado.

À Inês Gomes por ver em mim coisas que eu ainda não fui capaz de ver, pelo amor puro e carinho que tem por mim.

Às minhas amigas Maria Alves, Inês Ramos e Carolina Ferreira que nunca me abandonaram e tiveram uma paciência desmedida para mim, certamente, serão professoras fantásticas como já o são como pessoas.

Ao professor Doutor Nuno Martins Ferreira que irá continuar a ser o modelo a seguir o tipo de professor que eu quero um dia vir a ser. Sempre me apoiou e indicou o caminho que devia seguir. Ao fim destes anos consigo olhar para trás e ver que tudo o que ele um dia me ensinou, aconteceu.

À Professora Teresa André que me mostrou o que é ensinar e o que é ser um professor de excelência. Um dia irei lá chegar.

Obrigado, Professora Adriana Cardoso, Professor Alfredo Dias, Professora Carla Teixeira, Professora Conceição Figueira, Professora Isabel Madureira, Professora Isabel Velez, Professora Maria João Hortas, Professor Mário Relvas, Professor Miguel Falcão, Professora Natália Vieira, Professora Patrícia Ferreira e Professora Susana Martins.

A todos os professores da ESELX com quem aprendi muito.

Obrigado aos alunos com quem partilhei muitas horas de estágio.

RESUMO

As tecnologias fazem parte da nossa vida, ocupam um papel fundamental durante o nosso dia-a-dia, mas também no mundo escolar e na pedagogia. As escolas têm vindo a equipar-se com tecnologias que ajudam os professores e os alunos nos processos de ensino-aprendizagem respetivamente.

Partindo desta ideia, da prática pedagógica no 2.º Ciclo de Educação Básica (CEB) e da motivação intrínseca do investigador, realizou-se um estudo para perceber de que forma a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), podem ajudar os alunos do 2.º CEB no estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo.

O desenvolvimento deste estudo ocorreu durante a prática pedagógica em 2.º CEB em duas turmas de 6.º ano. A partir dos resultados obtidos, conclui-se que os recursos tecnológicos motivam e estimulam os alunos para a aprendizagem, bem como os futuros professores.

Palavras-chave: TIC; História e Geografia de Portugal; 2.º CEB; Inovação; Formação de professores.

ABSTRACT

Technologies are part of our lives, play a fundamental role in our daily lives, but also in the school world and in pedagogy. Schools have been equipping themselves with technologies that help teachers and students in the teaching-learning processes respectively.

Based on this idea, the pedagogical practice in 2nd cycle of Basic Education (CBE) and the intrinsic motivation of the researcher, the study was carried out to understand how the use of Information and Communication Technologies (ICT), can help 2nd cycle students in the study of History and Geography of Portugal in 2nd cycle.

The development of this study occurred during the teaching practice in 2nd CBE in two classes of 6th grade. From the results obtained, it was concluded that technological resources motivate and stimulate students to learn, as well as future teachers.

Keywords: ICT; History and Geography of Portugal; 2nd CEB; Innovation; Teacher's training.

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO	7
1.ª PARTE	9
2. DESCRIÇÃO SÍNTECA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NO 1.º CEB	10
2.1. Caracterização do contexto socioeducativo	11
2.1.1. A Instituição	11
2.1.2. A Turma	14
2.2. Problemática, objetivos e estratégias gerais da intervenção	15
3. DESCRIÇÃO SÍNTECA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NO 2.º CEB	17
3.1. Caracterização do contexto socioeducativo	18
3.1.1. A Instituição	18
3.1.2. As Turmas	19
3.2. Problemática, objetivos e estratégias gerais da intervenção	20
4. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA OCORRIDA EM AMBOS OS CICLOS.....	23
2.ª PARTE	27
5. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO	28
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
6.1 O que referem os decretos lei?	32
6.2 O que refere o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória?	34
6.3 O que referem as Aprendizagens Essenciais para a disciplina de HGP?	35
6.4 O que refere a disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação?	36
6.5 Comentário sobre os documentos/regulamentos apresentados	37
6.6 O que referem os autores, os estudos e a OCDE?	38
6.7 Um projeto financiado pelo Politécnico de Lisboa: Red.com	43
7. METODOLOGIA.....	44
8. RESULTADOS	48
8.1 Análise das perguntas feitas aos docentes cooperantes	49

8.2 Resultados e análise do questionário aos alunos de 6.ºano	50
8.3 Resultados e análise do questionário aos futuros professores	58
8.4 Análise do jogo interativo (revisão de conteúdos)	65
8.5 Resultados da avaliação sumativa dos alunos: Antes e durante a intervenção em contexto de PES II.	68
9. CONCLUSÕES	70
REFLEXÃO FINAL	74
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	83
ANEXO A – ENTREVISTA COMPLETA AOS PROFESSORES COOPERANTES DO 2.º CICLO	84
ANEXO B – NOTAS DE CAMPO: 2.º CICLO	97
ANEXO C – POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES: 1.º E 2.º CICLOS	103
ANEXO D – AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO	107
ANEXO E – QUESTIONÁRIO FEITO AOS ALUNOS: PAPEL	109
ANEXO F – QUESTIONÁRIO FEITO AOS ALUNOS: FORMULÁRIO GOOGLE	113
ANEXO G – QUESTIONÁRIO FEITO AOS ALUNOS: JOGO INTERATIVO PLICKERS	119
ANEXO H – QUESTIONÁRIO FEITO AOS MESTRANDOS: FORMULÁRIO GOOGLE	124
ANEXO I – MATERIAIS CONSTRUIDOS PARA O 2.º CICLO	129
Teste de avaliação 1 aplicado à turma X	138
Proposta de correção para o teste de avaliação 1 aplicado à turma X	142
.....	142
Teste de avaliação 1 aplicado à turma Y	154
Proposta de correção para o teste de avaliação 1 aplicado à turma Y	161
Teste de avaliação 2 aplicado à turma X	162
Proposta de correção para o teste de avaliação 2 aplicado à turma X	164
Teste de avaliação 2 aplicado à turma Y	169
Proposta de correção para o teste de avaliação 2 aplicado à turma Y	171
ANEXO J – ATIVIDADE APLICADA À TURMA Y SOBRE O VÍDEO: A ALMA E A GENTE- OS ÚLTIMOS ANOS DA MONARQUIA	176

Perguntas sobre o vídeo: A Alma e a Gente - Os Últimos Tempos da Monarquia.....	177
Proposta de correção sobre as perguntas relativas ao vídeo: A Alma e a Gente - Os Últimos Tempos da Monarquia.	179
Grelha de avaliação da turma Y relativa à atividade sobre o vídeo: A Alma e a Gente – Os Últimos Tempos da Monarquia.	180

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1 - Idades dos alunos que participaram no estudo
- Figura 2 - A frequência com que usam cada tecnologia
- Figura 3 - A frequência com que usam cada tecnologia em sala de aula
- Figura 4 - O grau de interesse dos alunos por cada recurso tecnológico
- Figura 5 - Atividades que gostavam de realizar em sala de aula com o recurso a uma tecnologia
- Figura 6 - O que pensam sobre a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula
- Figura 7 - O grau de motivação para a disciplina de HGP
- Figura 8 - O grau de motivação para uma aula de HGP (apenas manual físico)
- Figura 9 - O grau de motivação para uma aula de HGP (apenas recursos tecnológicos)
- Figura 10 - Sugestões das crianças
- Figura 11 - Idades dos futuros professores que participaram neste inquérito
- Figura 12 – Algumas opiniões dos futuros professores sobre as TIC
- Figura 13 – Algumas repostas à pergunta: O que pensas sobre a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula?
- Figura 14 - Opinião dos futuros professores sobre a motivação dos alunos
- Figura 15 - Quais os recursos tecnológicos utilizados pelos futuros professores
- Figura 16 - Sugestão de atividades ou recurso digital
- Figura 17 - Jogo interativo de revisões: Perguntas e resultados dos alunos da turma Y.
- Figura 18 – Jogo interativo de revisões: Perguntas e resultados dos alunos da turma X

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Finalidades do Projeto Educativo 2021-2025

Tabela 2 - Resultados dos alunos antes (teste 1) e depois (teste 2) da utilização das TIC em sala de aula: Turma Y

Tabela 3 - Resultados dos testes 1 e 2 da Turma X

LISTA DE ABREVIATURAS

AE – Aprendizagens Essenciais

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CPCJ - Comissões de Proteção de Crianças e Jovens

DGE – Direção Geral de Educação

HGP – História e Geografia de Portugal

IA – Inteligência Artificial

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PASEO - Perfil dos Alunos À Saída da Escolaridade Obrigatória

PE – Projeto Educativo

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PIT – Plano individual e trabalho

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Especial

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TIG – Tecnologias de Informação Geográficas

OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económicos

OECD - *Organisation for Economic Co-operation and Development*

1. INTRODUÇÃO

| | ' ' | | ' ' |

No âmbito da Unidade Curricular, Prática de Ensino Supervisionada (PES) II, segue-se a apresentação do presente relatório final com o propósito de obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Lisboa. Este relatório apresenta a descrição e análise reflexiva fundamentadas da intervenção pedagógica desenvolvida em dois contextos educativos, bem como a apresentação de uma investigação realizada paralelamente à prática educativa.

O documento encontra-se organizado em três partes. Na primeira parte é apresentada uma breve descrição da prática pedagógica desenvolvida no 1.º e 2.º CEB, em que é feita uma caracterização sumária, uma problematização dos dados recolhidos e identificação da problemática para cada ciclo. Ainda nesta parte é feita uma análise crítica da prática ocorrida em ambos os ciclos.

De seguida, na segunda parte, será apresentado o estudo onde começo por desenvolver o mesmo através de uma fundamentação teórica, apresento uma revisão de leitura, a metodologia do estudo que se aproxima de uma investigação-ação e o quadro teórico de referência utilizado para enquadrar as TIC e as suas potencialidades para e no Ensino. Após fundamentar o estudo, serão apresentados os seus resultados e desenvolvidas breves conclusões.

Termino apresentando uma breve reflexão final, onde irei dar destaque às referências utilizadas na execução deste trabalho e aos anexos que sustentam este estudo.

1.ª PARTE

| " | | " |

2. DESCRIÇÃO SÍNTEICA DA
PRÁTICA PEDAGÓGICA
DESENVOLVIDA NO 1.º CEB

| | | | |

2.1. Caracterização do contexto socioeducativo

2.1.1. A Instituição

A escola (em que realizei a PES II) apresenta condições bastante favoráveis. Ali, as crianças sentem-se integradas num ambiente seguro capaz de proporcionar aprendizagens significativas. A escola situa-se entre um tecido urbano degradado e uma área em transformação e está instalada num edifício construído em 1956. O Projeto Educativo do Agrupamento para 2021-2025 em que esta escola se insere é o mesmo em que se insere a escola onde estagiei no 2.º CEB.

O Projeto Educativo (PE) do Agrupamento visa proporcionar a todos os alunos um ambiente educativo promotor “da igualdade de oportunidades e acesso a um ensino de qualidade que permita o seu crescimento intelectual e global, como pessoas e cidadãos responsáveis e interventivos na sociedade. Visa ainda valorizar a formação pessoal e social dos alunos [...]” (p. 21). Este Agrupamento pretende que as suas escolas “[...] continuem a ser reconhecidas na comunidade como instituições de referência cultural, educativa e formadora, promotoras de sucesso e excelência.” (p. 21).

Por outro lado, o objetivo principal do Agrupamento é conseguir melhorar os resultados escolares, para o conseguir o PE refere que só é possível ser concretizado com

[...] trabalho colaborativo e de equipa entre pares [é imperativo], a articulação curricular entre ciclos, a articulação multidisciplinar e a adoção de procedimentos e formas de atuação comuns que garantam a igualdade de oportunidades de todos os alunos num ensino de qualidade. (Projeto Educativo, 2021-2025, p. 17).

As finalidades do PE são apresentadas na tabela seguinte (tabela 1), foi retirada do mesmo.

Tabela 1*Finalidades do Projeto Educativo 2021-2025*

ÁREAS DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA	OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Melhoria do ensino e da aprendizagem	Definir ações que visam a melhoria dos resultados escolares Generalizar práticas pedagógicas e metodologias de ensino ativas e experimentais	Melhorar as estratégias pedagógicas. Reduzir o insucesso Reduzir as diferenças observadas entre as classificações internas e externas. Tornar as aprendizagens mais estimulantes.
Prevenção do abandono, absentismo e indisciplina	Promover um clima favorável ao ensino e aprendizagem Reduzir as situações de indisciplina.	Reforçar as estruturas de intervenção. Melhorar os procedimentos na prevenção, atendimento e aplicação de medidas corretivas. Incentivar a participação dos alunos.
Gestão e organização	Melhorar a comunicação no Agrupamento Intensificar os processos de articulação vertical e horizontal do currículo	Divulgar informação relevante à comunidade educativa Envolver os membros da comunidade educativa no funcionamento do Agrupamento Assegurar a sequencialidade e a integração das aprendizagens e promover o sucesso educativo

	Consolidar o processo de autoavaliação no Agrupamento	Aperfeiçoar instrumentos e procedimentos de monitorização Analisar a informação recolhida com vista à implementação de processos de melhoria.
--	---	--

Em relação ao 1.º CEB, o PE refere que o Apoio ao Estudo é capaz de levar à melhoria do Ensino e das aprendizagens porque

visa responder às dificuldades dos alunos através de uma pedagogia diferenciada, e a codocência e/ou criação da turma +, sem alunos fixos, que agrega temporariamente alunos provenientes das várias turmas do mesmo ano de escolaridade, com nível de aproveitamento idêntico nas disciplinas de Português e Matemática. (p. 17)

Um fator muito importante que, aquando da minha saída, ia ser resolvido nesta escola foi o número de projetores que a serviam. Havia apenas um projetor disponível para 12 salas, no entanto, na última semana de intervenção, a Câmara Municipal de Lisboa forneceu 15 projetores novos, para serem instalados com a maior brevidade. Desta forma, contribuiu garantidamente, para um maior desempenho por parte dos alunos e, consequentemente, o sucesso dos alunos. Este recurso tecnológico muito considerado pelos docentes, deixou a equipa muito satisfeita, inclusivamente, a coordenadora do estabelecimento de ensino.

Em relação à avaliação do PE,

a Equipa de Avaliação Interna apresenta ao diretor do Agrupamento um relatório anual de autoavaliação, identificando as áreas a carecer de ações de melhoria, divulgado junto dos docentes dos diferentes departamentos curriculares, para análise, em sede do Conselho Pedagógico. Uma vez apreciado e aprovado pelo Conselho Geral, o relatório é publicado na página da Internet do Agrupamento. (Projeto Educativo, 2021-2025, p. 20)

2.1.2. A Turma

O grupo foi constituído por 23 alunos, 16 elementos do género feminino e sete do género masculino. A maioria dos alunos tinha nove anos de idade, no entanto, uma criança tinha dez e uma outra tinha 11. Alguns alunos eram provenientes de bairros com alguns problemas como a degradação habitacional, por isso, a missão do agrupamento é proporcionar ao aluno” “[...] independentemente da sua condição cultural, socioeconómica ou outra, igualdade de oportunidades de acesso a um ensino de qualidade e experiências de aprendizagem que lhe permitam adquirir e desenvolver competências necessárias ao crescimento intelectual e pessoal”. (Projeto Educativo 2021-2025, p. 6).

Existiam quatro crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), apoiadas por duas professoras de educação especial que trabalhavam em conjunto com a docente cooperante. Na sala realizavam atividades adaptadas às suas características e necessidades. Um dos alunos apresentava autismo severo, por isso era acompanhado por uma docente que coadjuvava com a professora cooperante.

Uma das alunas, proveniente de Cabo Verde estava ao nível do final de um primeiro ano, apresentava graves dificuldades de interpretação e leitura. As outras duas alunas apresentavam perturbação no desenvolvimento e encontravam-se na fase da aquisição da leitura e da escrita. Como tal, faziam trabalho diferenciado individual nas áreas nucleares. As alunas tinham apoio socioeducativo e eram acompanhadas também, diariamente, por uma professora de educação especial. Alunas que, à exceção da menina cabo-verdiana, tinham sessões de psicologia, terapia da fala e ocupacional.

Globalmente, tratou-se de um grupo bastante participativo nas atividades propostas, demonstrou compreensão e respeito pelo que lhes foi solicitado. Gostavam muito de atividades interativas, conheciam muito bem as rotinas e eram alunos interessados e empenhados.

Em virtude dos ritmos e hábitos de trabalho, existiam alunos que executavam as tarefas com menor rapidez do que outros. No plano interpessoal, de uma maneira geral, os alunos tinham um ótimo relacionamento, o que contribuiu para o ambiente tranquilo e acolhedor em que decorreram as aulas. Destacou-se o facto de alguns alunos conseguirem

terminar os exercícios antes do tempo estipulado e demonstrarem empatia em ajudar os colegas com mais dificuldades na realização dos exercícios.

O grupo apresentou potencialidades a Português, nomeadamente na leitura e na oralidade; a Matemática nas unidades de medida e nos perímetros; e no Estudo do Meio, sobretudo nos temas da atualidade e da história de Portugal. Relativamente às Artes Visuais apresentaram o gosto pelo desenho, pela pintura e pela utilização de materiais recicláveis. No Teatro, o domínio do corpo e do espaço, e na Educação Física o gosto pela atividade física e pelos jogos. Adicionalmente, nas áreas nucleares apresentaram fragilidades na escrita de textos; nos tempos verbais; no cálculo mental; nos algoritmos; na resolução de problemas; nas áreas; na noção de tempo e espaço em HGP; na improvisação; e no uso da voz.

2.2. Problemática, objetivos e estratégias gerais da intervenção

A intervenção na turma de 4.º ano do 1.º CEB decorreu durante oito semanas, as duas primeiras dedicadas à observação com alguma participação, e as restantes seis semanas de intervenção, o que foi muito relevante e desafiante.

A problemática desta intervenção foi definida após a análise das potencialidades e das fragilidades (Anexo C) da turma, por isso, definiu-se a seguinte problemática: A cooperação no ensino e aprendizagem como promotora de competências de resolução de problemas matemáticos e da escrita de textos. Deste modo, definimos os seguintes objetivos gerais para a intervenção: (i) Desenvolver a compreensão e a produção de textos expositivos/informativos; (ii) Desenvolver a capacidade de compreensão e resolução de problemas matemáticos; e (iii) Manifestar atitudes de cooperação e empatia com os colegas.

Depois, estabeleceram-se os objetivos específicos, para cada objetivo geral: para o primeiro, (i) respeitar a estrutura textual; (ii) mobilizar vocabulário adequado ao tema; (iii) produzir textos corretos ao nível da ortografia e da pontuação; e (iv) planificar e rever o texto expositivo. Para o segundo objetivo geral, pretendeu-se que os alunos fossem capazes de: (i) conceber e colocar em prática estratégias de resolução de problemas; (ii) utilizar estratégias de cálculo mental; e (iii) explicitar e justificar raciocínios matemáticos

por escrito e oralmente. Relativamente, ao terceiro objetivo geral, pretendeu-se que os alunos fossem capazes de (i) realizar atividades cooperativas com os colegas quando solicitado e por iniciativa própria; (ii) fazer propostas sustentadas para a resolução de problemas; e (iii) respeitar a opinião dos colegas.

Em relação às atividades implementadas, optou-se pela realização de um trabalho sistemático e contínuo durante estas semanas de intervenção ao nível da produção escrita, uma vez que, as Aprendizagens Essenciais de Português para o 4.º ano (Ministério da Educação, 2018a) referem que é esperado que o aluno no final do 1.º CEB atinja o domínio das técnicas básicas para a escrita de textos com diferentes funções (narrar, informar ou relatar).

Ao nível das atividades implementadas, foram construídos diversos recursos como fichas de trabalho, aplicadas consoante as necessidades que iam surgindo e a disponibilização de mais tempo para a realização de exercícios, bem como, mais *feedback* para determinados alunos, com o objetivo de os ajudar a ultrapassar as dificuldades. Foram igualmente criados diversos *PowerPoints* com mapas, gráficos e imagens, uma vez que a “utilização de recursos didáticos baseados em imagens (os mais comuns são apresentações em PowerPoint, integrando gravuras, mapas e pequenos vídeos) são mais motivadores para os alunos e facilitam a sua participação na construção da própria aula.” (Dias, 2016, p. 86).

Para colmatar as dificuldades a Matemática foram criadas, também, fichas de trabalho. O cálculo mental foi exercitado, os algoritmos foram praticados, por exemplo, para a resolução de operações e para a resolução de problemas foram criadas atividades que englobaram todas as dificuldades mencionadas: (i) Cálculo mental; (ii) Algoritmos; (iii) Resolução de problemas; e (iv) áreas.

Por fim, a avaliação foi, inicialmente, diagnóstica e foi apresentada no Plano de Intervenção. Posteriormente, durante o período de intervenção, foi realizada uma avaliação formativa em todas as áreas e sumativa nas áreas nucleares (Português, Matemática e Estudo do Meio).

3. DESCRIÇÃO SÍNTEICA DA
PRÁTICA PEDAGÓGICA
DESENVOLVIDA NO 2.º CEB

| " | | " |

3.1. Caracterização do contexto socioeducativo

3.1.1. A Instituição

A intervenção realizada em 2.º CEB realizou-se numa escola pública pertencente a um Agrupamento de escolas sinalizada como uma escola TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), que recebe alunos provenientes de um conjunto de freguesias da zona central de Lisboa. A escola apresentava bons equipamentos, o seu edifício foi recuperado e ampliado com uma torre onde foram instalados os laboratórios e as salas de artes no âmbito do Programa Especial de Modernização das Escolas, executado pela Parque Escolar.

Segundo o PE do Agrupamento, esta escola devia constituir-se como um polo de referência para a comunidade educativa, capaz de promover aprendizagens com qualidade e a excelência ao adequar a oferta educativa, os serviços e as práticas pedagógicas aos alunos, chamando a ela toda a comunidade educativa. Esta possuía serviços de administração escolar; salas de professores e de direção; ginásio; refeitório; papeleria/reprografia; e uma sala onde os alunos podiam conviver.

Os estudantes eram provenientes de bairros com alguns problemas como a degradação habitacional, mas, como referido, a missão do Agrupamento era proporcionar ao aluno” “[...] independentemente da sua condição cultural, socioeconómica ou outra, igualdade de oportunidades de acesso a um ensino de qualidade e experiências de aprendizagem que lhe permitam adquirir e desenvolver competências necessárias ao crescimento intelectual e pessoal”. (Projeto Educativo 2021-2025, p. 5).

Para a melhoria do ensino e das aprendizagens, o Agrupamento desenvolveu e desenvolve projetos e atividades que “[...] visam contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e culturais e para um maior envolvimento dos alunos na escola.” (Projeto Educativo 2021-2025, p. 17). Disto resulta a intenção do Agrupamento “[...] de continuar a valorizar e a distinguir positivamente os alunos que mais se destacam ao nível dos resultados escolares, do comportamento e atitudes.” (p. 18).

3.1.2. As Turmas

A intervenção realizou-se em duas turmas do 6.º ano. Apeli dei uma turma de turma X e a outra de turma Y, para ser mais fácil compreender de qual das turmas estarei a tratar.

A primeira turma (turma X) em que tive a oportunidade de estagiar foi composta por 22 alunos, nove rapazes e 13 raparigas com idades compreendidas entre os dez e os 13 anos. Dois alunos eram apoiados por uma professora de Educação Especial; uma aluna estava referenciada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), pois revelava capacidade intelectual abaixo da média expectável para a idade; um outro aluno tinha perturbações da linguagem com repercussões na leitura e na escrita; outro aluno tinha Apoio ao Estudo a Português por revelar dificuldades na comunicação verbal.

Tratou-se de uma turma participativa e motivada para a aprendizagem, com potencialidades na leitura e na compreensão textual. As fragilidades observadas foram sobretudo ao nível da escrita. Relativamente a HGP, as fragilidades destacaram-se ao nível da espacialidade, por exemplo, na análise de mapas e de outras fontes histórico-geográficas como imagens, esquemas ou gráficos. Apresentaram maior aptidão na temporalidade (localização de factos e acontecimentos no tempo).

A segunda turma (turma Y) foi composta por 21 alunos, 14 rapazes e sete raparigas. Sete alunos tinham medidas universais, cinco alunos tinham medidas seletivas e um aluno tinha medidas adicionais. Alguns alunos transitaram de ano com um aproveitamento abaixo do esperado e outros revelaram não entender o porquê de estarem na escola e, devido a esta resistência, apresentaram algumas dificuldades na assimilação de conteúdos denotados ao longo da minha intervenção no estágio e até abstinência escolar.

Segundo a docente cooperante que acompanhou a turma Y na disciplina de HGP e o que foi observado, a turma demonstrou pouco investimento no estudo, no trabalho e no rigor com que realizou as tarefas, demonstraram dificuldades na Geografia na sua dimensão espacial, mas também temporal. Nesta turma, alguns alunos foram capazes de realizar as atividades, de estar atentos às aulas e de participar nas mesmas. Por outro lado, existiram alunos que não participavam por iniciativa própria e eram bastante desatentos,

o que se refletiu nas dúvidas colocadas ao longo das aulas e no apoio que precisaram para realizar tarefas acessíveis como as dos exercícios da página do manual.

3.2. Problemática, objetivos e estratégias gerais da intervenção

A intervenção decorreu em duas turmas de 6.º ano que se revelaram similares, tanto ao nível das potencialidades como das fragilidades. As turmas integravam alunos interessados, participativos e reivindicativos, um dos aspetos menos bom foi o da relação grupo-turma que não era de todo a melhor, alguns alunos eram pouco autónomos, pouco cooperantes ou pouco empáticos em alguns momentos.

Na turma Y, como foi referido pela professora cooperante na entrevista semiestruturada que realizei, existiam fracas rotinas de estudo, o que se fazia notar no aproveitamento de alguns alunos, muito abaixo do esperado.

Para a recolha de dados optou-se pela: (i) observação direta; (ii) análise documental; e (iii) uma entrevista a cada docente cooperante. Utilizou-se a técnica de observação direta, porque esta é capaz de captar “os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 196). As notas de campo foram utilizadas, bem como, algumas grelhas de avaliação diagnóstica. Estas foram fundamentais para acrescentar valor à reflexão sobre as práticas dos docentes cooperantes. As grelhas de avaliação diagnóstica permitiram o registo das aprendizagens a Português e HGP, das atitudes e valores das turmas no geral, e de cada aluno. As entrevistas foram realizadas com um guião de entrevista semiestruturada (Anexo A). Estas serviram para fazer a caracterização dos contextos educativos, para a compreensão na primeira pessoa do trabalho desenvolvido pelos docentes para o planeamento, para a gestão na avaliação do grupo de alunos e para a confirmação de algumas potencialidades e fragilidades dos mesmos.

Depois, a partir das fragilidades encontradas (Anexo C) definimos a problemática da intervenção: Uma prática de ensino e de aprendizagem baseada em princípios de cooperação permite desenvolver competências ao nível da leitura cartográfica e da escrita de textos. Definimos os seguintes objetivos para a nossa intervenção: (i) Desenvolver competências de leitura e interpretação cartográficas; (ii) Desenvolver a competência

textual; e (iii) Promover atitudes de cooperação, respeito e empatia com os colegas. Um objetivo, segundo Roldão (2003), “é aquilo que pretendemos que o aluno aprenda, numa dada situação de ensino e aprendizagem, e face a um determinado conteúdo ou conhecimento.” (p. 22). Por isso, para o primeiro objetivo, pretendeu-se que os alunos fossem capazes de: (i) recolher e organizar informação de um mapa; (ii) identificar informações relativas ao espaço geográfico; (iii) contextualizar o mapa no seu contexto histórico-geográfico; (iv) revelar uma atitude crítica perante as fontes; e (v) mobilizar vocabulário histórico-geográfico na construção do conhecimento e na comunicação em História e Geografia.

Para o segundo objetivo, pretendeu-se que os alunos fossem capazes de: (i) planificar textos respeitando a sua estrutura; (ii) produzir textos corretos aos níveis da ortografia e da pontuação; (iii) mobilizar vocabulário adequado ao tema abordado; e (iv) rever e melhorar os textos escritos. No terceiro objetivo, pretendeu-se a: (i) realização e iniciativa de atividades cooperativas com os colegas; (ii) propostas de resolução de problemas; e (iv) respeito pela opinião dos colegas.

Assim, em relação às atividades implementadas, desenvolveram-se um conjunto de atividades que fossem capazes de mobilizar a leitura e a localização de fenómenos no espaço geográfico; a dinamização de momentos de reflexão sobre produções escritas; a identificação de informações relativas ao espaço geográfico; a contextualização de um mapa no contexto histórico-geográfico a que se reporta; a mobilização de vocabulário histórico-geográfico; e o desenvolvimento de uma atitude crítica perante a fonte utilizada, porque uma

fonte de informação sobre territórios acerca dos quais não podemos ter um conhecimento direto, são importantes para obter informação sobre aspetos invisíveis, sendo ainda importante como expressão da descrição do território, para facilitar a comunicação dos resultados de uma investigação geográfica. (Dias & Hortas, 2006, p. 3)

Para Português utilizaram-se a produção de textos informativos e a troca de produções entre os elementos da turma para a sua correção e debate; a utilização de jogos interativos; e a promoção do diálogo com vista à resolução de problemas.

Por fim, para a avaliação, que se trata da “recolha sistemática de informação sobre a qual se possa formular um juízo de valor que facilite a tomada de decisões” (Peralta, 2002, p. 27), realizou-se avaliação formativa contínua e sistemática dos alunos. Também foi realizada uma avaliação sumativa tanto a Português como a HGP. Estes dois métodos avaliativos foram utilizados, uma vez que, a avaliação formativa, segundo Cortesão (2002), é considerada “[...] uma forma de avaliação em que a preocupação central reside em colher dados para reorientação do processo de ensino-aprendizagem” (p. 38) e a avaliação sumativa pretende “[...] representar um sumário, uma apreciação "concentrada", de resultados obtidos numa situação educativa” (Cortesão, 2002, p. 38)

4. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA OCORRIDA EM AMBOS OS CICLOS

|' '' | | ''

Após a descrição das práticas desenvolvidas no 1.º e 2.º CEB, é relevante realizar uma comparação crítica entre ambas, de forma a estabelecer aspetos comuns, comparações e dissemelhanças.

O meio social das crianças em que tive a oportunidade de trabalhar foi comum, visto que, as duas escolas integram o mesmo Agrupamento. É um meio social economicamente mais baixo, com carências ligadas à degradação habitacional. Os alunos ao longo das sessões empenharam-se, tiveram sempre uma palavra carinhosa e respeitosa para comigo, fui, assim, muito bem recebido pelos alunos com quem partilhei os ensinamentos que adquiri ao longo da formação inicial, pelos docentes e pela restante comunidade escolar de ambas as escolas.

As experiências dos alunos foram tidas em conta e a sua proveniência também nas sessões. É importante relevar que alguns alunos eram provenientes de países como Angola ou Nepal, por isso, em muitas ocasiões recolhi as suas ideias, para recolher informações, previamente, adquiridas e para promover aprendizagens significativas neles e nos colegas. Assim, procurei desenvolver processos de ensino distintos a partir, também, do património que as crianças têm como referência, neste sentido Marturano (1998), refere que “[...] para um bom desenvolvimento cognitivo é necessária uma combinação de experiências de aprendizagem activa com o contexto social, em que o estilo de interacção e relacionamento promovam autoconfiança” (p. 132). As crianças veem, ouvem e sentem tudo o que as rodeia, sabem a localização de determinados espaços e dão significado a cada um, portanto, é importante fazer do seu património adquirido um ponto de partida para a progressão das suas aprendizagens, uma vez que “A educação *no* e *a partir* do património pode contribuir para a construção de um espírito crítico.” (Ferreira & Ferreira, 2021, p. 27). A professora cooperante do 1.º CEB referiu, durante a minha intervenção, que a recolha de informações sobre estes alunos faz com que se sintam integrados na turma, para além de promover a partilha de experiências com e entre alunos.

A primeira experiência que tive no 2.º CEB foi muito enriquecedora. Pude trabalhar com a ajuda dos professores cooperantes e com dois professores da Escola Superior de Educação de Lisboa que foram os tutores da disciplina de Português e de HGP. Na primeira aula percebi que o método expositivo era o mais utilizado na turma Y, bem como o trabalho do manual. A exposição de conteúdos por parte do professor,

segundo Prats (2014), é a “más comum en la enseñanza de la Historia” (p. 53). Por isso, para conseguir inovar e melhorar as aprendizagens dos alunos e alterar a desmotivação para com a escola que alguns alunos sentiam, utilizei poucas vezes o manual escolar, porque queria perceber de que forma as TIC podiam motivar os alunos para a aprendizagem e se estas ao serem utilizadas podiam levar a bons resultados.

A importância de compreender as dificuldades dos alunos e a forma como podemos utilizar diferentes métodos para os estimular é um passo para aumentar o desempenho da turma. Um dos aspetos com maior diferença entre as duas práticas foi o da possibilidade de juntar, por exemplo, num exercício, as três áreas nucleares do 1.º CEB (Português, Estudo do Meio e Matemática) o que não aconteceu no 2.º CEB onde se verifica a pluridocência.

No 2.º CEB as duas disciplinas foram lecionadas da seguinte forma: Para a turma X, o professor cooperante estava encarregue das disciplinas de Português e História e Geografia de Portugal (HGP); para a turma Y, o professor cooperante estava encarregue da disciplina de Português e a docente cooperante estava encarregue da disciplina de HGP. Esta organização acabou por facilitar o processo de observação e intervenção, porque apenas em uma ocasião, durante a semana, os dois professores estavam a dar aulas ao mesmo tempo. No 1.º CEB isto não se aplica porque a professora cooperante lecionou todas as áreas.

A relação pedagógica em ambos os ciclos foi muito positiva com os alunos e com os professores que abriram as portas das suas salas. Os dois contextos apresentaram naturais diferenças, por exemplo, um professor de 1.º CEB passa mais horas em aula com os alunos (cerca de 20 horas semanais), enquanto que um professor de 2.º CEB passa, por semana, cerca de sete a oito horas com uma turma.

Ao longo da intervenção tentei criar uma ligação com os alunos para que estivessem à vontade comigo, para partilharem as suas aprendizagens, ideias, frustrações e alegrias, até porque, para Coutinho e Moreira (2004), “atitudes e práticas repressoras instalam e reforçam medos e ansiedades irracionais que dificultam a aprendizagem, isso se dá, quando não se propicia ao aluno a oportunidade de tornar racional e compreensível” (p. 183). A este propósito, Goldani (2010) refere que a

Aprendizagem é efetivada pelas trocas sociais, onde a mediação torna-se relevante. Quanto mais profícua for essa ligação, maiores serão as condições de o estudante desenvolver-se. A ação do mediador não é a de facilitar porque mediar processos de aprendizagem é, sem sombras de dúvidas, provocar, trazer desafios, motivar quem vai aprender. Um dos princípios escopos da mediação é criar vínculos entre educando, o professor e o espaço escolar. (Cunha, 2012, p. 82).

Em relação aos processos de regulação e avaliação das aprendizagens e dos comportamentos sociais, foram aplicados alguns exercícios nas duas turmas de 2.º CEB para perceber de que forma os alunos estavam a acompanhar os conteúdos. No final, os alunos realizaram um teste de avaliação sumativa, relativo aos conteúdos que tínhamos trabalhado durante a minha intervenção.

No 1.º CEB os alunos tiveram a oportunidade de ir realizando fichas de trabalho que foram corrigidas à medida que iam sendo acabadas, o que permitiu entender no imediato as fragilidades e a evolução que cada um. Realizaram Questões de Aula de Português, Matemática e Estudo do Meio e, no final, realizaram um teste de avaliação sumativo a estas três áreas nucleares. Assim, os processos de avaliação e de regulação das aprendizagens foram similares.

Por fim, no que toca aos comportamentos, no final de cada aula em ambos os ciclos foi sempre dado algum tempo aos alunos expressarem o seu des/contentamento relativo a qualquer assunto, isto fez com que, por exemplo, alguns problemas existentes entre os elementos da turma fossem resolvidos no momento.

2.a PARTE

| | ' ' | | ' ' |

5. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

| " | | " |

O presente estudo irá ser descrito neste capítulo. Para isso, irei definir e apresentar o tema e objeto de estudo, os seus objetivos e as questões secundárias da investigação.

Em primeiro lugar, a premissa principal desta investigação é *A utilização das TIC no estudo da História e Geografia de Portugal no segundo ciclo do Ensino Básico*. Esta investigação tem como ponto de partida a prática observada e posteriormente desenvolvida no contexto de estágio em 2.º CEB. Para enquadrar a investigação, questionei os alunos e futuros professores acerca da utilização das TIC em sala de aula e se as mesmas aumentam, ou não, o grau de motivação na sala de aula. Como escreve Caballero de Rodas (2010, p. 102),

la motivación es una característica absolutamente indispensable para la adquisición significativa de los contenidos curriculares, porque modifica variables como la atención, la concentración, la persistência y la tolerância a la frustración, todas ellas presentes y determinantes del processo de aprendizaje.

Atualmente, as tecnologias já são um veículo importante no ensino do nosso país, o que nos permite, enquanto professores, desenvolver atividades motivadoras e integradoras.

Com o objetivo de detalhar e solidificar este estudo, defini uma questão-problema. A problemática foi definida a partir da minha intervenção numa das turmas de 6.º ano, porque os professores recorriam-se bastantes vezes do manual e existiam poucos momentos de utilização das TIC. Desta forma, a questão-problema do estudo é: **De que forma as TIC podem ajudar os alunos no estudo da História e Geografia de Portugal?**

Para consolidar a questão principal, foram construídas quatro questões secundárias:

1. O que motiva os alunos para o estudo de HGP?
2. Qual a perceção dos alunos em relação às TIC e à sua utilização em sala de aula?
3. Qual o impacto das TIC na aprendizagem dos alunos?
4. Qual a opinião dos futuros professores em relação às TIC?

As metodologias pensadas que conciliam e respondem de forma mais concreta às questões expostas foram:

- Análise dos documentos orientadores do 2.º CEB;

- Análise dos decretos-lei em vigor;
- Questionário aos alunos do 6.º ano sobre as TIC e sobre a disciplina de HGP;
- Questionário aos alunos estagiários no último ano do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico sobre a aplicação/utilização das TIC em sala de aula e em contexto de PES, e qual a sua experiência com a utilização das TIC;
- Questionário aos docentes cooperantes sobre a sua prática pedagógica relacionada com as TIC;
- Análise e comparação dos resultados dos testes de avaliação das turmas X e Y em HGP no 2.º período.

Pretende-se assim compreender de que forma as TIC ajudam os alunos na aprendizagem de HGP; se são um fator de motivação no âmbito desta disciplina; o que pensam os futuros professores sobre as TIC; qual o grau de utilização das TIC por parte dos professores cooperantes; e se a utilização das TIC tem influência nos resultados sumativos dos alunos das turmas em que desenvolvi a PES II.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

| " | | " |

6.1 O que referem os decretos lei?

O despacho n.º 6944-A/2018, proveniente do Gabinete do Secretário de Estado da Educação, refere alguns pontos importantes para este estudo, mas também para a prática da docência e em particular para a prática da docência no 2.º CEB. Segundo este despacho, o XXI Governo Constitucional assume a promoção de um ensino de qualidade, o que implica “fomentar aprendizagens efetivas e significativas, com conhecimentos consolidados, que são mobilizados em situações concretas, favorecendo o desenvolvimento de competências de nível elevado.” (DGE, 2018b). Estabelece, também, que, depois de um processo de estreita articulação entre professores, sociedades científicas, peritos e outras identidades, foram identificadas aprendizagens essenciais que correspondem a um conjunto de “[...] conhecimentos a adquirir, identificados como os conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceptualmente, relevantes e significativos, bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada componente do currículo ou disciplina.” ou seja, atribui um grande peso às Aprendizagens Essenciais que, em estreita parceria com o *Perfil dos Alunos À Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO), visam desenvolver as áreas e as competências nelas inscritas. Este despacho refere ainda que os documentos supramencionados se constituem como uma base “[...] às decisões tomadas pela escola relativas à adequação e contextualização nas várias dimensões do desenvolvimento curricular: o planeamento e a realização do ensino e da aprendizagem, bem como a avaliação interna e externa das aprendizagens dos alunos”. (DGE, 2018b). O PASEO (homologado pelo Despacho n.º 6478/2017) “[...] constitui o documento de referência que estabelece a matriz de princípios, valores e áreas de competências a que deve obedecer o desenvolvimento do currículo” (DGE, 2018, p. 241-(2) e refere igualmente que, impulsionados pelos desafios que se vislumbram, por exemplo o do questionamento dos saberes estabelecidos e dos conhecimentos emergentes, foi aprovado o PASEO que estabelece

a matriz de princípios, valores e áreas de competências a que deve obedecer o desenvolvimento do currículo. Uma escola inclusiva, promotora de melhores

aprendizagens para todos os alunos e a operacionalização do perfil de competências que se pretende que os mesmos desenvolvam, para o exercício de uma cidadania ativa e informada ao longo da vida. (DGE, 2018, p. 2928)

Em relação ao tema deste relatório, o Decreto-Lei n.º 55/2018 mencionado refere que a sociedade enfrenta novos desafios, decorrentes da globalização e do desenvolvimento tecnológico, que vive em constante mutação, inovação e rapidez. Por isso, a escola do presente está a criar/preparar alunos que um dia estarão a trabalhar em empregos que ainda não foram criados, para tecnologias ainda não inventadas e para problemas que são desconhecidos. Este Decreto aponta o ano de 2030 como o ano em que os que eram jovens passarão a adultos e terão em mãos outras oportunidades e dificuldades para enfrentar, por isso é necessário “[...] desenvolver nos alunos competências que lhes permitam questionar os saberes estabelecidos, integrar conhecimentos emergentes, comunicar eficientemente e resolver problemas complexos.” (DGE, 2018a, p. 2928). Este refere três pontos muito importantes que desafiam as escolas, na sua autonomia, a

- (i) Fomentar nos alunos o desenvolvimento de competências de pesquisa, avaliação, reflexão, mobilização crítica e autónoma de informação, com vista à resolução de problemas e ao reforço da sua autoestima e bem-estar; e ii) Apostar na dinamização do trabalho de projeto e no desenvolvimento de experiências de comunicação e expressão nas modalidades oral, escrita, visual e multimodal, valorizando o papel dos alunos enquanto autores, proporcionando-lhes situações de aprendizagens significativas.

Por isso, a aposta/utilização das TIC está na base da aquisição das competências de pesquisa e da mobilização crítica e autónoma da informação. Cada vez é mais difícil distinguir entre a notícia/informação falsa (*fake news*) e a verdadeira. Os alunos devem ser alertados para os perigos a que estão e poderão estar sujeitos e, com isso, contribuir para uma cidadania ativa, crítica e informada ao longo da vida.

O capítulo II com o título Currículo dos ensinos básico e secundário, na secção I, artigo 6.º refere um ponto muito importante relativo a uma competência definida no Perfil dos Alunos. O ponto k refere a “Promoção de aprendizagens no âmbito da disciplina de

Tecnologias da Informação e Comunicação”. O artigo 19.º refere que a escola deve tomar opções como “A valorização das artes, das ciências, do desporto, das humanidades, das tecnologias de informação e comunicação (...). (p. 2935). O Anexo II com o título Ensino Básico Geral do Decreto-Lei n.º 55/2018, define o tempo para a componente do currículo da Educação Tecnológica, referindo que no total do 2.º Ciclo, a carga horária semanal da disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação, deve ser de 650 minutos (325 minutos para o 5.º e 6.º anos).

Este é um ponto muito importante pois a existência de uma disciplina para a aprendizagem das tecnologias revela que o Governo e as Instituições Educativas estão atentos ao mundo que as rodeia, mas também aos alunos que, como referido, um dia serão adultos com profissões que hoje são, ou podem vir a ser, desconhecidas.

6.2 O que refere o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória?

O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO) refere que “Perante os outros e a diversidade do mundo, a mudança e a incerteza, importa criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico. Trata-se de formar pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos.” (Martins et al., 2017, p. 5). Sobre as TIC, este documento alerta para o facto de o conhecimento científico e tecnológico desenvolver-se a um ritmo intenso, tal como a informação com um crescimento exponencial diário. As Aprendizagens alertam para as competências da informação e comunicação, para o saber científico, técnico e tecnológico, e para o pensamento crítico. O Princípio da Adaptabilidade e ousadia é mencionado pois, segundo este documento, “Educar no século XXI exige a perceção de que é fundamental conseguir adaptar-se a novos contextos e novas estruturas, mobilizando as competências, mas também estando preparado para atualizar conhecimento e desempenhar novas funções.” (Martins et al., 2017, p. 13).

A competência da informação e da comunicação, segundo Martins et al., (2017), implica que os alunos estejam aptos a

(i) utilizar e dominar instrumentos diversificados para pesquisar, descrever, avaliar, validar e mobilizar informação, de forma crítica e autónoma, verificando diferentes fontes documentais e a sua credibilidade; (ii) transformar a informação em conhecimento; e (iii) colaborar em diferentes contextos comunicativos, de forma adequada e segura, utilizando diferentes tipos de ferramentas (analógicas e digitais), com base nas regras de conduta próprias de cada ambiente. (p. 22).

Em relação ao saber científico, técnico e tecnológico, estas competências implicam que os alunos sejam capazes de:

(i) manipular e manusear materiais e instrumentos diversificados para controlar, utilizar, transformar, imaginar e criar produtos e sistemas; (ii) executar operações técnicas, segundo uma metodologia de trabalho adequada, para atingir um objetivo ou chegar a uma decisão ou conclusão fundamentada, adequando os meios materiais e técnicos à ideia ou intenção expressa; e (iii) adequar a ação de transformação e criação de produtos aos diferentes contextos naturais, tecnológicos e socioculturais, em atividades experimentais, projetos e aplicações práticas desenvolvidos em ambientes físicos e digitais. (Martins et al., 2017, p. 29)

Hoje em dia é muito importante desenvolvermos as competências associadas ao saber tecnológico, porque o nosso dia-a-dia requer que sejamos capazes de utilizar e manipular as tecnologias, porque como referido por Martins et al., (2017), o aluno deve ser capaz de chegar a um determinado objetivo ou a uma conclusão utilizando os meios técnicos adequados, por isso, se um aluno não conseguir manipular um determinado material, será mais difícil atingir os objetivos propostos. O aluno deve ser capaz de adequar a sua ação em detrimento dos objetivos propostos, mas para isso precisa de saber manipular e trabalhar os recursos tecnológicos. A verdade é que vivemos num mundo muito dependente das tecnologias e a Escola não se pode alhear desse facto.

6.3 O que referem as Aprendizagens Essenciais para a disciplina de HGP?

Em relação às Aprendizagens Essenciais para a disciplina de HGP no 5.º ano, as TIC são mencionadas, por exemplo, nas ações a desenvolver pelo docente na disciplina em que o aluno deve ficar capaz de pesquisar de forma progressivamente autónoma e de mobilizar as TIC e as TIG para representar informação histórica e geográfica (por exemplo: património natural e cultural). No 6.º ano, as Aprendizagens Essenciais (2018b) referem, no que toca a conhecimentos, capacidades e atitudes, que o aluno deve: (i) Aplicar as TIC e as TIG para localizar e conhecer as características e a distribuição dos fenómenos demográficos; (ii) Mobilizar as TIC e as TIG para localizar e conhecer as características e a distribuição da população urbana e rural; (iii) Mobilizar as TIC e as TIG para localizar e conhecer as características e a distribuição das atividades económicas; e (iv) Aplicar as TIC e as TIG para localizar e conhecer as características e a distribuição das redes de transporte. Daqui é possível perceber que as TIC e as Tecnologias de Informação Geográficas¹ são muito valorizadas.

6.4 O que refere a disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação?

Importa em primeiro lugar distinguir entre o que é Tecnologias *da* Informação e Comunicação e o que é Tecnologias *de* Informação e Comunicação. Tecnologias da Informação e Comunicação é a designação de uma disciplina alicerçada em dados científicos, bem como em recomendações da OCDE (2017) e do *World Economic Forum* (2016). As Tecnologias de Informação e Comunicação são, segundo Vieira e Esteves (2017), “todos os recursos tecnológicos utilizados em sala de aula para apoiar o ensino e a aprendizagem (televisão, computador, internet, *blogs*, jogos, entre outros).” (p. 157). Fica feita a distinção para que não exista qualquer equívoco entre o nome da disciplina e os recursos tecnológicos que apoiam o Ensino.

A disciplina TIC para os 5.º e 6.º anos organiza-se em quatro domínios de trabalho: (i) segurança, responsabilidade e respeito ambientais e digitais; (ii) Investir e pesquisar;

¹ Das Tecnologias de Informação Geográficas fazem parte todas as ferramentas que estão ao serviço da Geografia e que visam formar cidadãos geograficamente aptos.

(iii) Colaborar e Comunicar; e (iv) Criar e inovar. Para além destes domínios, as Aprendizagens Essenciais, em articulação com o Perfil dos Alunos, mencionam algumas ações estratégias de ensino para que o aluno seja capaz, por exemplo, de ter consciência do impacto das TIC na sociedade e no dia a dia.

Parece-me muito importante que exista uma disciplina para os alunos poderem aprender e adquirirem competências de literacia digital. Assim, todos os alunos podem ter acesso a tecnologias e desenvolver nelas as capacidades de pesquisa, tratamento e produção e comunicação de informação em formatos não tradicionais como é o papel. Também penso que a aquisição destas competências deveria partir de todos os professores sem a necessidade de existir uma disciplina de TIC, porque devia ser incentivado desde cedo o recurso às novas tecnologias, sempre que possível, para gerar conhecimentos relevantes para os alunos.

6.5 Comentário sobre os documentos/regulamentos apresentados

Tendo em conta tudo o que foi salientado nos documentos orientadores, depreende-se que estamos perante informações que alertam para a importância que as TIC têm na sociedade e como estas são cada vez mais relevantes no ensino.

Os regulamentos referem que a sociedade enfrenta novos desafios, decorrentes da globalização e do desenvolvimento tecnológico e que, por isso, a escola do presente está a preparar e a formar alunos que um dia irão exercer profissões que ainda não foram criadas ou são desconhecidas, com tecnologias que ainda estão em desenvolvimento, por isso, é necessário que desde sempre lhes seja incutida e estimulada a capacidade de superar os desafios e as dificuldades impostas.

As Aprendizagens Essenciais da disciplina de HGP para o 5.º ano, referem que a aposta na utilização regular das TIC promove a aquisição das competências de pesquisa e da mobilização crítica e autónoma da informação. As AE alertam, também para as competências da informação e comunicação; o saber científico, técnico e tecnológico; e para o pensamento crítico.

Sobre as TIC, o PASEO alerta para o facto de o conhecimento científico e tecnológico estar-se a desenvolver a um ritmo exponencial o que, segundo Martins et. al. (2017), “[...] exige a perceção de que é fundamental conseguir adaptar-se a novos contextos e novas estruturas, mobilizando as competências, mas também estando preparado para atualizar conhecimento e desempenhar novas funções.” (p. 13).

6.6 O que referem os autores, os estudos e a OCDE?

A tecnologia faz parte da nossa vida. Há quem não a utilize, mas a grande maioria da população mundial tem pelo menos acesso a uma tecnologia (o telemóvel) para comunicar com quem quiser e onde estiver, num mundo global em que a informação está à distância de um clique. Olhando para o campo da educação, as designadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são, hoje, uma ferramenta ao dispor do professor e do ensino, porque

“Technology affects and plays important roles in all aspects of life; education is no exception. The activities in teaching and learning process too, are affected by technology. Generally, the use of technology makes things done more easily, efficiently, and pleasantly. The teacher can get help from the internet.” (Rokhayati, 2016, p. 110)

A evolução do mundo fez com que a Educação também mudasse. A escola como uma instituição, que deve ser crítica e atenta ao desenvolvimento do ser humano, precisa de acompanhar o que a sociedade reclama ou pede, por isso deve constituir-se como uma realidade que integra as novas tecnologias e ser capaz de, também, ser responsável pela inovação.

As TIC são, segundo Vieira e Esteves (2017), “todos os recursos tecnológicos utilizados em sala de aula para apoiar o ensino e a aprendizagem (televisão, computador, internet, blogs, jogos, entre outros).” (p. 157). Segundo Rokhayati (2016), a tecnologia demonstrou a sua influência, fez a educação desenvolver-se mais rapidamente e os professores e os alunos podem aceder facilmente ao conhecimento e à informação que são abundantes na Internet. Na sala de aula, as tecnologias mudaram a maneira como os

alunos aprendem e como os professores ensinam; os professores escrevem nos quadros interativos, apresentam *PowerPoint* com quadros interessantes, mostram múltiplas atividades sonoras e visuais, pois “The use of technology opens the door for different kinds of literacy to be integrated in the teaching and learning activity.” (Rokhayati, 2016, p. 111).

Durante as PES desenvolvidas ao longo da Licenciatura em Educação Básica e no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, procurei utilizar muitas vezes estes recursos, por entender que são ferramentas inovadoras, motivadoras para os alunos e potenciadoras das aprendizagens:

A ação educativa é, pois, compreendida como uma ação formativa especializada, fundada no ensino, que implica a adoção de princípios e estratégias pedagógicas e didáticas que visam a concretização das aprendizagens. Trata-se de encontrar a melhor forma e os recursos mais eficazes para todos os alunos aprenderem, isto é, para que se produza uma apropriação efetiva dos conhecimentos, capacidades e atitudes que se trabalharam, em conjunto e individualmente [...]. (Martins et al., 2017, p. 32)

As autoras Vieira e Esteves (2017) referem que “as TIC são ferramentas educativas com grande potencialidade na promoção de um ensino mais centrado no aluno, logo são muito importantes na alteração das concepções tradicionais de ensino” (p. 158), mas, segundo as mesmas, as TIC ainda são pouco utilizadas ou só o são para dar apoio a aulas mais expositivas que se constituem como aulas mais tradicionais, nas quais o professor apresenta os conteúdos e o aluno ouve e tenta perceber o que está a ser veiculado. Assim, o que devia ser uma inovação constitui-se como uma extensão do ensino tradicionalmente centrado no professor e a “a utilização eficaz das TIC implica no desenvolvimento de novas metodologias de trabalho, propiciando uma alteração na forma de ensinar.” (Vieira e Esteves, 2017, p. 160). As crianças precisam de estar motivadas e entender que a escola é um local de aquisição de saberes desafiadores. São inúmeros os estudos que apresentam as TIC como fontes de motivação para a aprendizagem porque

Se a geração que hoje ocupa os bancos escolares traz para o interior da escola uma cultura que incorpora os modos de produção e comunicação de informações e conhecimentos por meio de distintos dispositivos móveis, tem acesso a filmes de ficção científica, reportagens científicas, jornais e vive bombardeada de informações provenientes de distintas fontes, é evidente que o seu modo de ser e de estar no mundo não se coaduna com as práticas pedagógicas convencionais centradas na escuta passiva de informações transmitidas pelo professor, que percebem como uma tortura implacável. (Moretto, 2015, p. 32)

A maioria das fontes consultadas apresentam as TIC como uma mais-valia para os processos de ensino-aprendizagem, mas aconselham-nos a ser prudentes quando abordamos este tema. Devemos escutar as vozes críticas que apontam para alguns detalhes importantes e que devem ser enquadrados, porque as alterações ocorrem a um ritmo elevado e ainda não há certezas absolutas no alcance das TIC em sala de aula (Duarte, 2019). Trata-se de um terreno com uma tremenda margem de progressão e que deve ser compreendido no seu todo, ou seja, com os seus prós e contras no que toca à sua adequação junto da comunidade escolar

[...] a literatura aponta em primeiro lugar para a necessidade de se equacionar o contributo das tecnologias não como um meio de expansão de técnicas, mas antes como um meio com potencial para ampliar o pensamento e a capacidade de expressão humana para ler, reler, criar e recriar o mundo. Nesta conformidade, e porque as tecnologias proporcionam espaço e oportunidade para a criação de trabalhos artísticos autênticos, indo além das abordagens tradicionais para olhar e pensar todos os domínios culturais, a diversidade de expressão e a reflexão crítica. (Costa et al., 2012, p. 76-77)

A utilização destes recursos revestidos de enorme potencial durante os momentos em que o professor expõe os conteúdos não se constitui como uma inovação em si, porque o docente só utiliza, muitas vezes, por exemplo, o *PowerPoint* para aprofundar os conteúdos que estão no manual. Dito isto, a utilização das TIC implica “uma alteração importante no papel tradicionalmente desempenhado por professores e alunos.” (Vieira & Esteves, 2017, p. 158). Importa pensar na importância que as TIC têm,

[...] por outro lado, o “porquê” e o “para quê”, ou seja, a intencionalidade educativa, também deve ser resguardada e protegida, para não transformar os recursos digitais o “centro” da aprendizagem, substituindo a centralidade do aluno ou apenas meros instrumentos de utilização lúdica. (Duarte, 2019, p. 22)

Estas são ferramentas caracterizadas, segundo Vieira e Esteves (2017), pela “conectividade e mobilidade, intensificando a criação de uma cultura tecnológica e possibilitando a promoção da inclusão digital da comunidade escolar [...], uma perspectiva fundamental para a redução das desigualdades sociais e para o desenvolvimento sustentável dos países”. (p. 158)

A inovação pode ser entendida como algo muito positivo, mas também como algo negativo e é sobre este paradoxo que Castilho (2022) se debruça. Este autor refere, num artigo publicado no jornal Público, a maneira como a educação e a natureza humana são vistas pela OCDE. Segundo o autor, até 2040 “a OCDE prevê um ambiente escolar imerso em Inteligência Artificial (IA) e realidade virtual, com o eventual desaparecimento dos professores, no máximo, e a presença de robôs, para os apoiar, no mínimo” e vai mais longe ao referir que o fim da instituição escolar tem sido múltiplas vezes decretado por arautos de pedagogias atrevidas. Mas é surpreendente ver este estudo vir a lume no momento em que vivemos, à escala mundial, um acontecimento único na nossa contemporaneidade: logo que milhões de alunos experimentaram os efeitos do fecho das suas escolas, milhões de pais clamaram pela reabertura das mesmas; os mesmos teóricos e políticos mensageiros da digitalização e do ensino mediado por máquinas acabaram por reconhecer que o ensino presencial e o papel dos professores são insubstituíveis.

O mundo sem os professores é inconcebível. Aquele que guia as gerações através do conhecimento ou aquele que traça um caminho concetual e pedagógico com a ajuda dos mais variados meios instituídos pelos governos, é o que está diariamente com as crianças e que as conhece como poucos. Os professores devem ser valorizados, foram e são o suporte de muitos alunos que em casa, por vezes, vivem situações muito difíceis. Castilho (2022) refere que os tecnocratas que têm as mentes gananciosas projetam nos outros Homens “[...] o seu vazio espiritual e o seu existir mecânico, insensível à liberdade, às emoções, à alma, ao belo e ao amor. Não suportam o livre arbítrio dos

cidadãos e encaram-nos como meras peças de um enorme tabuleiro de xadrez global”, em busca do lucro e da máxima eficiência.

Relativamente a este tema, a OCDE produziu o documento *Future of Education Skills 2030* no qual refere que quando os alunos entram na escola o sistema educativo encontra-se adaptado ao ensino de valores comuns tais como prosperidade, sustentabilidade e bem-estar. O nosso mundo está em constante evolução e cada vez enfrentamos mais desafios a nível económico, ambiental e social, para os quais não estamos preparados, e cujo conhecimento e ferramentas disponibilizadas pelo modelo tradicional de ensino podem não servir.

O estudo da OCDE refere que o modelo atual de ensino não está atualizado, ou seja, não está a acompanhar a evolução do mundo, por isso, é necessário desenvolver um novo modelo educativo, utilizando a Inteligência Artificial (IA): “Education needs to aim to do more than prepare young people for the world of work; it needs to equip students with the skills they need to become active, responsible and engaged citizens.” (OECD, 2018, p. 4) A integração da IA na educação não tem como fim a substituição dos professores, mas antes o de ser reconhecida como uma ferramenta que irá estimular o desenvolvimento de novas competências no aluno, que estará mais apto a interagir com recursos tecnológicos, antecipar as atitudes perante diversas circunstâncias e, conseqüentemente, a estar mais preparado para os empregos do futuro: “Education has a vital role to play in developing the knowledge, skills, attitudes and values that enable people to contribute to and benefit from an inclusive and sustainable future.” (OECD, 2018, p. 4).

O mundo continua a viver a crise pandémica do vírus da Covid-19 e quem esteve ao lado das crianças para ajudá-las a aprender, mas também a divertirem-se, foram os professores, que não se deixaram abater pelos constrangimentos vividos e trabalharam para que as crianças não perdessem saberes. Ficou claro que nem todos os alunos estiveram atentos durante as aulas e ficou provada a dificuldade que muitos professores tiveram em se adaptar a uma realidade única nas nossas vidas, mas ficou ainda mais provado que o ensino de qualidade só pode ocorrer com os professores e não com a omnipresença das tecnologias. As TIC não se sobrepõem à figura do professor, são apenas ferramentas de trabalho que podem contribuir para alcançar o conhecimento.

6.7 Um projeto financiado pelo Politécnico de Lisboa: Red.com

Recentemente, foi criada a página *Red.com* na plataforma digital *Instagram*. Num *post* publicado nesta página, é feita uma breve apresentação desta “Comunidade de Práticas Digitais”. A publicação refere que se trata de uma comunidade virtual orientada para a partilha, de práticas digitais no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Segundo esta, a organização reconhece a importância das práticas pedagógicas que fazem uso das TIC, da partilha de recursos educativos digitais e da partilha de material de apoio ao desenvolvimento de competências digitais.

Assim, neste perfil será possível partilhar e aprender com as práticas de professores e investigadores; estudar o que referem os novos estudos sobre os recursos digitais; e reunir nesta plataforma uma comunidade de pessoas que utilizam as práticas digitais no seu dia-a-dia. Também é importante referir o envolvimento do Politécnico de Lisboa neste projeto, através de financiamento.

7. METODOLOGIA

| | ' ' | | ' ' |

Nesta fase do presente relatório será feita uma caracterização sumária do contexto, participantes/amostra, e serão apresentadas as opções metodológicas (natureza do estudo, métodos, design, técnicas de recolha e análise de dados e respetivos instrumentos) e, por fim, será feita uma alusão aos princípios éticos desta investigação (preservação da confidencialidade e consentimento informado).

Uma investigação, segundo Coutinho (2015), é “uma atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender fenómenos sociais.” (p. 7). Esta investigação decorre da motivação intrínseca do investigador e de uma problemática que resulta do uso sistemático de recursos tecnológicos (TIC). É através da investigação de um determinado momento ou situação que se refletem e problematizam situações ocorridas e observadas na prática, que suscitam o debate e se identificam ideias inovadoras (Coutinho, 2015). Uma vez que a problemática e as questões secundárias emergiram da prática desenvolvida no 2.º CEB, esta investigação aproxima-se de um projeto investigação-ação porque

Um estudo de caso em educação é uma pesquisa empírica conduzida numa situação circunscrita de espaço e de tempo, ou seja, é singular, centrada em facetas interessantes de uma atividade, programa, instituição ou sistema, em contextos naturais e respeitando as pessoas, com o objetivo de fundamentar juízos e decisões dos práticos, dos decisores políticos ou dos teóricos que trabalham com esse objetivo, possibilitando a exploração de aspetos relevantes, a formulação e verificação de explicações plausíveis sobre o que se encontrou, a construção de argumentos ou narrativas válidas, ou a sua relação com temas de literatura científica de referência. (Basse, 1999, cit. por Afonso, 2014, pp.70 -71)

Esta investigação aproxima-se da investigação-ação e destina-se a contribuir para o melhoramento das práticas educativas. O docente enquanto investigador/professor, através da recolha e interpretação e após a definição de um tema investigativo, procura refletir sobre a ação e interpretar as respostas da amostra, porque num projeto investigação-ação “é necessário efetuar um conjunto de procedimentos, de acordo com os objetivos do mesmo: encontrar um ponto de partida, colidir a informação de acordo

com padrões éticos, interpretar os dados e validar os processos de investigação” (Máximo-Esteves, 2008, p. 79).

O objetivo geral deste estudo, como referido, é o de perceber de que forma as TIC ajudam os alunos no estudo da HGP no 2.º CEB. Primeiramente, formulou-se a problemática, depois a questão-problema e, por fim, as questões secundárias.

Primeiramente, questioneei os docentes orientadores sobre a sua prática pedagógica, depois foram aplicados dois questionários, um a alunos e o outro a futuros professores. Um questionário como instrumento de recolha de dados é um método de colheita de informação em que podemos descrever, comparar e explicar conhecimentos e atitudes.

A amostra utilizada para esta investigação é de 25 alunos do 6.º ano, mais precisamente, 14 alunos de uma turma e 11 de outra turma. Para melhor compreensão apelidei o grupo de alunos de uma turma de X e o outro de Y, sendo que lhes pertencem 11 alunos e 14 alunos respetivamente. A informação recolhida no questionário foi tratada detalhadamente. Por outro lado, na análise dos dados recolhidos após o jogo interativo de revisões para o teste, foi necessário dividir os resultados para uma análise comparativa das duas turmas.

Também contei com a participação de 16 colegas meus de mestrado, cuja opinião foi de extrema importância para perceber o que futuros professores pensam sobre a utilização das TIC, bem como relativamente a outras dimensões que serão mencionadas neste relatório.

Durante a prática no 2.º CEB recorri por inúmeras vezes às TIC, nomeadamente ao telemóvel para realização de jogos interativos; ao computador para apresentar *PowerPoint* construídos de forma dinâmica e interativa, de modo a irem ao encontro das necessidades e estímulos dos alunos; e, por fim, a vídeos que considerei relevantes para solidificar os conceitos lecionados.

Comecei os questionários pelos docentes cooperantes sobre as suas práticas pedagógicas. De seguida, cada aluno recebeu um consentimento informado (Anexo C) no qual me apresentei, referi o orientador e o tema deste relatório, expliquei como seria feita a recolha de dados e a análise dos mesmos e, por fim, expliquei que a informação seria tratada de forma anónima e confidencial, utilizada exclusivamente para o estudo.

No total, recebi 25 autorizações para a participação neste estudo, mas só 24 estudantes realizaram o questionário (um aluno acabou por recusar participar). As questões foram colocadas aos alunos reportaram-se ao período da minha PES II.

Realizei com os alunos do 6.º ano que puderam participar na investigação um jogo interativo de revisões para o último teste do 2.º período, através da plataforma *Plickers*. Foi possível observar as diferenças existentes entre os alunos de cada turma. Recordo que para melhor compreensão apelidei o grupo de alunos de uma turma de X e o outro de Y, sendo que cada uma integra 11 alunos e 14 alunos respetivamente.

Por fim, recolhi os dados e apliquei o segundo questionário a alunos do último ano do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Neste questionário obtive uma amostra de 16 estudantes, que muito contribuíram para o desenvolvimento desta análise.

Como ferramenta para execução deste questionário utilizei os gráficos disponíveis na plataforma *Google Forms* para conseguir observar e interpretar os dados de forma mais simplificada. Importa referir que todos os princípios éticos foram respeitados durante a investigação que aqui se apresenta.

8. RESULTADOS

| | ' ' | | ' ' |

8.1 Análise das perguntas feitas aos docentes cooperantes

Como ponto de partida considerei pertinente questionar a professora cooperante da turma Y e o professor cooperante da turma X sobre os métodos de ensino que ambos aplicam nas suas salas de aula para estimular os estudantes e para que estes se mantenham cooperantes e motivados. Optei então por fazer três perguntas chave: **(i) Como é que planifica a sua intervenção em termos de materiais a utilizar? (ii) Quais os recursos que utiliza ao longo das aulas? e (iii) Como é realizada a avaliação dos alunos, para além dos testes?**

À primeira pergunta, a docente da turma Y respondeu o seguinte:

[...] eu peguei na planificação anual e depois vou gerindo também tendo em conta os tempos letivos organizo os conteúdos, vejo o manual porque aqui realmente exigem que nós trabalhemos o manual, vocês vão ter a liberdade de trabalhar e fazer outras coisas [...].

Tendo em consideração a resposta da professora, compreendi que o uso do manual era algo imperativo, mas também percebi pelas palavras da professora que seriam possível inovar e optar pela realização de outras atividades, nomeadamente, com recurso às TIC.

À segunda pergunta, “Quais os recursos que utiliza ao longo das aulas?” a professora respondeu:

[...] Muito manual, mas eu trabalho muito a parte da editora online [...] . colocar alguns materiais que sejam apelativos ou engraçados para introduzir conteúdo [...] isto dá trabalho, procurar, fazer, tudo isso depois vamos variando os materiais, mas principalmente o manual porque o Agrupamento pede o manual sim.

O manual foi usado em todas as aulas durante as duas semanas de observação, por sugestão do próprio Agrupamento, como referi. A docente durante a projeção do manual, recorria, por vezes, a vídeos e áudios que estavam presentes na plataforma Escola Virtual, o que fazia com que os alunos se mostrassem entusiasmados.

À terceira questão, “Como é realizada a avaliação dos alunos, para além dos testes?”, a professora respondeu “Para além dos testes nós avaliamos muito com o que eles fazem em aula [...] quando avaliamos é à base de testes, participação/observação direta, agora optámos também por fazer questões de aula para eles consolidarem alguma

parte da matéria [...]”. Este método é habitualmente aplicado entre agrupamentos. Ao contrário da professora da turma Y, o professor da turma X referiu que “40% da avaliação é chamada de atitudes e valores e os outros 60% são trabalhos (20%) e testes (40%). Eu quando incluo testes, [...] tudo o que eu conseguir recolher acabo por levar. Todos os dias quando chego a casa, abro as tabelas e há uma coluna relativa à participação deles, em que eu avalio a prestação deles.” Numa perspetiva mais inovadora, considero que seria importante investir na avaliação contínua em aula a nível comportamental, intelectual e de empenho no envolvimento nas tarefas realizadas na sala de aula.

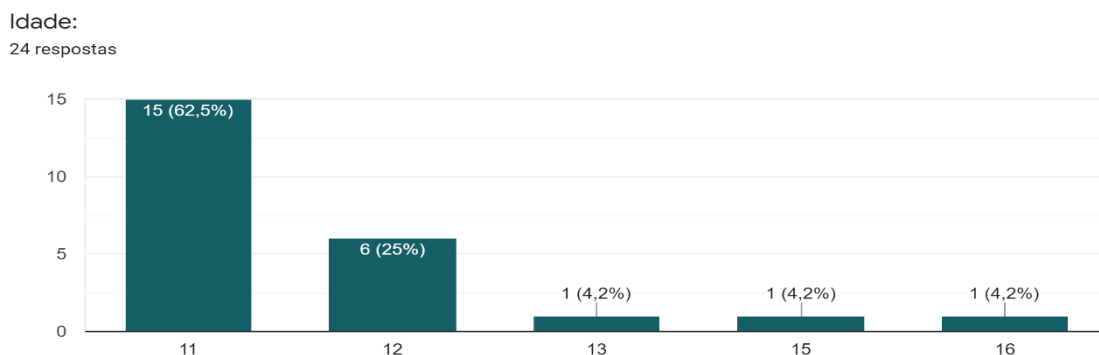
Concluindo, os docentes cooperantes trabalharam os conteúdos de uma maneira dissemelhante e foi possível perceber em que ocasiões os alunos ficavam mais motivados para a aprendizagem das duas disciplinas.

8.2 Resultados e análise do questionário aos alunos de 6.º ano

Em relação ao questionário aplicado aos alunos do 2.º CEB, o mesmo foi realizado por 24 alunos de duas turmas do 6.º ano de escolaridade. Do total de alunos que participaram neste estudo, 54,2 % são sexo masculino, ou seja, 13 alunos, e 45,8 % do sexo feminino, 11 raparigas. As idades dos alunos (figura 1) são compreendidas entre os 11 e os 16 anos, sendo que 62,5 % correspondem a alunos com 11 anos, 25 % a alunos com 12, e 4,2 % a alunos com 13, 15 e 16 anos. À data deste estudo, 15 alunos tinham 11 anos, seis alunos tinham 12. As restantes idades estão identificadas na figura 1.

Figura 1

Idades dos alunos que participaram no estudo



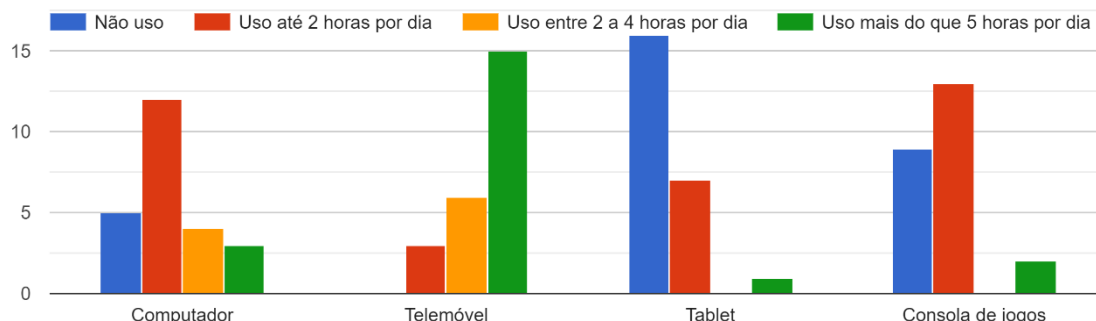
Na figura 2 está representado o número de horas em que os alunos utilizam o computador, o telemóvel, o tablet e a consola de jogos. Neste questionário foi pedido aos alunos que assinalassem o número de horas em que utilizam cada tecnologia.

Ao analisarmos a frequência com que os alunos utilizam o computador, verifica-se que 12 alunos usam-no até duas horas, cinco alunos não o utilizam, quatro alunos utilizam esta tecnologia entre duas e quatro horas por dia e só dois alunos referiram que o utilizam mais do que cinco vezes. Assim, um grande número de alunos prova que tem um à-vontade grande com o computador. Ao analisarmos a frequência com que os alunos utilizam o telemóvel, concluímos que este é usado mais de cinco horas por dia por 15 alunos, seis alunos referiram que o utilizam entre duas e quatro horas e apenas três alunos utilizam-no até duas horas por dia. Verifica-se, por isso, que existe uma grande utilização dos telemóveis por parte destas crianças, demonstrando-se até uma certa dependência na utilização desta tecnologia, até porque nenhum dos alunos inquiridos referiu que não utiliza o telemóvel, ou seja, todos têm pelo menos um telemóvel. Em relação à frequência com que os alunos utilizam o tablet, verifica-se que 16 alunos não utilizam esta tecnologia, sete alunos utilizam-no até duas horas por dia e apenas um aluno utiliza o tablet mais do que cinco horas por dia. Assim, verifica-se que um grande número de alunos não utiliza o tablet, mas podemos atribuir a esta falta de utilização a utilização excessiva do telemóvel.

O inquérito à utilização da consola de jogos mostra que 13 alunos utilizam-na até duas horas por dia, nove alunos não a utilizam e apenas dois estudantes utilizam-na mais do que cinco horas por dia. A utilização superior a cinco horas diárias é preocupante, porque se os alunos têm aulas das oito horas às 13 horas, quer dizer que faltam 11 horas para o dia terminar, dessas 11 horas, mais do que cinco horas são passadas a jogar consola, ou seja, só sobram cinco horas para outras atividades, o que nos deve levar a refletir, nomeadamente pais, encarregados de educação e professores.

Figura 2

A frequência com que usam cada tecnologia



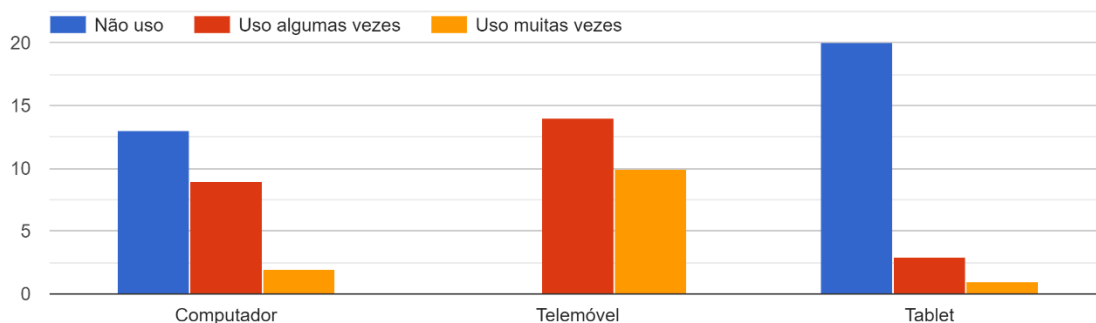
Depois, questionei os alunos, sobre a utilização do computador, telemóvel e tablet em sala de aula (figura 3).

Os resultados foram os esperados, tendo em conta as atividades desenvolvidas na disciplina de TIC ao longo do período e as atividades que realizei nas duas turmas. 20 alunos referiram que não utilizam o tablet, o que vai ao encontro da escassa utilização desta tecnologia pelos alunos fora da escola e porque o tablet não foi utilizado por mim.

O computador é também utilizado poucas vezes em sala de aula: 13 alunos referiram que não utilizam, nove utilizam algumas vezes e apenas dois estudantes utilizam muitas vezes (não existiu uma atividade em que fosse necessário o computador). A tecnologia mais utilizada em sala de aula é o telemóvel (utilizaram inúmeras vezes para realizar jogos interativos) e todos os alunos revelaram que o utilizam na sala de aula. Isto indica que o telemóvel é mais utilizado devido à facilidade de utilização, quase intuitiva, desta tecnologia por parte dos alunos e docentes.

Figura 3

A frequência com que usam cada tecnologia em sala de aula

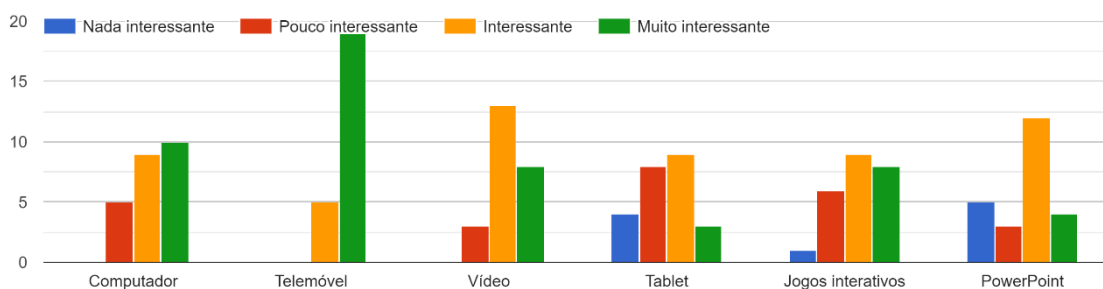


A respeito do interesse por cada recurso tecnológico utilizada em sala de aula (computador, telemóvel, vídeo, tablet, jogos interativos e *PowerPoint*) a figura 4 mostra que, para os alunos, o computador, o telemóvel e o vídeo são os mais interessantes, com o claro destaque para o telemóvel. A obtenção deste dados visou responder à questão secundária: “Qual a perceção dos alunos em relação à utilização das TIC em sala de aula?”

Relativamente ao tablet, mostraram alguma resistência face a este recurso, pois nove alunos consideram-no interessante, oito pouco interessante e apenas três alunos olham para esta tecnologia como sendo interessante dentro da sala de aula (existe uma igualdade entre estas opiniões e a utilização desta tecnologia, já que também três alunos referiram que a utilizam algumas vezes, o que pode indicar que foram os mesmos alunos que responderam em ambas as perguntas). Os jogos interativos são interessantes para a maioria dos alunos, apenas um aluno referiu que esta tecnologia não é interessante. Por fim, o *PowerPoint* é um recurso que para apenas cinco alunos não é interessante o que contrasta com a opinião dos restantes 19 inquiridos.

Figura 4

O grau de interesse dos alunos por cada recurso tecnológico



Foi pedido aos alunos que sugerissem atividades que gostariam de realizar dentro da sala de aula com recurso a uma tecnologia à sua escolha. Tratou-se de uma questão aberta na qual foi possível aos alunos escreverem as suas ideias. A figura 5 mostra as diferentes opiniões dos alunos. Muitos deles referiram que gostavam de jogar jogos interativos, outros referiram que gostavam de jogar mais jogos interativos com o recurso ao telemóvel, mas as atividades como o *Kahoot* e o *Plickers* também foram mencionadas.

Alguns alunos referiram que queriam ter mais trabalhos de grupo e utilizar mais vezes o computador dentro da sala de aula, outros referiram que não sabiam o que escrever na resposta pedida. Durante a minha intervenção nas duas turmas de 6.º ano, procurei utilizar diferentes jogos interativos, vídeos e outros recursos para que os alunos aprendessem mais e para irem além dos conhecimentos presentes no manual, o *Kahoot* e o *Plickers* foram dois deles.

Figura 5

Atividades que gostavam de realizar em sala de aula com o recurso a uma tecnologia

<i>Gostava de fazer a atividade dos computadores.</i>	5 %
<i>PowerPoint.</i>	5 %
<i>O telemóvel para jogar jogos interativos.</i>	5 %
<i>Jogos com os telemóveis.</i>	5 %
<i>Fazer mais jogos interativos com o telemóvel.</i>	5 %
<i>Gostaria de usar telemóvel para fazer um quiz.</i>	5 %
<i>Telemóvel, jogos sobre a matéria.</i>	5 %
<i>Jogos interativos.</i>	5 %
<i>Monopoly com tecnologias e perguntas de HGP.</i>	5 %
<i>Usar um computador na sala de aula.</i>	5 %
<i>Utilizar jogos interativos.</i>	5 %
<i>Fazer desenhos no Photoshop.</i>	5 %
<i>Fazer trabalho de grupo nos computadores.</i>	5 %
<i>Não tenho.</i>	5 %
<i>Não tenho sugestões.</i>	5 %
<i>Jogar jogos, gravar, tirar fotos.</i>	5 %
<i>Uso dos computadores.</i>	5 %
<i>Não sei.</i>	5 %
<i>Kahoot ou jogos interativos.</i>	5 %
<i>O telemóvel.</i>	5 %

De seguida, pedi aos alunos a sua opinião sobre a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula (figura 6). Esta questão visou contribuir para perceber qual a perceção dos alunos em relação às TIC em sala de aula.

Todos os alunos referiram que concordavam com esta utilização, o que mostra que os alunos estão recetivos à utilização das TIC. Destaca-se, de seguida, as opiniões de alguns alunos:

- (i) “Muito Bom”;

- (ii) “Penso que é um bom recurso de aprendizagem pois aprendemos mais rápido”;
- (iii) “Penso que são um bom recurso pois são divertidos e é uma maneira de aprendermos mais rápido”;
- (iv) “A utilização destes recursos ajuda e que é interessante usar alguma tecnologia”

Figura 6

O que pensam sobre a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula

Penso que é mais interessante do que estar só ao manual.

Acho interessante o uso de tecnologias, porque com as tecnologias aprende-se muito mesmo.

Penso que é um bom recurso de aprendizagem pois aprendemos mais rápido.

Penso que são um bom recurso, são divertidos e é uma maneira de aprendermos mais rápido.

Acho que é divertido pois podemos aprender com diversão e mais facilmente.

São fixes.

Penso que ajuda.

Acho que é importante as crianças aprenderem a mexer nisso porque muito provavelmente vão trabalhar com isso no futuro.

Bom porque ensina de maneira diferente.

Bom, muito para ser mais divertido.

Acho importante quando é necessário.

Gosto de jogar jogos interativos.

Muito Bom.

Bons e dá para aprender mais.

Acho bem porque podemos aprender de outras maneiras.

É fixe.

Fixe, é ótimo jogar os jogos do professor.

Acho fixe.

É interessante usar alguma tecnologia.

Bom para aprender.

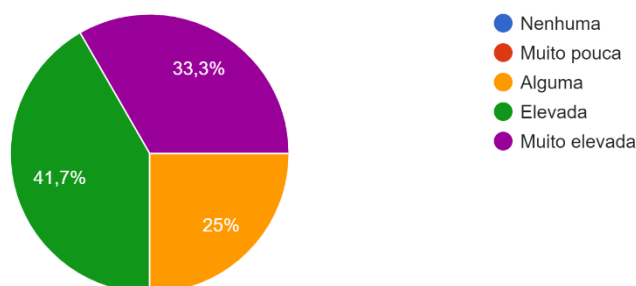
Muito boa ideia!

Por outro lado, questionei os alunos sobre o seu grau de motivação para a disciplina de HGP (figura 7). Nenhum aluno indicou que não estava motivado ou tinha pouca motivação, o que demonstra predisposição para o estudo dos conteúdos desta disciplina. Seis estudantes, 25 % dos inquiridos, indicaram que têm alguma motivação,

dez alunos (41,3 %) assumem uma elevada motivação e oito alunos (33,3 %) indicaram que têm uma motivação muito elevada. Estes resultados apontam para uma notória motivação para a disciplina de HGP.

Figura 7

O grau de motivação para a disciplina de HGP

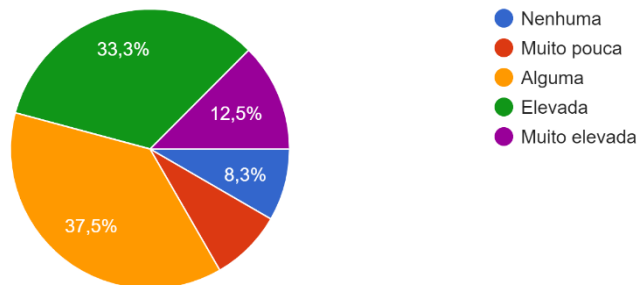


Foi igualmente importante questioná-los acerca do grau de motivação que têm para uma aula de HGP em que apenas o manual físico é utilizado (figura 8). Esta pergunta, bem como a seguinte, sobre o grau de motivação com a utilização apenas do manual físico e das TIC respetivamente, pretenderam dar resposta à questão secundária: “Qual o impacto das TIC na aprendizagem dos alunos?”

Aqui as percentagens alteraram-se: dos 33,3 % dos inquiridos que relevaram ter uma motivação muito elevada para a disciplina de HGP, passou-se para 12,5 %, ou seja, de oito alunos muito motivados passou-se para apenas três inquiridos. Por fim, dois alunos (8,3 %) indicaram que tinham muito pouca motivação e outros dois alunos (8,3 %) indicaram que não tinham motivação para uma aula só com a utilização do manual, ou seja, o método de trabalho utilizado pelos professores influencia os alunos na sua motivação.

Figura 8

O grau de motivação para uma aula de HGP (apenas manual físico)

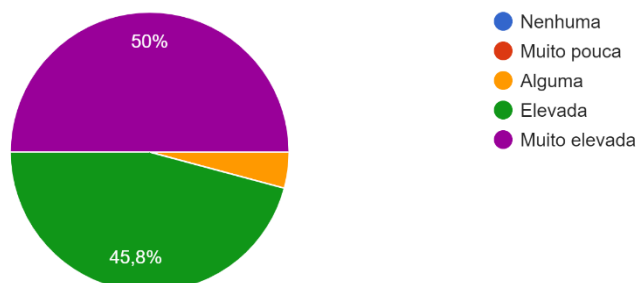


Por outro lado, à pergunta “No que se refere ao método de ensino, assinala a tua motivação para uma aula de História e Geografia de Portugal sabendo que na aula serão apenas utilizados recursos tecnológicos como, por exemplo, o *PowerPoint*, um vídeo ou um jogo virtual interativo” (figura 9), 50 % dos inquiridos (12 alunos) referiram que estariam altamente motivados para esta aula, 45,8 % (11 estudantes) referiam que tinham uma motivação elevada. Apenas um aluno referiu que tinha alguma motivação para esta aula.

Com este gráfico e com o anterior, é possível concluir que os alunos estão mais motivados para uma aula em que se recorre à utilização das TIC do que a uma aula em que só é utilizado o manual.

Figura 9

O grau de motivação para uma aula de HGP (apenas recursos tecnológicos)



Por fim, questionei os alunos se tinham alguma sugestão. Com esta pergunta pretendi que os alunos dessem sugestões para o meu futuro enquanto docente, para que também pudesse avaliar o meu trabalho e se estava a ir ao encontro das suas expectativas. Os resultados foram os esperados porque já tinham manifestado algumas opiniões no decorrer das sessões. Os estudantes referiram:

- (i) “Trabalhos de grupo mais vezes”;
- (ii) “Tudo está ótimo”;
- (iii) “Fazer mais *quizzes*”;
- (iv) “A tecnologia incentiva e ensina mais. Sim eu acho que é sempre mais entusiasmante e foca-nos no ensino e é mais rápido.”

Figura 10

Sugestões das crianças

Mais jogos interativos com recursos tecnológicos.

Os estagiários darem-nos aulas novamente.

Pode usar um pouco mais de tecnologias em sala de aula.

A tecnologia incentiva e ensina mais. Eu acho que é sempre mais entusiasmante e foca-nos no ensino e é mais rápido.

Fazer trabalho em grupo mais vezes.

Fazer mais quizzes.

Está tudo ótimo.

8.3 Resultados e análise do questionário aos futuros professores

Neste ponto apresentam-se os resultados do inquérito realizado a alunos da Escola Superior de Educação de Lisboa do último ano do mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º CEB e do último ano do mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º CEB.

Este questionário aos futuros professores foi realizado para conhecer as suas opiniões sobre as TIC, sobre a sua utilização em sala de aula e porque é que as utilizam ou não, e quais as suas opiniões sobre o que motiva os alunos para a aprendizagem. Foi-

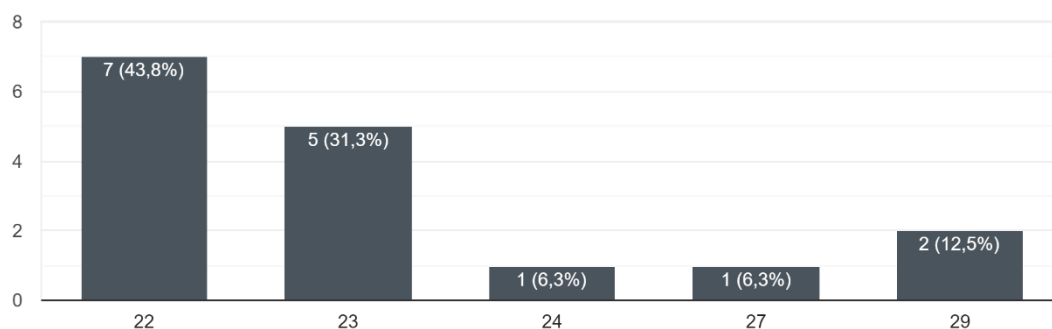
lhes igualmente pedidas sugestões sobre atividades e recursos digitais. Julgo ser de extrema importância perceber o que pensam os futuros professores sobre as TIC, não só para mais facilmente conseguirmos com que os alunos adquiram competências importantes para o seu presente e futuro, mas também para que os alunos adquiram aprendizagens que sejam significativas. Tal dependerá sempre das metodologias que os professores aplicarem, mais expositivas ou mais centradas no aluno.

Assim, será feita uma breve análise às respostas dos 16 colegas que em tempo útil responderam ao questionário/formulário.

Posto isto, participaram 15 elementos do sexo feminino e um do sexo masculino, todos no último ano de mestrado, com idades compreendidas entre os 22 e os 29 anos.

Figura 11

Idade dos futuros professores que participaram no inquérito



De seguida, questionei sobre o que eles pensam sobre as TIC. Tratou-se de uma pergunta aberta, pois quis levantar as suas opiniões. Saliento, a seguir, algumas dessas respostas, que podem ser lidas na figura 12:

- (i) “Bastante positivo e enriquecedor para a aprendizagem. Muito motivante para os alunos”;
- (ii) “As TIC são fundamentais para estarmos inseridos no mundo atual, facilita muito a comunicação, pesquisa e recolha de informação, entre outros”;
- (iii) “Penso que são recursos cada vez mais importantes, não só para cativar os alunos, mas também, para enriquecer a aprendizagem”;

- (iv) “Muito importantes, uma vez que as tecnologias fazem parte, inevitavelmente, da nossa vida, logo demonstra-se essencial o ensino e a aprendizagem da sua utilização e nada melhor para praticar do que utilizar no dia a dia, de uma forma equilibrada (algo que deve ser monitorizado por adultos)”;
- (v) “Na minha opinião as TIC, atualmente, são essenciais no trabalho de sala de aula”;
- (vi) “As TIC são sem qualquer dúvida um recurso valioso na sala de aula. Para além de pertencer ao nosso quotidiano, são fatores de motivação para a aprendizagem basilar a qualquer sala de aula e a sua ausência reflete-se nas aprendizagens e motivação das crianças”.

Claramente, as TIC são muito valorizadas pelos futuros professores inquiridos. As suas respostas refletem a importância que as TIC e referem que a utilização das TIC em sala de aula, para os alunos são mais motivadoras.

Figura 12

Algumas opiniões dos futuros professores sobre as TIC

Acho que são muito úteis e utilizadas da forma correta podem ser um veículo muito interessante de aquisição de aprendizagens significativas.

São uma boa estratégia para motivar os alunos.

São uma ótima forma de comunicar e de dinamizar as aulas.

As TIC são um bom recurso para motivar os alunos para a aprendizagem.

Fazem todo o sentido na era tecnológica em que vivemos, mas o seu uso deve ser complementado com outros recursos.

Que são um excelente recurso para utilizar no dia a dia, seja na escola ou noutra instituição.

Que são muito úteis e importantes.

De seguida, fiz a seguinte pergunta: “O que pensas sobre a utilização dos recursos em sala de aula?” Não foi possível colocar todas as repostas numa só figura, por isso, decidi mencionar algumas aqui no texto, fazer uma análise sucinta e, posteriormente, apresentar outras respostas dadas na figura 13.

Os futuros professores referiram, por exemplo:

- (i) “As TIC são fundamentais em sala de aula, aproxima os alunos da realidade”;
- “Acho que promove aprendizagens mais significativas”;

- (ii) “Essencial nos dias de hoje, os alunos deveriam desde cedo aprender a lidar com as tecnologias de uma forma equilibrada”;
- (iii) “É uma mais-valia, uma vez que permite a dinamização de aulas que vão ao encontro das vontades das crianças, uma vez que o mundo cada vez está mais tecnológico”;
- (iv) “Julgo que, efetivamente, ajudam a motivar os alunos, pois permitem a utilização de materiais mais apelativos e também de outros recursos que tornam o ensino mais dinâmico e no qual as crianças têm um papel mais ativo”;
- (v) “Muito importante, uma vez que permitem dinamizar as aulas de uma forma diferente, suscitar a motivação para a aprendizagem e ainda são recursos muito úteis para o trabalho de um/a professor/a”.

As respostas denotam que, para os meus colegas, as TIC contribuem para aprendizagens significativas e que o fator motivação é muito importante. É interessante ler que os estudantes de mestrado, apesar de não o referirem taxativamente, já começam a ter a ideia de que estamos a ensinar os nossos alunos para um dia terem empregos que ainda não foram inventados.

Figura 13

Algumas respostas à pergunta: O que pensas sobre a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula?

Bastante oportuno e adequado.

As TIC são fundamentais em sala de aula, aproximam os alunos da realidade.

Uma grande mais valia, ótimas e ilimitadas possibilidades.

Acho que promovem aprendizagens significativas.

Essencial nos dias de hoje, os alunos deveriam desde cedo aprender a lidar com as tecnologias de uma forma equilibrada.

Penso que nos são bastante úteis.

Acho que é cada vez mais importante a sua utilização.

Considero uma boa estratégia.

Depois, fiz mais uma outra questão: “Na tua opinião, o que motiva os alunos para o estudo das diferentes disciplinas e dos diferentes conteúdos?”

Novamente é possível colocar todas as repostas numa só figura, por isso, decidi mencionar algumas aqui no texto, fazer uma análise sucinta e, posteriormente, apresentar outras respostas na figura 14. Assim, referiram:

- (i) “Serem implicados no ensino, a abordagem dos conteúdos com recurso a exemplos do seu quotidiano (por vezes os conteúdos trabalhados são muito abstratos), realização de trabalhos de grupo, utilização de jogos e plataformas digitais cujo objetivo seja a progressão das aprendizagens dos alunos e não o mero divertimento”;
- (ii) “A relação que o professor faz dos conteúdos para o dia a dia do aluno e a realização de jogos, dinâmicas e desafios”;
- (iii) “Proximidade. De forma geral gostamos de nos identificar com tudo, é isso que nos motiva e é o mesmo para os/as alunos/as. Sentirem que fazem parte do ensino aprendizagem”;
- (iv) “O tipo de material de apoio a que recorremos acaba por estimular os alunos e, conseqüentemente, mantê-los mais concentrados”.

É interessante ler que, apesar de não terem sido mencionadas as TIC, muitos mestrandos referiram que a motivação parte deles, o que revela que as TIC motivam os alunos e têm um papel importante no exercício da docência. Outro fator importante deve-se ao papel que o aluno tem dentro da sala de aula, se se trata de um agente passivo ou ativo tendo em conta as suas aprendizagens, percebe-se que para alguns a democratização do ensino e o reforço do papel do aluno são aspeto muito importantes na regulação das aprendizagens.

Figura 14

Opinião dos futuros professores sobre a motivação dos alunos

O entusiasmo do professor, estratégias diferentes de abordar os temas, atividades mais estimulantes.

Ir ao encontro dos seus interesses e a capacidade de se conseguirem relacionar com os conteúdos.

Proporcionar aos alunos atividades de pesquisa, de descoberta e de exploração, e jogos didáticos.

As TIC, a metodologia de trabalho de projeto, recursos personalizados que vão ao encontro dos seus interesses...

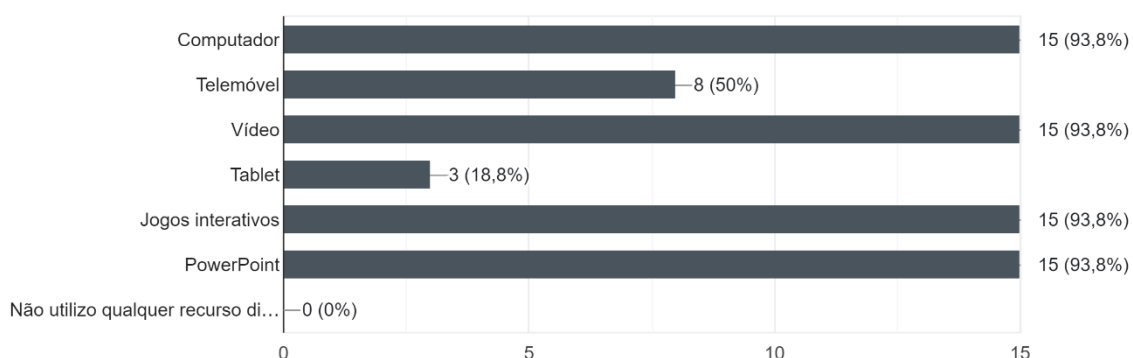
Os recursos utilizados e a abordagem aos mesmos.

O uso de recursos diversificados.

Todos os inquiridos referiram que utilizaram recursos tecnológicos durante as suas intervenções. Através da análise da Figura 16 é possível perceber que, praticamente, todos os mestrandos utilizam o computador, o vídeo, os jogos interativos ou o *PowerPoint*. Em sentido contrário, o telemóvel e o tablet são menos usados. Depreende-se que o tablet seja menos utilizado porque o telemóvel é uma tecnologia que tem muitas semelhanças com o tablet.

Figura 15

Quais os recursos tecnológicos mais utilizados pelos futuros professores



Para a última questão, perguntei aos inquiridos se tinham mais alguma informação para partilhar. Um dos colegas referiu aplicações como o *Padlet*, o *Geogebra*, o

MathLearningCenter e o *Hypatiamat*. Com exceção das duas primeiras, que utilizei durante a minha formação na ESELx, as outras eram-me desconhecidas, por isso decidi procurar quais as vantagens de cada aplicação: O *Padlet* é uma ferramenta de organização e criação de projetos pessoais; o *Geogebra* é um *software* matemático que combina a geometria, a álgebra e o cálculo; o *MathLearningCenter* é uma aplicação em que os professores propõe problemas e investigações aos alunos e onde estes podem partilhar as suas opiniões; e o *Hypatiamat* trata-se de um projeto que visa promover o sucesso escolar dos alunos no Ensino Básico e combater o insucesso na Matemática.

Por fim, o *Plickers* é uma aplicação muito interessante para alunos e professores, porque os alunos só precisam de ter nas suas mãos um *Qr Code* impresso numa folha. Cada lado do *Qr Code* tem uma letra (A, B, C ou D), por isso, as perguntas são projetadas no quadro e as alíneas têm uma letra, quando um aluno sabe a resposta e pretende responder, basta virar a letra correta para cima. O professor através do seu telemóvel lê o código e durante a projeção do jogo os alunos têm a possibilidade de ver as respostas corretas e as da turma. Com este jogo, o professor consegue perceber quais os conteúdos que devem ser trabalhados com mais atenção e aqueles que não ficaram consolidados.

Figura 16

Sugestão de atividades ou recurso digital

Scratch.

Jogo do Plickers.

Plickers é uma boa aplicação para realizar avaliação formativa a partir de questionários e ao contrário do Kahoot que implica que os/as alunos/as tenham telemóveis, quer apenas o telemóvel do/a docente e a impressão de folhas com

QRCODES.

Polypad e Nearpod.

Para o ensino da História existem inúmeros DVD que explicam os diferentes conteúdos com recurso a histórias e que geralmente motivam os alunos. No ensino da Matemática, os robots educativos são um recurso muito interessante e que permite explorar inúmeras competências.

8.4 Análise do jogo interativo (revisão de conteúdos)

Após a análise dos questionários, neste capítulo pretendo referir os resultados obtidos pelos alunos numa atividade de revisão para o último teste do 2.º período que realizei com as duas turmas de 6.º ano. Esta atividade foi pensada para que eu e os alunos percebêssemos se as suas aprendizagens relativas a alguns conteúdos ficaram concretizadas. As perguntas foram escritas com base nos conteúdos que estivemos a trabalhar ao longo de algumas sessões, com base nos *PowerPoints* que foram criados por mim e com base em outras atividades que realizámos ao longo das semanas.

À medida que as perguntas foram surgindo projetadas no quadro branco e os alunos foram respondendo, foi possível perceber quais alunos que tinham respondido incorretamente. Isto fez com que os alunos no seu caderno escrevessem (por minha indicação) a pergunta com a resposta correta, para posteriormente estudarem em casa. Para explicar os conteúdos que surgem neste jogo, foram utilizados *PowerPoints*, vídeos importantes sobre os conteúdos, jogos interativos com recurso ao *Plickers*, *Kahoot* e *Wordwall*, áudios, e os vídeos e imagens da plataforma Escola Virtual. O manual só foi utilizado para os alunos realizarem determinados exercícios importantes.

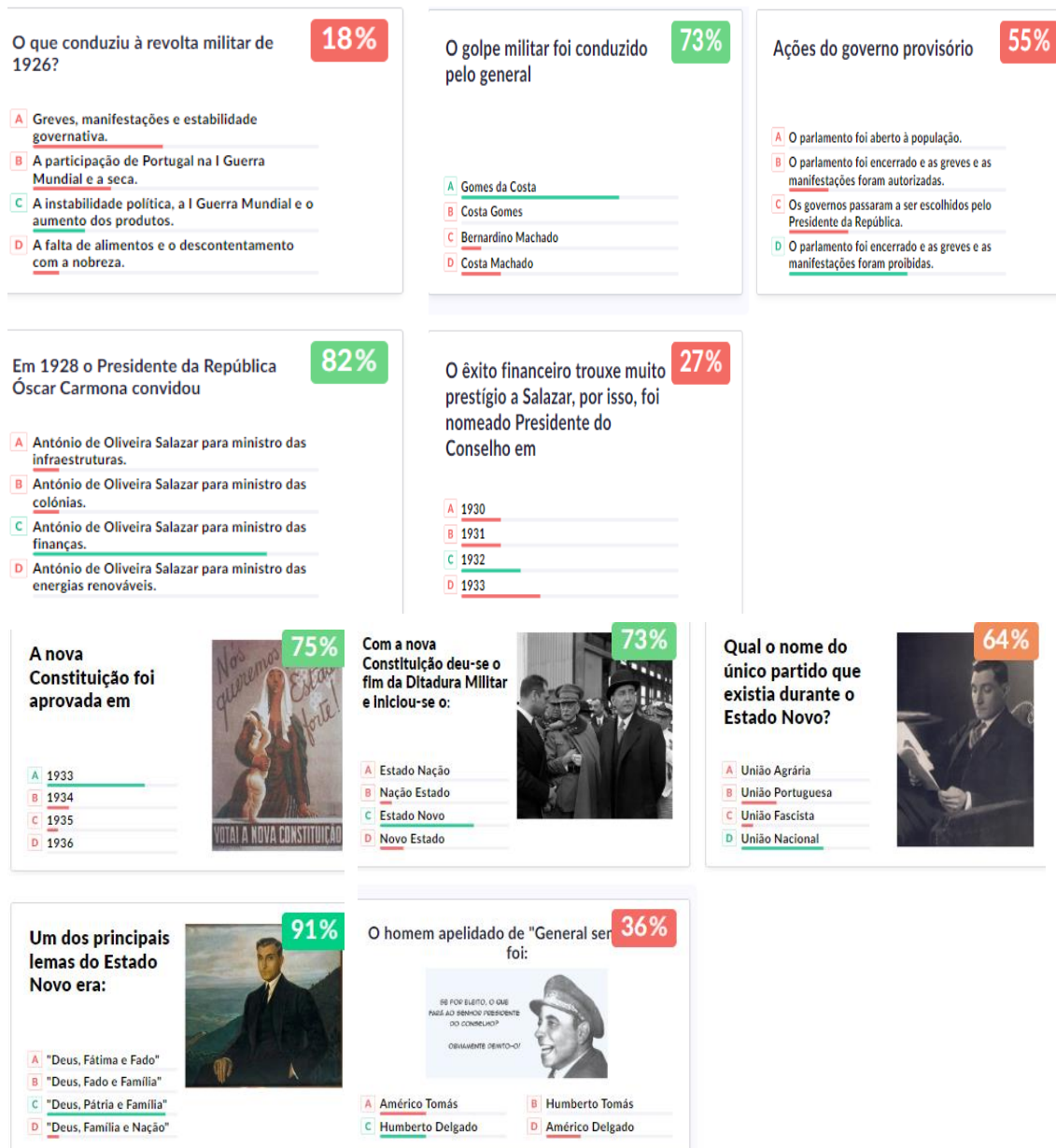
Através da observação dos resultados dos alunos, é possível perceber algumas diferenças ao nível das aprendizagens.

Os resultados dos 14 alunos da turma Y (Figura 16) demonstram algumas dificuldades na assimilação dos conteúdos do início da ditadura militar, que se iniciou em 1926. À primeira pergunta, “O que conduziu à revolta militar de 1926?”, a percentagem de acerto foi de apenas 18 %, ou seja, apenas dois alunos acertaram nesta questão que foi trabalhada inúmeras vezes em sala de aula. Através da análise dos resultados é possível perceber que, apesar da utilização sistemática das TIC, os alunos continuaram sem aprender alguns conteúdos, nomeadamente as ações do governo provisório após a revolta militar de 1926, o ano em que Salazar foi nomeado presidente do Conselho, o nome do único partido que existia durante o Estado Novo e qual o nome daquele que ficou conhecido como “General sem medo”. Nestes conteúdos, os alunos estiveram abaixo do esperado, e houve mesmo alguns, com reconhecidas capacidades, que erraram, o que foi frustrante de observar porque sabiam (o nervosismo também pode ter provocado o erro).

A percentagem de acerto não passou dos 64 %, ou seja, nove alunos acertaram. Em relação aos outros conteúdos (figura 17), é possível perceber que os alunos conseguiram obter melhores resultados.

Figura 17

Jogo interativo de revisões: Perguntas e resultados dos alunos da turma Y.



Como se pode observar na figura 18, os resultados da turma X foram mais satisfatórios. Os alunos demonstraram que têm os conteúdos bem consolidados e entenderam as questões, apesar de alguns enganos, enquanto que os alunos da turma Y revelaram bastantes dificuldades por, principalmente, falta de concentração e de hábitos de estudo (um ponto que foi alertado pela professora cooperante).

Figura 18

Jogo interativo de revisões: Perguntas e resultados dos alunos da turma X

O que conduziu à revolta militar de 1926? 100%

- A Greves, manifestações e estabilidade governativa.
- B A participação de Portugal na I Guerra Mundial e a seca.
- C A instabilidade política, a I Guerra Mundial e o aumento dos produtos.
- D A falta de alimentos e o descontentamento com a nobreza.

O golpe militar foi conduzido pelo general 100%

- A Gomes da Costa
- B Costa Gomes
- C Bernardino Machado
- D Costa Machado

Ações do governo provisório 100%

- A O parlamento foi aberto à população.
- B O parlamento foi encerrado e as greves e as manifestações foram autorizadas.
- C Os governos passaram a ser escolhidos pelo Presidente da República.
- D O parlamento foi encerrado e as greves e as manifestações foram proibidas.


Em 1928 o Presidente da República Oscar Carmona convidou 91%

- A António de Oliveira Salazar para ministro das infraestruturas.
- B António de Oliveira Salazar para ministro das colónias.
- C António de Oliveira Salazar para ministro das finanças.
- D António de Oliveira Salazar para ministro das energias renováveis.

O êxito financeiro trouxe muito prestígio a Salazar, por isso, foi nomeado Presidente do Conselho em 100%


- A 1930
- B 1931
- C 1932
- D 1933

A nova Constituição foi aprovada em 100%




- A 1933
- B 1934
- C 1935
- D 1936

Com a nova Constituição deu-se o fim da Ditadura Militar e Incluiu-se o: 91%




- A Estado Nação
- B Nação Estado
- C Estado Novo
- D Novo Estado

Qual o nome do único partido que existia durante o Estado Novo? 100%




- A União Agrária
- B União Portuguesa
- C União Fascista
- D União Nacional

Um dos principais lemas do Estado Novo era: 100%



- A "Deus, Fátima e Fado"
- B "Deus, Fado e Família"
- C "Deus, Pátria e Família"
- D "Deus, Família e Nação"

O homem apelidado de "General ser" foi: 100%



- A Américo Tomás
- B Humberto Tomás
- C Humberto Delgado
- D Américo Delgado


8.5 Resultados da avaliação sumativa dos alunos: Antes e durante a intervenção em contexto de PES II.

Para compreender se o impacto da minha intervenção, enquanto estagiário foi positivo no desempenho pedagógico das turmas, fiz uma análise comparativa dos resultados obtidos em dois testes sumativos aplicados à turma Y e à turma X onde intervim.

Através da análise da Tabela 2 é possível perceber que a evolução dos resultados obtidos do 1.º para o 2.º testes aponta para uma melhoria generalizada das notas de todos os alunos, melhoria essa de 30,4 pontos percentuais, ou seja, através do recurso às TIC que apliquei e com a minha intervenção foi possível observar uma evolução positiva nas aprendizagens dos alunos.

Tabela 2

Resultados dos alunos antes (teste 1) e depois (teste 2) da utilização das TIC em sala de aula: Turma Y

TURMA Y	TESTE 1	Nota quantitativa	Evolução com o método de trabalho utilizado pelo estagiário: 	TESTE 2	Nota quantitativa	Evolução positiva dos resultados da turma em 30,4 pontos percentuais
A.N	32	Insuficiente		Ñ FEZ	Mt Insuficiente	
C.D	31	Insuficiente		94	Muito Bom	
D.P	36	Insuficiente		Ñ FEZ	Mt Insuficiente	
G.A	Ñ FEZ	Mt Insuficiente		88	Bom	
J.B	67	Suficiente		100	Muito Bom	
J.L	16	Mt insuficiente		70	Bom	
L.S	71	Bom		Ñ FEZ	Mt Insuficiente	
L.V	Ñ FEZ	Mt Insuficiente		88	Bom	
M.R	80	Bom		94	Muito Bom	
M.Z	71	Bom		79	Bom	
M.B	43	Insuficiente		70	Bom	
P.S	53	Suficiente		68	Suficiente	
S.L	76	Bom		70	Bom	
T.S	51	Suficiente	88	Bom		
14 alunos	Média:		Média:			
	52,3%		82,6%			

Legenda:
Percentagem: 0% a 100 %
Nota quantitativa:
Muito Insuficiente: 0 % / 19 %
Insuficiente: 20 % / 49 %
Suficiente: 50 % / 69 %
Bom: 70 % / 89 %
Muito Bom: 90 % / 100 %

Relativamente à turma X, as TIC já estavam a ser utilizadas antes da minha intervenção e os resultados mostram que não houve uma grande alteração das notas com a utilização que eu também fiz das TIC., é possível observar os resultados muito positivos apresentados na Tabela 3. No total, apenas um aluno desceu de Muito Bom para Bom (de 92,5 % para 86 %) e dois alunos subiram as suas notas de Bom para Muito Bom, ou seja, apesar das TIC estarem a ser bem implementadas pelo professor, a minha intervenção veio acrescentar valor à prática pedagógica.

Tabela 3

Resultados dos testes 1 e 2 da Turma X

TURMA X	TESTE 1	Nota quantitativa	Evolução com o método de trabalho utilizado pelo estagiário ↓	TESTE 2	Nota quantitativa	Evolução positiva dos resultados da turma em 1,5 pontos percentuais
B.A	96	Muito Bom		95	Muito Bom	
C.A	53,5	Suficiente		72	Bom	
G.S	96	Muito Bom		100	Muito Bom	
L.C	91	Muito Bom		90	Muito Bom	
M.Q	92,5	Muito Bom		86	Bom	
M.Q	98	Muito Bom		97	Muito Bom	
M.A	89	Bom		93	Muito Bom	
R.B	98	Muito Bom		94	Muito Bom	
R.P	95	Muito Bom		93	Muito Bom	
T.D	100	Muito Bom		96	Muito Bom	
V.B	82	Bom		92	Muito Bom	
11 alunos	Média:		Média:			
	90,1%		91,6%			

Legenda:
Percentagem: 0% a 100 %
Nota quantitativa:
Muito Insuficiente: 0 % / 19 %
Insuficiente: 20 % / 49 %
Suficiente: 50 % / 69 %
Bom: 70 % / 89 %
Muito Bom: 90 % / 100 %

9. CONCLUSÕES

| " | | " |

Encerra-se o estudo com a análise global dos resultados obtidos e os constrangimentos sentidos durante o desenvolvimento do mesmo.

Em primeiro lugar, este estudo teve como tema principal “A utilização das TIC no estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º CEB”. Depois, foi definida uma questão problema e foram criadas questões secundárias, após isto foram definidas as estratégias metodológicas para responder às questões. Em relação ao tema desta investigação comprovam-se as diferenças entre a utilização e a não utilização das TIC em sala de aula para a aprendizagem de conteúdos.

As respostas dadas pelos professores, na entrevista realizada nos primeiros dias de observação, mostraram diferentes opções metodológicas. Relativamente aos inquéritos, estes apontam para o facto de que os alunos estão bastante motivados para a aprendizagem dos conteúdos da disciplina de HGP; as aulas com o recurso às TIC são para eles mais motivadoras; os alunos gostam de utilizar as TIC em sala de aula, dão sugestões de atividades e revelam as suas preferências quando questionados sobre determinados recursos digitais.

Através da análise dos resultados do jogo interativo de revisões de alguns elementos das duas turmas de 6.º ano é possível chegar à conclusão de que as turmas são bastante diferentes, apesar de o método de trabalho durante a intervenção para as duas turmas ser igual. A utilização das TIC, segundo Almeida (2010),

[...] pode fortalecer a conceção de currículo centrado em conteúdos prescritos associados ao ensino por meio de métodos instrucionais baseados na distribuição de materiais didáticos digitalizados, no reforço da lógica disciplinar e na avaliação sumativa. (p. 1)

O mesmo autor refere, ainda que as TIC

potencializam a comunicação multidirecional, a representação do conhecimento por meio de distintas linguagens e o desenvolvimento de produções em colaboração com pessoas situadas em distintos tempos e lugares, evidenciando possibilidades de superação da abordagem alicerçada em princípios da organização, racionalização e divisão do trabalho. (Almeida, 2010, p. 1)

O ensino não possui um método global, não se assume como estático e adapta-se aos alunos, por isso, cabe ao professor adaptar os seus métodos e ser “[...] um facilitador, que procura ajudar a que cada um consiga avançar no processo de aprender”. (Moran, et al., 2009, p. 15). Assim, com a aplicação de questionários de revisão de conteúdos (através de uma plataforma interativa), é importante que o professor faça uma breve análise dos resultados com a turma e que nas sessões seguintes volte aos conteúdos que não ficaram tão bem apreendidos pelos alunos. O jogo demonstrou as fragilidades relativas aos conteúdos estudados ao longo das sessões.

Procurei inovar, no sentido de sair da rotina (da turma Y) e criar atividades que fossem enriquecedoras com a intenção de contribuir para a aprendizagem dos alunos. Um dos êxitos dos processos de ensino está na exploração das inúmeras potencialidades das ferramentas tecnológicas que devem ser adequadas ao ritmo de aprendizagem de cada um dos alunos numa prática mais centrada no aluno. Sancho (2006), refere, assim, que a busca pela criação/ inovação direciona a prática educacional e que precisa de uma infraestrutura adequada e o investimento nas capacidades do aluno em adquirir a sua própria educação. Refere que dar a hipótese ao aluno de pesquisar uma determinada informação é dar-lhe inúmeras possibilidades de aprendizagem de novos saberes.

Depois, percebi através do questionário feito aos mestrandos que assumem as TIC importantes em contexto de sala de aula. Percebi igualmente que utilizaram recursos tecnológicos na sua prática rompendo com o ensino tradicional da pura passagem de informação. A este propósito, Rokhyati (2016) refere:

What the teacher needs to do is to be creative in choosing and using the media literacy so that it will help the students achieve the best result in learning writing. When it is done, it will make the students learn in various ways. It gives the students more interesting activities and more learning experiences. (p. 116)

A escolha dos recursos que são utilizados em sala de aula têm de ser adequados, de modo a surtir um determinado efeito e é fundamental que tenham a informação pertinente, pretende-se que um aluno ganhe experiência na utilização de determinados recursos tecnológicos.

Por outro lado, esta investigação demonstrou que as TIC são recursos muito importantes para os alunos e para professores, capazes de promover aprendizagens que levam os alunos a descobrir mais informações, sempre com um olhar crítico perante uma informação nova porque, muitas vezes, a informação que aparece e/ou consultada na Internet não é a mais correta.

Percebi que o uso do manual e a simples exposição de informação não é o método mais motivador para os alunos, estes desejam utilizar as tecnologias para aprender mais e adquirir novas aprendizagens. As estratégias associadas à utilização das TIC podem dar um contributo fundamental para o processo de ensino dos professores e para o processo de aprendizagem dos nossos alunos, a melhoria nos resultados da turma Y exemplificam isso mesmo.

Após uma cuidada análise dos resultados obtidos no segundo teste de avaliação sumativo é possível retirar algumas conclusões significativas que salientam que a utilização de recursos como as TIC em sala de aula potenciam o desempenho dos alunos refletindo-se nos resultados. A turma X utilizou as TIC de forma contínua em sala de aula e os resultados obtidos na avaliação foram sempre bastante positivos. Na turma Y, quando observamos os resultados obtidos no primeiro teste e depois no segundo, conclui-se que com a utilização das TIC de forma constante o impacto da sua utilização foi muito positivo e os resultados do segundo teste assim o comprova.

Com todos resultados e conclusões deste estudo, é possível responder à questão-problema - De que forma as TIC podem ajudar os alunos no estudo da História e Geografia de Portugal? -, afirmando-se que as tecnologias potenciaram as aprendizagens dos alunos levando-os a adquirirem mais conhecimentos e aprendizagens significativas.

Por fim, apontam-se os constrangimentos sentidos ao longo do desenvolvimento do estudo: o pouco tempo para a aplicação dos questionários; a necessidade (e a vontade) de um maior período temporal de intervenção, que faria com que tivesse um grupo de controlo e um grupo experimental; a demora na entrega das autorizações de participação no estudo por parte de alguns alunos também fez com que a aplicação do questionário atrasasse e o número de alunos que participaram no questionário podia ter sido maior, mas alguns não entregaram a tempo as autorizações e outros os encarregados de educação não deixaram que participassem.

REFLEXÃO FINAL

| | " | | " |

Esta investigação teve um impacto importante e muito positivo na minha formação enquanto aluno e futuro professor, pois está a terminar a minha formação inicial e com isto surgem novos desafios ainda mais difíceis e motivadores. Refletir sobre o trabalho desenvolvido nesta investigação é muito importante, tal como sobre o contributo da experiência desenvolvida na PES II nos dois ciclos de ensino. Considero crucial para o meu desenvolvimento. Pude perceber que os métodos de ensino não podem ser estáticos, podemos incorporar diversas estratégias para que os alunos aprendam. Com esta investigação não pretendo que os manuais sejam abandonados e que as TIC sejam usadas em todas as aulas, mas sim demonstrar que o acrescento de inovações na Educação pode ser uma mais-valia para os alunos.

A experiência desenvolvida nos estágios da PES II foi muito importante, estes estágios foram os primeiros em que a Covid-19 não foi um problema, pela primeira vez, pude cumprir os estágios do princípio ao fim sem qualquer constrangimento a esse nível, o ensino foi sempre presencial e nunca à distância o que fez com que eu vivesse a experiência de ser professor em, praticamente, todas as dimensões. Foi ali que eu pude colocar em prática o conhecimento que adquiri ao longo da formação inicial nas didáticas, percebi que alguns escritos, durante a prática, desenvolvem-se de maneiras diferenciadas, o que é na teoria por vezes não ocorre na prática, porque os alunos são pessoas individuais e que precisam de determinados estímulos e processos de ensino individualizados/diferentes.

Assinalei uma evolução na minha prestação entre o 2.º Ciclo e o 1.º Ciclo, a experiência que tive em ambos os ciclos foi muito rica, pude aprender bastante com profissionais muito capazes e dedicados. Nóvoa (1992), refere que

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (p. 13).

Ao longo destes últimos cinco anos pude aprender com professores fantásticos, que sempre estiveram disponíveis para esclarecer as minhas dúvidas. Os últimos 3 anos da minha formação foram anos de muito trabalho, desenvolvi práticas pedagógicas onde

estagiei em diferentes contextos, conheci muitos alunos que terão um futuro brilhante se trabalharem para isso, conheci profissionais de excelência em todos os contextos que conheci.

A experiência de fazer uma investigação desde o início até ao fim sem o apoio de uma colega de licenciatura ou mestrado foi um grande desafio, pois contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional como a capacidade de trabalho, a concentração, o esforço em prol de um objetivo, o critério e a sistematização de etapas e conteúdos para a conceção deste estudo.

Senti que nestes anos cresci imenso enquanto aluno e enquanto futuro professor, adquiri diversas competências como a minha capacidade reflexiva que necessitou de ser bastante cuidada e que envolveu um esforço adicional, porque sou uma pessoa pragmática e desenvolver o meu pensamento para posteriormente, passar para o papel sempre foi uma dificuldade, hoje continuo a ter, mas muito menos. Percebi que consigo valorizar mais o papel do aluno em sala de aula, consegui colocar-me muitas vezes no lugar do aluno para tentar aproximar-me do seu pensamento, sendo uma tarefa difícil, mas que me deu um enorme gosto. Acredito hoje que o professor deve ser mediador dos processos de aprendizagem e acredito que para além do domínio dos conteúdos, este deve mostrar aos alunos que também erra e aprender com o erro.

O apoio dos docentes desta Escola Superior de Educação de Lisboa, dos professores cooperantes, dos professores supervisores e da restante comunidade educativa, foi essencial e decisiva para a minha evolução, tendo desenvolvido competências que considerava difíceis para mim, tais como: o meu à vontade perante o público que foi aumentado aos poucos, o desenvolvimento do meu vocabulário e projeção de voz. Hoje entendo que falar alto, não proporciona momentos de acalmia, mas sim de agitação e nervosismo.

Depois, em relação a este estudo consegui reunir e sintetizar alguns dados e conclusões que vão surtir efeitos nas práticas do futuro, na pedagogia e tecnologias/recursos digitais. Consegui ultrapassar as dificuldades inerentes à execução de uma investigação destas, consegui trabalhar mais de 10 horas seguidas, consegui lutar pelo meu presente e pelo meu futuro.

Por fim, pretendo referir que este processo ainda agora começou, que irei encontrar muitas dificuldades ao longo dos próximos anos, mas tenho a certeza que adquiri ferramentas essenciais para ser um professor de excelência.

REFERÊNCIAS

| | " | | " |

- Abrantes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens no ensino básico*. Em Abrantes, P. & Araújo, F. (Coords.). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – Avaliação das Aprendizagens, das conceções às práticas*. (p. 9-15). Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.
- Afonso, N. (2014). *Investigação Naturalista em Educação*. Fundação Manuel Leão.
- Agrupamento, E. M. A. (s.d.). *Projeto Educativo 2021-2025*. Ministério da Educação.
- Almeida, M. E. B. (2010). *Web Currículo, caminhos e narrativas*. Em Anais do II Seminário Web Currículo [online].
- Caballero de Rodas, B., Escobar, C., & Masats, D. (2010). *Didáctica de las lenguas extranjeras en la Educación Secundaria Obligatoria*. Editorial Síntesis, S.A.
- Castilho, S. (2022, 2 de fevereiro). *A Educação e a natureza humana vistas pela OCDE*. Público.
- Cortesão, L. (2002). *Formas de ensinar, formas de avaliar – breve análise de práticas correntes de avaliação*. Em Abrantes, P. & Araújo, F. (Coords.), *Reorganização Curricular do Ensino Básico - Avaliação das Aprendizagens, das conceções às práticas* (p. 37-42). Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.
- Costa, F. et. al. (2012). *Repensar as TIC na educação: O professor como agente transformador*. Santillana.
- Coutinho, C. P. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. (2ª edição). Edições Almedina.
- Coutinho, M T. C. & Moreira, M. (2004). *Psicologia da Educação*. Lê S/A.
- Cruz, S. (2008). *Blogue, YouTube, Flickr e Delicious: Software Social*. Em Carvalho, A. A. A. (org.). *Manual de ferramentas da WEB 2.0 para professores*. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC. p. 15-40.
- Cunha, A. E. (2012). *Práticas Pedagógicas para a inclusão e diversidade*. 2.ed. Walk.
- Dalmás, A. (1999). *Planejamento participativo na Escola: Elaboração, acompanhamento e avaliação*. Vozes

DGE (2018a). Decreto-Lei n.º 55/2018 (2018) Diário da República, 1ª Série, n.º 129, 6 de julho de 2018. Consultado a 15 de junho de 2022, em: https://www.erte.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/TIC_curriculo/dl55_curriculo_dos_ensinos_basico_e_secundario_e_os_principios_orientadores_da_avaliacao_das_aprendizagens.pdf

DGE (2018b). Despacho n.º 6944-A/2018 Gabinete do Secretário de Estado da Educação. Diário da República, 2ª Série, n.º 138. Consultado a 15 de junho de 2022, em: https://www.erte.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/TIC_curriculo/dl55_curriculo_dos_ensinos_basico_e_secundario_e_os_principios_orientadores_da_avaliacao_das_aprendizagens.pdf

DGE (2018c). Despacho n.º 6944-A/2018 Gabinete do Secretário de Estado da Educação. Diário da República, 2ª Série, n.º 129. Consultado a 16 de junho de 2022, em: <https://files.dre.pt/2s/2021/07/129000001/0000200003.pdf>

Dias, A. (2016). *História e Desenvolvimento de Competências na Educação Básica: A experiência da ESELx, da Investigação às Práticas*. p. 63-90.

Dias, A & Hortas, M.J. (2006). *Textos de apoio – Especificidades do Ensino da História e Geografia*. Escola Superior de Educação de Lisboa.

Drew, F., Olds, R., Olds, JR. e Henry F. (1994). *Como motivar os seus alunos: Atividades e métodos para responsabilizar os alunos*. Plátano Editora.

Duarte, M. (2019). *Um estudo sobre os usos criativos do smartphone e da Internet na disciplina de História da Cultura e das Artes*. [Projeto de Intervenção para obtenção de grau de mestre em Educação Artística com especialização nas Artes Plásticas em Educação.]. Escola Superior de Educação de Lisboa. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/11035>

Ferreira, J. C., Ferreira, N. F. (2021). *Análise, descoberta, comunicação e participação – interseções da história e das práticas artísticas na formação de professores da Escola Superior de Educação de Lisboa*. Em Ferreira, N. M. & Nunes, C.(Eds.) *Diversidades, educação e inclusão*. (pp. 25-48) Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa. <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.090>

- Goldani, A., Togatlian, M. A., Costa, R. A. (2010). *Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola*. Epapers,
- Latorre, A., Rincon, D, Arnal, J. (1996). *Bases metodológicas de la investigación educativa*. Hurtado Ediciones.
- Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., Encarnação, M. M., Horta, M. J., Calçada, M. T., Nery, R., & Rodrigues, S. (2017). *Perfil Dos Alunos À Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação.
- Marturano, E. M. (1998). *Ambiente familiar e aprendizagem escolar*. Legis Summa.
- Ministério da Educação. (2018a). *Aprendizagens Essenciais - 4.º ano*. Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2018b). *Aprendizagens essenciais de História e Geografia de Portugal - 5.º ano*. Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2018c). *Aprendizagens essenciais de História e Geografia de Portugal - 6.º ano*. Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2018d). *Tecnologias da Informação e Comunicação - 5.º ano*. Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2018e). *Tecnologias da Informação e Comunicação – 6.º ano*. Ministério da Educação.
- Moran, J. M., Masetto, M. T., Behrens, M. A. (2009). *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Editora Papirus.
- Moretto, T. (2015). *As tecnologias móveis no ensino da matemática*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa/Instituto de Educação). Consultado a 15 de junho de 2022, em URL: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23658/1/ulfpie051049_tm.pdf
- Nóvoa, A. (1992). *Formação de professores e profissão docente*. Dom Quixote.
- OECD. (2018, 5 de abril). *The future of education and skills Education 2030*. França.
- Prats, J. (2014). *Didáctica de la Geografía y la Historia*. Editorial Graó.

Peralta, M. H. (2002). *Como avaliar competência(s)?* Em Abrantes, P. & Araújo, F. (Coords.), *Reorganização Curricular do Ensino Básico - Avaliação das Aprendizagens, das conceções às práticas*. (p. 27-33). Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais* (J. Marques, M. Mendes & M. Carvalho, Trad.). Gradiva.

Rodrigues, D. (2000), O paradigma da educação inclusiva – Reflexões sobre uma agenda possível. *Revista Inclusão*, n.º 1, IEC. Universidade do Minho.

Rokhyati, U. (2016). Multiliteracies in a Writing Class. *English Teaching Journal*. p. 110-117.

Roldão, C. M., (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – As questões dos professores*. Editorial Presença.

Sancho, J. M. (2006). *Tecnologias para transformar a Educação*. ArtMed.

Vieira, V. & Esteves, M. (2017). *Tecnologias de informação e comunicação: desafios e perspectivas para a geografia escolar*. Em Ponte, C., Dodero, J. M., Silva, M. J. (2017) *Atas do XIX Simpósio Internacional de Informática Educativa e VIII Encontro do CIED – III Encontro Internacional*. (p. 157-162) CIED – Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.

Zuin, A. A. (2016). *A autoridade pedagógica em tempos de cultura digital*. Educação e Filosofia. p. 745–769.

<https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.01026801.v29n58a2015-p745a769>

ANEXOS

| " " | | " "

ANEXO A - ENTREVISTA
COMPLETA AOS PROFESSORES
COOPERANTES DO 2.º CICLO

| | ' ' | | ' ' |

Professor cooperante

1. Há quanto tempo é que é professora, neste ciclo de ensino?

R: Neste ciclo de ensino este é o meu terceiro ano.

2. E há quanto tempo está nesta escola?

R: No meu primeiro ano.

3. Relativamente ao agrupamento, o que é que pensa da forma de funcionamento do Agrupamento?

R: Acho que o agrupamento de uma forma geral funciona bem, no entanto acho que da mesma forma que está aberto a receber-vos enquanto estagiários, o que acaba por ser um aspeto positivo, no sentido que vocês trazem sempre inovação, acho que o próprio Agrupamento poderia em si, às vezes arriscar um bocadinho mais e ser mais inovador. Há determinadas áreas em que ainda é demasiado tradicional.

4. Existe trabalho colaborativo entre os professores?

R: Sim, ainda que não obrigatório. Muitos de nós partilhamos as mesmas turmas e acabamos por fazer esse trabalho. Por exemplo, este ano já trabalhámos em conjunto, mas já fizemos trabalho colaborativo com cidadania, ciências, português, ev e et, em que vamos falando e realizando projetos em conjunto.

5. Como é que planifica a sua intervenção em termos de materiais a utilizar?

R: Geralmente a minha planificação é feita de uma forma mais abrangente possível. Eu seleciono por período, aquilo que quero trabalhar naquele período, depois vou acompanhando pelo manual ou pelos outros recursos que estiver a utilizar nas aulas, quer sejam roteiros de leitura, ou documentos como mapas ou frisos, Depois vou fazendo planificações de semana a semana. Nós de duas em duas semanas temos reuniões, semana sim semana não de HGP e na outra semana temos de português, então vamos vendo com os colegas onde cada um vai, o que estão a trabalhar e acabamos por trocar algumas ideias

que nos permite às vezes modificar as nossas próprias planificações ou pensar em determinadas atividades de outra forma.

No entanto tenho noção que as nossas planificações não são tão exaustivas como as que a ESELX quer que nós façamos. No entanto acho que é foi o trabalho de fazer uma planificação tão exaustiva, que nos permite depois ter alguma agilidade para fazer planificações mais simples.

6. Quais os recursos que utiliza ao longo das aulas?

R: Utilizo além do manual, *PowerPoints*, vídeos, documentos, algumas atividades mais interativas (*Kahoots* e afins), fichas feitas por mim ou que eu adaptei. Como é realizada a avaliação dos alunos, para além dos testes? Há recursos que gostava de implementar, mas que não vou conseguir implementar este ano, por exemplo a português gostava de criar fichas para o PIT, para fazerem trabalho autónomo, mas isso requer ter essas fichas prontas e sinceramente ainda não estou perto de ter a quantidade de fichas que quero.

7. Como é realizada a avaliação dos alunos, para além dos testes?

R: 40% da avaliação são chamadas as atitudes e valores e os outros 60% são trabalhos e testes, sendo que 40% testes e 20% outros trabalhos. Eu quando incluo testes, normalmente chamo avaliação porque podem ser testes, questões aula. Tudo o que eu conseguir recolher acabo por levar. Todos os dias quando chego a casa, abro as tabelas e há uma coluna relativa à participação deles, em que eu avalio a prestação deles. Embora isso conte para atitudes e valores, eu incluo esta coluna nos 20%. A meu ver devíamos dar menos valor aos testes e mais valor ao trabalho que é desenvolvido em aula. Os testes são muito limitativos para todo o trabalho que é feito ao longo das aulas.

8. Realiza alguma prática de diferenciação pedagógica? Se sim como é feita?

R: Eu tento ao máximo que os produtos que eu faço e lhes entrego sejam o mais abrangente possível para abarcar os alunos e as suas especificidades. Dá-me muito mais trabalho produzir um recurso que eu saiba que vai dar resposta à maior parte dos alunos.

Se calhar um vai fazer uma parte melhor, mas sei que todos conseguem contribuir de alguma forma para aquele recurso.

Depois, há casos muitos específicos que requerem ter um plano individual, e tal como eu já comentei convosco, ainda estamos à espera de relatório e de apoio e que muitas vezes não tendo acaba por depender ou da adaptação do recurso em si ou do apoio do aluno a partir de outro aluno. Tento evitar o adaptar e adaptar, porque acabamos por criar grupos segregados que os estamos a separar e eles só estão na mesma turma. Prefiro que eles façam o mesmo trabalho para quando discutimos a informação, que haja a oportunidade de alunos diferentes poderem cruzar a informação.

9. Há algum caso que seja mais crítico nas turmas ou requeira um acompanhamento mais próximo/individual?

R: Sim. Nesta turma, os alunos que estão sentados na fila da frente e nestes dois lugares, foram sentados assim propositadamente. São alunos que têm 3 medidas universais e 3 seletivas. Temos o caso da aluna A. que devia passar para medidas adicionais e que estamos a espera para resolver esta situação.

Na turma E temos alunos que precisam, mas têm uma taxa de absentismo muito elevada. O aluno J, já arranjou trabalho nem deve voltar. Já têm idades avançadas comparadas com o resto da turma e como faltam muito, depois têm dificuldade em acompanhar a restante turma.

10. Como é feita a gestão de conflitos?

R: É muito à base de criar assembleias de turma, sendo que este é o primeiro ano que tenho no horário, hora para trabalhar assuntos de direção de turma com a turma. Realizamos então estas assembleias onde eles partilham o que se passou durante a semana. Têm também um diário virtual onde podem partilhar comigo no teams embora raramente seja utilizado. Há um gabinete na escola onde nos avisam sempre que alguém da turma dá entrada nesse gabinete, geralmente é porque levou alguma advertência.

Eu semanalmente tento recolher essa informação e lanço-lhes essas questões. Abro sempre espaço para que sejam eles a partilhar, prefiro q sejam eles a partilhar comigo o que aconteceu, e não gosto de tomar decisões sem falar com os alunos antes.

11. Como caracteriza a sua relação com os alunos?

R: Eu tento que seja uma relação o mais próxima possível, em que percebam que não seja um amigo da idade deles, sou alguém em quem podem confiar e conversar, porque o professor também tem este papel de criar um espaço onde eles se sintam seguros.

12. Quais as potencialidades e as fragilidades da turma D e da turma E? (a nível mais geral, e mais específico no Português e em HGP)

R: A turma D, são alunos participativos, são bastante interessados e reivindicativos. E eu alimento esta parte deles e esta discussão, o que pode tornar as aulas mais confusas, mas acho preferível, é bom que abra espaço para que eles vão falando e trocando ideias. Em termos de fragilidades tem a ver sobretudo com a relação turma, enquanto grupo-turma não funciona da melhor forma, há muitas quezílias entre os pequenos grupos. Torna-se muito caótica a gestão. A grande fragilidade mais do que adquirir ou aplicar conhecimentos, passa muito pelo saber estar.

No 6º E as fragilidades são a aplicação dos conhecimentos, embora eles sejam interessados. São alunos com mais dificuldades, mas temos a vantagem de serem empenhados e interessados, funcionam muito melhor como grupo turma, embora refilem muito uns com os outros.

A nível do Português as potencialidades na outra turma, ao nível da interpretação e compreensão dos textos, fragilidades ao nível da gramática (muitas). Ao nível do HGP, eles a temporalidade até funciona, ao nível da espacialidade têm mais fragilidades, ao nível da contextualização e do cruzamento e do tratamento de informação também é muito frágil. As perguntas têm que ser muito diretas para se obter uma resposta.

No 6º D ao nível de PT, têm potencialidades ao nível da compreensão dos textos, leitura, gramática. As fragilidades são sobretudo na escrita, eles até sabem escrever, mas não sabem estruturar um texto como deve de ser.

Ao nível de HGP as fragilidades são sobretudo ao nível da espacialidade, tudo relacionado com a Geografia custa-lhes mais, a análise de mapas por exemplo, sinto que eles já estão melhores, mas ainda há um trabalho a ser feito.

13. A escola desenvolve projetos com o objetivo de estimular a aprendizagem dos alunos?

O projeto UBUNTO que trabalha a inteligência emocional e a consciência do eu enquanto membro inserido no grupo. Eles têm outros projetos, que embora aparentemente não fomentem a aprendizagem académica, acabam por fomentar o crescimento deles enquanto indivíduos e enquanto grupo. Muitos projetos estão em standby pela pandemia.

14. Se pudesse mudar algo na escola ou nos processos educativos, o que mudaria?

Apostaria sobretudo na digitalização e modernização dos recursos, utilização do telemóvel na sala de aula que eu tento fomentar, mostrar que existe formas didáticas de o utilizar

15. Existe algum outro aspeto que considera ser relevante ser mencionado e que ainda não foi referido?

R: Penso que não, estou a contar com a vossa disponibilidade e ideias e não tenham medo de experimentar.

Professora cooperante

1. Há quanto tempo é que é o professor, dá aulas neste ciclo de ensino?

Eu sou licenciada em duas áreas, tirei português e inglês no terceiro ciclo e secundário, depois fui fazer outra licenciatura, outra pós graduação em português e história no segundo ciclo, portanto, neste ciclo devo estar há 11 ou 12 anos. Realmente, é o ciclo que eu gosto, há dois anos estava no 2.º ciclo de manhã e à tarde no 3.º ciclo miúdos mais crescidos.

2. E há quanto tempo está nesta escola?

Eu vim aqui parar este ano, mas estive cá à 7 anos, voltei/regressei aqui à Marquesa de Alorna, por isso, já conheço alguns colegas e voltei agora que se correr bem, vou ficar aqui os três anos, mas estou sempre aqui na mesma zona perto de casa.

3. Relativamente ao agrupamento, o que pensa da forma de funcionamento do Agrupamento?

Há 7 anos ou desde há 7 anos, eu acho que houve coisas que não evoluíram e tenho realmente pena, a parte burocrática que devia ser tudo já informatizado e não é tudo ainda com papel. Por exemplo, há escolas em que eu tenho o email do centro de cópias/reprografia e enviamos os testes, enviamos as fichas e tiram as cópias e nós só temos de as ir buscar e aqui não, aqui temos sempre de ir com a folha impressa e temos de ir à reprografia tirar fotocópias, portanto, eu podia estar a trabalhar em casa a trabalhar ou no fim de semana e enviar, na segunda feira já estar pronto e não, tenho de estar sempre preocupada em imprimir uma semana antes, ou antes para deixar (porque tenho de lá passar) porque há horários que eu não estou de acordo e já vamos falar sobre isso, também é uma das coisas que eu critico e não acho correto é a organização do horário.

Há partes em que eu tenho disponibilidade para ir pôr as fotocópias e não está a funcionar. Há situações que nos dificultam e temos de arranjar sempre estratégias não é e pensar que agora vou ter de imprimir ou faço o exercício em casa ou o teste e tenho de imprimir e venho aqui e imprimo aqui, mas depois tenho de ir à reprografia levar a folha. O que era uma coisa tão rápida, que nós enviamos por email, já estava feito, nós até dizemos que seria frente e verso e quantas cópias, e temos de andar sempre com papéis.

Acho que de uma forma geral acho que se parou não desenvolveram nesse sentido, a parte dos Diretores de Turma é tudo só muito papel. Andamos sempre com os papéis. Os RTPs que até podia vir informatizado e nós até alguma coisa íamos lá colocando e não digitalizam a folha, o papel, mesmo para ler no computador há partes que não está muito visível se fosse tudo feito com computador era muito mais fácil. Agora com as novas tecnologias, poderia ter evoluído.

4. Existe trabalho colaborativo entre os professores?

Nós trabalhamos muito entre professores, trocamos muitos materiais trabalhamos em equipa quase, eu trabalho com o meu colega porque nós só temos turmas de 6.º ano em Português e História então eu trabalho com o meu colega nós fazemos as nossas reuniões sabemos o que eles estão a fazer, trabalhamos todos em conjunto. Há trabalho colaborativo isso é verdade, mas há certas coisas como a comunicação que devia passar

para nós enquanto Diretores de Turma há alguma informação que nós é que temos de ir atrás dela, não nos chega tão facilmente, mas isso são coisas que nós pronto sabem o que é são direções que já estão muito enraizadas, já têm uma certa idade e se viesse sangue novo, se calhar já haveria outra maneira de trato, outro trato diferente, mas pronto são coisas que nós vamos nos adaptando e com a nossa experiência, olha não fazemos desta forma, fazemos de outra, temos de nos ir adaptando com a realidade que temos, sabemos que as escolas são diferentes, é sempre uma novidade.

5. Como é que planifica a sua intervenção em termos de materiais a utilizar?

Quando nós pegamos em planificações de raiz e fazemos de raiz é diferente, nós chegámos aqui e já havia planificação e depois aqui no Agrupamento querem que nós continuemos a trabalhar assim desta forma então eu peguei na planificação anual e depois vou gerindo também tendo em conta os tempos letivos organizo os conteúdos, vejo o manual porque aqui realmente exigem que nós trabalhemos o manual, vocês vão ter a liberdade de trabalhar e fazer outras coisas porque realmente é uma crítica que os pais faziam que gastavam dinheiro e depois não era utilizado nas aulas e aqui claro que trabalhamos o manual e fazemos por isso, mas também se tivermos de arranjar outro tipo de material, outros textos podemos fazer.

O que está sempre em causa é o número de fotocópias que podemos tirar porque já sabemos que o ensino público tem sempre esta desvantagem não é, há sempre coisas que vamos ter de ir remediando. Planeamos principalmente as primeiras aulas em conjunto e depois vamos falando entre colegas o que estás a dar, o que eu estou a dar e depois fazemos reuniões todas as semanas numa semana é a reunião de Português, na outra semana é a de História nós aproveitamos essas reuniões para dar um *feedback* daquilo que estamos a fazer e o que estamos a pensar dar, é um trabalho colaborativo, nunca estamos sozinhos o que nos dá um conforto, sou adepta de partilhar e de enviar.

6. Quais os recursos que utiliza ao longo das aulas?

Muito manual, mas eu trabalho muito a parte da editora online, portanto eu vou buscar os PowerPoints, arranjo filmes, porque claro que estamos a lidar com crianças que tudo para eles é uma seca, nós temos que os motivar e não podemos estar só virados para o

manual tanto a História como a Português. O que tentamos sempre fazer é colocar alguns materiais que sejam apelativos ou engraçados para introduzir conteúdo e isso eles gostam, tento mostrar um videozinho, mas isto dá trabalho, procurar, fazer, tudo isso depois vamos variando os materiais, mas principalmente o manual porque o Agrupamento pede o manual sim.

Depois, temos o complemento do caderno de fichas de português que é obrigatório, o que História não porque tem um destacável no final do manual e eles vão fazendo porque agora pagasse tudo à parte e é tudo mais caro, depois há pais que não têm essa possibilidade, não nos podemos esquecer que é uma escola TEIP que também tem outras dificuldades, tem outro tipo de alunos e nós temos de chegar a esses miúdos. São miúdos muito queridos, mas têm muitas necessidades. Há pais que não têm a possibilidade de comprar as obras que são trabalhadas. O que nós fazemos é requisitamos na biblioteca e levamos para eles e às vezes colocamos na plataforma Teams para irem lendo em formato digital, vamos ajudando no que pudermos.

7. Como é realizada a avaliação dos alunos, para além dos testes?

Para além dos testes nós avaliamos muito com o que eles fazem em aula, logo no primeiro dia de aulas quando fazemos a apresentação, eu falo dos critérios de avaliação eu digo, porque o trabalho de casa eles fazem em casa e não sei se são eles que o fazem ou têm ajudas, nós claro depois vamos conhecendo os alunos e vamos vendo os que têm manha os que não têm, mas realmente o trabalho que eles têm de mostrar ao professor é na aula e muitos temos de puxar por eles porque não participam e o nosso objetivo é chamá-los a todos e realmente quando avaliamos é à base de testes, participação/observação direta, agora optámos também por fazer questões de aula para eles consolidarem alguma parte da matéria, porque nós temos a noção que só estudam para os testes, quer dizer andam ali como nós dizemos a passear os livros durante aquelas semanas e depois quando têm teste isto andam com o livro eu até lhes vou dando algumas estratégias que eles podem ir fazendo para um estudo mais regular, não é só os testes, mas principalmente a observação direta.

Depois, além dos testes por domínios para os testes não serem muito extensos e assim fica mais fácil para eles estudarem, nós também fazemos a parte da oralidade, avaliamos a oralidade, audição como verem/ouvirem um vídeo e responderem às questões.

8. Há algum caso que seja mais crítico nas turmas ou requeira um acompanhamento mais próximo/individual?

A situação da covid foi uma situação muito complicada, vimos que havia realmente miúdos que precisavam de apoio extra, mas por causa do covid não é possível porque há pais que não podem pagar um centro de estudos, então eu achava que eles tinham mesmo de ir porque era uma mais valia o único apoio que há é também ao nível da professora do ensino especial, alunos que precisem mesmo que tenham medidas para o ensino especial, nós vamos também vendo aqueles miúdos que precisam de mais atenção, algo mais crítico nós também vamos conhecendo os miúdos e vamos tentando fazer logo uma intervenção logo de imediato, ver logo a problemática e avançar.

9. Quais as potencialidades e as fragilidades da turma Y? (a nível mais geral, e mais específico em HGP)

Eu já falei com a Diretora de Turma, a turma Y são miúdos que não estudam, mesmo que nós digamos têm de estudar a página, nunca sabem nada, acho que é uma turma muito 8 ou 80 e ali é muito 8, temos de quase fazer o pino para chamar à atenção, para eles trabalharem, a fragilidade da turma é a falta de estudo e de trabalho, é a turma que mais tem faltas de trabalho de casa, há poucos, 4 ou 5 que trazem, os outros não, não sei se tem a ver como os pais interagem, não sei, vejo-os muito á vontade, não vejo uma aproximação dos pais e que estejam a ver o que eles fazem, se há um estudo.

Eu pensei na questão de aula mais para eles para ver se eles estuda, porque chego ao dia da questão de aula e eles dizem que não estudaram nada, se estivessem atentos à aula ficava ali qualquer coisa, é uma turma muito básica nesse sentido. Tudo o que eu seja manualmente eles fazem, mas no português e HGP eles até acham piada a História, mas noto que é falta de trabalho, de estudo, de rigor, falta-lhes muito tempo destinado ao estudo, eles não têm. Na história eles têm mais dificuldade na parte do espaço e da geografia, nós vamos trabalhando de forma cronológica, nós na geografia trabalhamos o

espaço e eu noto que eles não sabem, por exemplo, onde fica Portugal, onde fica a América, não têm noção do espaço, não sabem o que é o norte e o sul, nós tivemos a dar o desenvolvimento das estradas e eles não sabem o que é o litoral e o interior, eu tenho de estar sempre a explicar o que é. A 1.^a Guerra Mundial há histórias que eles gostam, o Regicídio, há coisas que eles vão gostando.

A noção do espaço é a maior dificuldade. As potencialidades há miúdos que eles bem orientados até são capazes de fazer, mas temos de andar sempre em cima deles, temos casos muito complicados e depois levam os outros, tivemos de entrar quase a matar no início do ano porque eles achavam que “Vocês estão aqui para passar tempo como no ATL”. Eles passaram pelo quinto ano, chegam ao 6.^o ano, são muito infantis, temos de puxar por eles, o responder vê-se que são muito infantis, temos miúdos que não abrem a boca, participação por iniciativa própria não há temos de puxar por eles, ando sempre a puxar por eles. Eles têm sempre muitas dúvidas e precisam sempre de muita ajuda.

10. Como é feita a gestão de conflitos?

É preciso ter um bom jogo de cintura, dependendo de cada Agrupamento há regras que temos de seguir, aqui a gestão de conflitos o que eu noto, a maior dificuldade é um problema entre eles, está-se a perder o relacionamento afetivo, eles não sabem brincar entre eles, eles não sabem falar, eles berram, eu noto que estes conflitos até são interiores, é muito do que se passa lá fora, eles transportam para dentro da sala de aula e nós temos de gerir aquilo tudo. A Covid veio estragar isto, agora estas idas e vindas não têm sido benéficas para eles. Eles vêm mais ansiosos, pouco tolerantes, qualquer coisa entram em choque não propriamente com o professor, apesar de, serem miúdos com dificuldades e com dificuldades financeiras, são perturbadores porque falam muito, mas essa é a necessidade de intervirem e até de falarem entre eles. É essa a gestão que enquanto professores temos de fazer em sala de aula, quando falo em gestão de conflitos é algo que pode levar a um exagero e catapultar, mas aí já sabemos o que temos de fazer que é chamar a funcionária e mandá-los para o GIPS, falam com o aluno redige o que fez ou o que aconteceu e depois vem um professor com o aluno para a sala e vê como é que ele se comporta, como atua e se pedem desculpa ao professor, avaliamos essa parte da gestão de conflitos, para tentarem perceber o que deveriam fazer.

O GIPS (Gabinete de Intervenção Psico Social) é um gabinete que trabalha a parte emocional, intervenção com as famílias, competências socio emocionais, tudo o que possam imaginar.

11. Como caracteriza a sua relação com os alunos?

Eu tento passar alguns valores, a proximidade entre professor e aluno dá-lhes um à vontade para virem ter comigo e falarem qualquer coisa, claro que eles gostam sempre de esticar o elástico, chegar ao limite, mas eu acho que a relação é bastante afável, além de haver um respeito que é criado no dia a dia, é importante o ter atenção para com eles, estes miúdos têm muita falta de atenção e se formos nós a dar-lhes um pouco de atenção eles acompanham, eu gosto muito de estar com eles, não é a papelada, eu gosto é de estar a dar aula, de estar com e de falar com eles, no final da aula há sempre um outro que vem dizer qualquer coisa no final da aula, é bom haver proximidade.

12. A escola desenvolve projetos com o objetivo de estimular a aprendizagem dos alunos?

Temos o projeto UMBUNTO que vocês já devem ter conhecido e que trabalha a parte social e também a parte efetiva, trabalha valores como o auto conhecimento, são miúdos que também propomos para integrarem este projeto, trabalhamos com o projeto de educação para a saúde para eles fazerem uma aprendizagem, por exemplo, falámos da saúde e trabalhámos a parte da alimentação Projeto de Educação para a Saúde e estivemos a assistir a chefes de cozinha a realizarem os pratos e que tipo de alimentos é que deviam ser consumidos e foi engraçado porque os miúdos gostam de perceber, não é só os conteúdos, é também orientá-los para a vida, para o dia-a-dia e fizemos uma exposição desses trabalhos e o PES é muito dinâmico. Agora vai haver a semana dos afetos em que eles vão ter de decorar a sala e vamos precisar das vossas ideias.

13. Se pudesse mudar algo na escola ou nos processos educativos, o que mudaria?

A burocracia, deixamos até de procurar outros conteúdos, outros materiais até muito mais dinâmicos, porque estamos sempre com um papel, então com os Diretores é muito

complicado, deixamos de ser professores para ser secretários, quase administrativos, nós somos professores, eu gosto é de estar com os miúdos.

Depois, a parte do processo educativo como a gestão do recrutamento como é que temos turmas sem professores, tudo isto também vai influenciar negativamente o processo educativo, há turmas sem professores é complicado. Mudaria os horários, os intervalos que também são muito importantes para nós para falarmos de outras coisas e mal temos tempo para isso e também para os miúdos brincarem e andarem à vontade.

14. Existe algum outro aspeto que considera ser relevante ser mencionado e que ainda não foi referido?

É uma profissão muito bonita, eu gosto muito de ser professora, mas a pessoa já anda cansada e realmente, a idade já perdoa, há coisas que nos deitaram um pouco a baixo, o uso da máscara é horrível, o conhecer e ver as caras deles, agora não eles até pedem para baixar a máscara, aquilo que transmitimos facilmente diz muita coisa, mas pronto é uma profissão que vale a pena e depois quando os vemos mais crescidos até pediram o contacto e eles vão partilhando o progresso deles, é muito interessante e muito giro, acho que estão na profissão certa.

Mas, nem tudo é bom, temos coisas boas e coisas más, a nossa experiência vai ajudando a adaptar-nos. O que temos bom é que a maior parte das escolas onde estive, quando os grupos são bons o trabalho faz-se melhor, estamos ali todos para trabalhar para o bem comum, é mais agradável, é importante trazer um sorriso.

ANEXO B - NOTAS DE CAMPO:
2.0 CICLO

| | " | | " |

A aula foi dada à turma Y os alunos chegaram lentamente alguns atrasos e algumas faltas. A docente, primeiramente, escreveu o sumário cuja lição era a 43ª no quadro e começou por relembrar os alunos das medidas do regime liberal, foi feito algum questionamento para testar os conhecimentos dos alunos. Os alunos foram informados que no dia 27 (quinta-feira) vão fazer uma questão/ficha de aula.

Depois, a aula foi dada à X, o professor escreveu o sumário com a lição número 41 no quadro: O descontentamento com a Monarquia. Um fator curioso observado foi a utilização do telemóvel por parte dos alunos ao longo da aula, ou seja, por vezes os alunos iam ao telemóvel pesquisar informações que para eles eram importantes. Os alunos demonstraram bom comportamento. Antes do final da aula, os alunos foram informados que no dia 28 (sexta-feira) irão realizar uma ficha de aula.

A lição 56 e 57 da turma X da aula português começou com a correção dos trabalhos para casa. Os exercícios das páginas 67 a 69 foram corrigidos, com algumas pontes entre as disciplinas de português e geografia. Após a correção dos trabalhos para casa às 9:47 min, os alunos foram informados que tinham de fazer um exercício de escrita. Através da minha observação reparei que deram alguns erros ortográficos.

Depois, o mesmo professor dirigiu-se à turma Y e realizou com os alunos as mesmas atividades que deu à turma X. Estiveram presentes 15 alunos, 5 raparigas e 10 rapazes. Durante a aula, um aluno recebeu o apoio individual de uma professora e outro aluno recebeu apoio numa outra sala.

Aula de Direção de turma: O professor começou por perguntar aos alunos se estes sabiam os assuntos que seriam tratados naquela aula. Alguns foram capazes de apontar alguns acontecimentos. Os assuntos tratados na aula foram: (i) Atrasos em aulas que não eram do 1.º tempo; (ii) Eleição de um delegado interino (o delegado e o subdelegado não estavam presentes por estarem em isolamento); (iii) normas do Covid em Portugal; e (iv) faltas. Depois, fizeram a eleição do delegado interino, fizeram votos. Apesar disto, há alguns conflitos entre os alunos da turma. Os alunos têm uma boa relação com o professor, respeitam-no e são respeitados, há um sentimento de responsabilidades.

Dia 25/01

A lição número 58 da turma X. Os alunos chegaram novamente, atrasados à aula, demoraram cerca de 10 minutos até estarem calmos. O sumário foi escrito com a frase: “Escrita do texto narrativo (continuação)”.

Depois, começou a aula da turma Y de português com o mesmo sumário a Escrita do texto narrativo (continuação).

Dia 27/01

A lição número 44 da turma Y, começou com a escrita do sumário. Questão de aula 1. Desenvolvimento dos transportes e comunicações. Após a realização da questão de aula que demorou cerca de 30 minutos, a professora apresentou um *PowerPoint* com algumas informações sobre os transportes e comunicações do século XIX. Antes do final da aula, os alunos foram informados que tinham de realizar as questões 1 e 2 da página 72 do manual para complementar os conceitos dados em aula.

A aula número 16 de Cidadania começou com a escrita do sumário: A literacia financeira e educação para o consumo. Visionamento de dois vídeos sobre o orçamento doméstico. Realização de uma ficha sobre o tema tratado. A docente começou por questionar os alunos o que eles achavam que era a literacia financeira. Um aluno começou por ler um pequeno texto. Após isto, visionaram um vídeo sobre como e porque devemos poupar dinheiro. Eles têm algumas conversas paralelas. Depois, começaram a realizar a ficha de trabalho. Em conjunto discutiram as despesas que eram necessárias e as despesas supérfluas. Depois, os alunos fizeram um exercício em que tinham de calcular as despesas de dois irmãos. Ao observar os alunos, reparei que todos utilizaram o seu telemóvel para calcular os dois orçamentos.

Aula de HGP da turma X. A 42ª aula começou com a escrita do sumário no quadro branco: Revisões. Relativamente ao ensino, justiça e artes. Fizeram algumas revisões sobre os diferentes conteúdos para amanhã.

A aula de português número 58 serviu para terminar o texto narrativo que os alunos escreveram nas duas aulas anteriores. Alguns alunos terminaram antes do tempo, por isso, o docente deu a indicação que deviam realizar os exercícios 3, 4, 2, e 1 da página 226. Todos os alunos, antes do final da aula, terminaram a escrita do texto.

Dia 28/01

A lição número 45 da aula de HGP da turma Y começou com a escrita do sumário, verificação e correção do trabalho para casa e circulação de pessoas e mercadorias (rede de transportes). A professora começou por verificar quem fez o trabalho de casa (10 alunos não fizeram) e corrigiu o mesmo, fez perguntas aos alunos que fizeram o trabalho sobre as questões dos exercícios. Depois da correção dos trabalhos, a professora esquematizou no quadro a matéria com o título: Modernização das vias de comunicação e meios de transportes.

A aula número 43 de História e Geografia de Portugal da turma X começou com a leitura do teste, os alunos colocaram algumas dúvidas e as mesmas foram esclarecidas pelo professor. Ao longo dos 50 minutos os alunos fizeram o teste e entregaram-no.

A aula número 60 de português da turma X começou com a revisão do texto realizados nas aulas anteriores, os alunos partilharam a pares os textos produzidos.

Dia 31/01

A aula número 44 de História e Geografia de Portugal da turma X começou com a escrita do sumário, os meios de comunicação e resolução de exercícios da página 73 do manual. A professora começou por lembrar a matéria dada na última aula, se os alunos se lembravam da data da primeira viagem que se fez no comboio a vapor, as novas construções dos governos liberais, a rede de comunicações. Depois de dois alunos lerem uma página do manual, os alunos realizaram dois exercícios também do manual. Por fim, corrigiram.

A aula número 60 e 61 de Português da turma X começou com a escrita do sumário: Oralidade: texto informativo. Gramática: verbo principal e verbo auxiliar. Quantificador numeral. Os alunos foram informados que teriam de prestar atenção a um áudio para responderem às questões de um exercício. Os alunos ouviram três vezes e depois preencheram os espaços em branco. Depois, o docente disse para os alunos lerem e verem a página 227 que os ajuda a estudar. Realizaram os exercícios 1 e 2 da página 75. Regressaram do intervalo e continuaram a correção dos exercícios 1, 2 e 3 da página 227. Após isto, regressaram à página 71 para ocuparem-se da gramática com o verbo: tempos do modo indicativo/ verbo principal e auxiliar. Fizeram os exercícios 1 e dois e corrigiram. Os alunos tiveram a oportunidade de esclarecer algumas dúvidas, relativamente, aos verbos. Após a correção, os alunos foram informados que deviam ir à

página 230 para verificarem a tabela das subclasses do verbo e copiar para o caderno a definição de verbo principal e de verbo auxiliar.

A aula número 61 e 62 de Português da turma Y começou com a escrita do sumário: Oralidade: texto informativo. Gramática: verbo principal e verbo auxiliar. Quantificador numeral. Os alunos realizaram as mesmas tarefas que a turma anterior, há alunos que demonstram um comportamento errado/perturbador. Quando voltaram do intervalo alguns alunos foram dirigiram-se ao apoio. Os alunos demonstraram mais dificuldades na resolução dos exercícios.

A aula de direção de turma da turma X serviu para esclarecer alguns problemas que existiram na semana transata entre alunos e antes do final das aulas o professor realizou com a turma uma dinâmica em que os alunos tiveram de perceber o que tinham em comum entre eles. O professor apresentou sempre uma postura calma, séria e conciliadora ao longo da sessão e os alunos apresentaram um bom comportamento.

Dia 01/02

A aula número 62 da turma X, começou com a escrita do sumário: Leitura do texto: “A mãe volta para casa amanhã” (excerto da obra, Rosa, minha irmã Rosa, de Alice Vieira). Os alunos leram o texto, um aluno de cada vez, parágrafo a parágrafo , três alunos apresentaram dificuldades na leitura. Após a leitura do texto, o professor fez perguntas sobre o assunto do texto e em conjunto as perguntas de interpretação presentes na página 95.

A aula número 64 de PT da turma Y começou com a escrita do sumário. A planificação da aula anterior também se aplica a esta aula. Alguns alunos demonstraram dificuldades na leitura e demonstraram não estar atentos.

Dia 03/02

A aula número 47 de HGP da turma Y começou com a escrita do sumário: Questão de aula 2. As medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça. Depois da realização da questão de aula, 3 alunos leram a página 74 do manual. Por fim responderam às questões 1, 2, 3 e 4 da página 74 do manual e em conjunto fizeram a correção dos mesmos em voz alta.

A aula número 45 de HGP da turma X começou com a escrita do sumário: A revolução de 5 de outubro de 1910 e a queda da Monarquia. Os alunos assistiram a um

breve vídeo sobre a queda da Monarquia, após mais de 800 anos de Monarquia. Após isso, os alunos trabalharam com o manual, fizeram os exercícios 3 e 4 da página 11 e corrigiram em grande grupo.

A aula de PT da turma X começou com a escrita do sumário: conclusão da aula anterior. Os alunos terminaram a correção dos exercícios da página 95 iniciados na aula anterior.

Dia 04/02

A aula número 46 de HGP da turma X começou com a escrita do sumário: Entrega das avaliações e respectiva correção. Resolução e discussão de exercícios. Em primeiro lugar, o professor entregou os testes e a proposta de correção com as cotações de cada pergunta.

A aula número 48 de HGP da turma Y começou com a escrita do sumário: O fim da pena de morte e da escravatura. Resolução da ficha 7. Em primeiro lugar, alguns alunos leram a página número 75, relativamente, ao tema da pena de morte. Depois, passaram um esquema que a professora escreveu no quadro, sobre as medidas tomadas pelos liberais. Por fim, realizaram a ficha número 7, existindo a possibilidade de terminarem os exercícios em casa como trabalho para casa.

A aula número 65 de PT da turma Y começou com a escrita do sumário: conclusão da compreensão do excerto de Rosa, minha irmã Rosa de Alice Vieira. Depois, corrigiram o exercício 4, 5, 6 e 7 da página 95.

ANEXO C - POTENCIALIDADES
E FRAGILIDADES: 1.0 E 2.0
CICLOS

| " | | " |

2.ª Ciclo:

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PES II – 2º CEB (2021-2022)	Nome dos elementos do par pedagógico: - Ana Cláudia Figueiró - Diogo Madeira
--	--

Plano de Intervenção: síntese (documento de trabalho)

Potencialidades:	Fragilidades
<ul style="list-style-type: none"> • Alunos interessados, participativos e reivindicativos. • Interpretação de textos (fácil compreensão das mensagens transmitidas pelos textos) • Oralidade (mobilização de vocabulário diverso e facilidade na comunicação) • Temporalidade (localização de factos e acontecimentos no tempo). 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação grupo-turma (pouco autónomos, pouco cooperantes entre si, não aceitam diferentes pontos de vista, pouca empatia). • Planificação e Escrita de textos. • Gramática • Espacialidade (leitura de mapas e localização espacial). • Análise de fontes histórico-geográficas (mapas, imagens, gráficos).
<p>Problema: Alunos individualistas e dificuldades de cooperação na resolução das tarefas em pequenos grupos.</p>	
<p>Problemática:</p> <p>Uma prática de ensino e de aprendizagem baseada em princípios de cooperação permite desenvolver competências ao nível da leitura cartográfica e da escrita.</p>	
Objetivos Gerais	Indicadores de avaliação
OG A:	OG A (indicadores)
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver competências de leitura e interpretação cartográficas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Recolhe e organiza informação do mapa. • Identifica informações relativas ao espaço geográfico. • Contextualiza o mapa no contexto histórico-geográfico a que se reporta. • Mobiliza vocabulário histórico-geográfico na construção do conhecimento e na comunicação em História e Geografia. • Revela uma atitude crítica perante a fonte utilizada.

<p style="text-align: center;">OG B:</p> <ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a competência textual <p style="text-align: center;">OG C:</p> <ul style="list-style-type: none"> Manifestar atitudes de cooperação, respeito e empatia com os colegas. 	<p style="text-align: center;">OG B (indicadores)</p> <ul style="list-style-type: none"> Planifica textos respeitando a sua estrutura. Produz textos corretos ao nível da ortografia e da pontuação. Mobiliza vocabulário adequado ao tema abordado. Revê e melhora os textos escritos. <p style="text-align: center;">OG C (indicadores)</p> <ul style="list-style-type: none"> Realiza atividades cooperativas com os colegas quando solicitado. Tem iniciativa para a cooperação com os colegas. Faz propostas sustentadas para a resolução de problemas. Respeita a opinião dos colegas.
<p>Estratégias Gerais:</p> <ol style="list-style-type: none"> Análise e recolha de informação em diversas e diferentes fontes histórico-geográficas (mapas, imagens, esquemas, documentos escritos). Realização de análises críticas das diferentes fontes de informação e de diferentes tipos de texto. Dinamização de atividades que mobilizem a leitura e localização de fenómenos no espaço geográfico. Planificação, textualização e revisão de produções escritas (essencialmente textos narrativos e expositivos realizados de modo individual, a pares e em pequeno grupo). Dinamização de momentos de reflexão sobre as produções escritas e cartográficas. Promoção de trabalho a pares e em pequeno grupo. 	

Relação OG / EG

Estratégias Objetivos	1	2	3	4	5	6
A	X	X	X	X	X	X
B		X		X	X	X
C	X	X	X	X	X	X

1.º Ciclo:

<p>Potencialidades:</p> <p>Português:</p> <ul style="list-style-type: none"> → Leitura → Oralidade - Expressão Oral <p>Matemática:</p> <ul style="list-style-type: none"> → Unidades de Medida (comprimento, → Perímetros → Áreas <p>Estudo do Meio:</p> <ul style="list-style-type: none"> → Interesse por temas atuais → Gosto pela História de Portugal e da Europa 	<p>Fragilidades</p> <p>Português:</p> <ul style="list-style-type: none"> → Escrita de Textos → Gramática (tempos verbais) <p>Matemática:</p> <ul style="list-style-type: none"> → Cálculo Mental → Algoritmos → Resolução de problemas → Áreas <p>Estudo do Meio:</p> <ul style="list-style-type: none"> → Noção de tempo e espaço
<ul style="list-style-type: none"> → Gosto pelo desenho e pintura → Gosto pela utilização de materiais recicláveis <p>Expressão Dramática</p> <ul style="list-style-type: none"> → Exploração do Corpo e do Espaço <p>Música</p> <ul style="list-style-type: none"> → Percussão corporal <p>Educação Física</p> <ul style="list-style-type: none"> → Gosto pela atividade física <p>Competências Sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> → Comportamento adequado à sala de aula → Participativos → Empenhados 	<p>Expressão Dramática</p> <ul style="list-style-type: none"> → Improvisação → Utilização da Voz <p>Música</p> <ul style="list-style-type: none"> → Utilização da Voz <p>Educação Física</p> <ul style="list-style-type: none"> → Não foi observado <p>Competências Sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> → Cooperação/Entreajuda → Empatia → Resolução de problemas entre si

ANEXO D - AUTORIZAÇÃO DE
PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

| " " | | " "

Pedido de autorização de participação do seu educando num estudo.

Eu, Diogo da Silva Sá Madeira, aluno número 2020100 matriculado no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Lisboa encontro-me a estagiar na EB Marquesa de Alorna desde o dia 24-01-2022 até 09-04-2022 no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II.

Estou a realizar a minha tese final de mestrado, sob orientação do Professor Doutor Nuno Martins Ferreira. Intitulada “**A utilização das TIC no estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico.**” Este trabalho procura compreender de que forma as Tecnologias de Informação e Comunicação (computador; telemóvel; PowerPoint; aplicações moveis; e jogos virtuais) podem motivar os alunos para o estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º CEB.

Venho por este meio pedir o seu consentimento para que o seu educando participe no meu estudo, autorizando a recolha de dados, incluindo informação para questionários sobre a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação em sala de aula. Também será feita a comparação entre os dados recolhidos.

A informação recolhida será tratada de forma anónima e confidencial e será utilizada, exclusivamente, para o estudo.

Assinatura do investigador: _____

Nome do educando: _____

Nome do Encarregado de Educação: _____

ANEXO E - QUESTIONÁRIO
FEITO AOS ALUNOS: PAPEL

| | " | | " |

I. Identificação do aluno (a).

- Ano de escolaridade _____
- Sexo: Feminino ____ Masculino _____
- Idade _____

II. A utilização de tecnologias digitais:

1. Assinala com uma cruz (X) a frequência com que usas cada destas tecnologias:

Tecnologias	Não uso	Uso até 2 horas por dia	Uso entre 2 a 4 horas por dia	Uso mais do que 5 horas por dia
Computador				
Telemóvel				
Tablet				
Consola de jogos				

2. Assinala com uma cruz (X) a frequência com que usas cada uma destas tecnologias em sala de aula:

Tecnologias	Não uso	Uso algumas vezes	Uso muitas vezes
Computador			
Telemóvel			
Tablet			

3. Assinala com uma cruz (X) o teu grau de interesse por cada um dos seguintes recursos tecnológicos:

Tecnologias	Nada interessante	Pouco interessante	Interessante	Muito interessante
Computador				
Telemóvel				
Vídeo				
Tablet				
Jogos interativos				
PowerPoint				

4. Sugere atividades que gostavas de realizar em sala de aula com o recurso a uma tecnologia à tua escolha.
-
-

5. O que pensas sobre a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula?

III. A utilização de recursos tecnológicos na disciplina de HGP.

1. Assinala com uma cruz (X) a tua motivação para a disciplina de HGP:

Nenhuma	
Muito pouca	
Alguma	
Elevada	
Muito elevada	

2. No que se refere ao método de ensino, assinala com uma cruz (X) a tua motivação para uma aula de HGP sabendo que na aula só será utilizado o manual:

Nenhuma	
Muito pouca	
Alguma	
Elevada	
Muito elevada	

3. No que se refere ao método de ensino, assinala com uma cruz (X) a tua motivação para uma aula de HGP sabendo que na aula só serão utilizados recursos tecnológicos como, por exemplo, o PowerPoint, um vídeo ou um jogo virtual interativo:

Nenhuma	
Muito pouca	
Alguma	
Elevada	
Muito Elevada	

4. Tens alguma sugestão?

Obrigado pela tua participação!

ANEXO F - QUESTIONÁRIO
FEITO AOS ALUNOS:
FORMULÁRIO GOOGLE

| | ' ' | | ' ' |

“A utilização das TIC no estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico.”

Estou a realizar a minha tese final de mestrado, sob orientação do Professor Doutor Nuno Martins Ferreira. Intitulada “A utilização das TIC no estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico.” Este trabalho procura compreender de que forma as Tecnologias de Informação e Comunicação (computador; telemóvel; PowerPoint; aplicações moveis; e jogos virtuais) podem motivar os alunos para o estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º CEB.

Ano de escolaridade: *

6.º ano

Sexo: *

Feminino

Masculino

Idade: *

Sua resposta

Assinala a frequência com que usas cada tecnologia: *

	Não uso	Uso até 2 horas por dia	Uso entre 2 a 4 horas por dia	Uso mais do que 5 horas por dia
Computador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Telemóvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tablet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Consola de jogos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assinala a frequência com que usas cada uma destas tecnologias em sala de aula: *

	Não uso	Uso algumas vezes	Uso muitas vezes
Computador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Telemóvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tablet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assinala o teu grau de interesse por cada um dos seguintes recursos tecnológicos: *

	Nada interessante	Pouco interessante	Interessante	Muito interessante
Computador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Telemóvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vídeo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tablet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogos interativos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
PowerPoint	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Sugere atividades que gostavas de realizar em sala de aula com o recurso a uma tecnologia à tua escolha.

Sua resposta _____

O que pensas sobre a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula?

Sua resposta _____

Assinala a tua motivação para a disciplina de História e Geografia de Portugal: *

- Nenhuma
- Muito pouca
- Alguma
- Elevada
- Muito elevada

No que se refere ao método de ensino, assinala a tua motivação para uma aula de História e Geografia de Portugal sabendo que na aula só será utilizado o manual: *

- Nenhuma
- Muito pouca
- Alguma
- Elevada
- Muito elevada

No que se refere ao método de ensino, assinala a tua motivação para *
uma aula de História e Geografia de Portugal sabendo que na aula só
serão utilizados recursos tecnológicos como, por exemplo, o
PowerPoint, um vídeo ou um jogo virtual interativo:

- Nenhuma
- Muito pouca
- Alguma
- Elevada
- Muito elevada

Tens alguma sugestão?

Sua resposta _____

ANEXO G - QUESTIONÁRIO
FEITO AOS ALUNOS: JOGO
INTERATIVO PLICKERS

| ' ' | | ' ' |

O que conduziu à revolta militar de 1926?

- A Greves, manifestações e estabilidade governativa.
- B A participação de Portugal na I Guerra Mundial e a seca.
- C A instabilidade política, a I Guerra Mundial e o aumento dos produtos.
- D A falta de alimentos e o descontentamento com a nobreza.

O golpe militar foi conduzido pelo general

A Gomes da Costa

B Costa Gomes

C Bernardino Machado

D Costa Machado

Ações do governo provisório

A O parlamento foi aberto à população.

B O parlamento foi encerrado e as greves e as manifestações foram autorizadas.

C Os governos passaram a ser escolhidos pelo Presidente da República.

D O parlamento foi encerrado e as greves e as manifestações foram proibidas.

Em 1928 o Presidente da República Óscar Carmona convidou

- A António de Oliveira Salazar para ministro das infraestruturas.
- B António de Oliveira Salazar para ministro das colónias.
- C António de Oliveira Salazar para ministro das finanças.
- D António de Oliveira Salazar para ministro das energias renováveis.

O êxito financeiro trouxe muito prestígio a Salazar, por isso, foi nomeado Presidente do Conselho em

- A 1930
- B 1931
- C 1932
- D 1933

A nova Constituição foi aprovada em

- A 1933
- B 1934
- C 1935
- D 1936



Com a nova Constituição deu-se o fim da Ditadura Militar e iniciou-se o:

- A Estado Nação
- B Nação Estado
- C Estado Novo
- D Novo Estado



Qual o nome do único partido que existia durante o Estado Novo?

- A União Agrária
- B União Portuguesa
- C União Fascista
- D União Nacional



Um dos principais lemas do Estado Novo era:

- A "Deus, Fátima e Fado"
- B "Deus, Fado e Família"
- C "Deus, Pátria e Família"
- D "Deus, Família e Nação"



O homem apelidado de "General sem medo" foi:



A Américo Tomás

B Humberto Tomás

C Humberto Delgado

D Américo Delgado

ANEXO H - QUESTIONÁRIO
FEITO AOS MESTRANDOS:
FORMULÁRIO GOOGLE

| | ' ' | | ' ' |

A utilização das TIC em sala de aula.

Estou a realizar uma investigação dedicada à utilização das TIC no estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, para o meu relatório final de mestrado.

Segundo, Vieira e Esteves (2017, p. 157), "As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são todos os recursos tecnológicos utilizados em sala de aula para apoiar o ensino e a aprendizagem (televisão, computador, internet, blogs, jogos, entre outros)."

Esta investigação procura compreender de que forma as Tecnologias de Informação e Comunicação (computador; telemóvel; PowerPoint; aplicações móveis; e jogos virtuais) podem motivar os alunos para o estudo da História e Geografia de Portugal no 2.º CEB.

O questionário destina-se a ser respondido só por alunos da ESELX do mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º CEB e do mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º CEB no último ano de Mestrado.

Obrigado pela tua participação e colaboração!

Sexo: *

Masculino

Feminino

Estou no último ano do mestrado

Opção 1



Idade: *

Texto de resposta curta

Prefiro o ensino do: *

1.º Ciclo do Ensino Básico.

2.º Ciclo do Ensino Básico.

O que pensas sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação? (de *
um modo geral) (Todos os recursos tecnológicos utilizados em
sala de aula para apoiar o ensino e a aprendizagem)

Texto de resposta curta

O que pensas sobre a utilização dos recursos tecnológicos em sala de *
aula?

Texto de resposta longa

Na tua opinião, o que motiva os alunos para o estudo das diferentes *
disciplinas ou conteúdos?

Texto de resposta longa

⋮

Utilizas recursos tecnológicos nas tuas aulas? *

Sim

Não

...

Quais os recursos que utilizas? *

Computador

Telemóvel

Vídeo

Tablet

Jogos interativos

PowerPoint

Não utilizo qualquer recurso digital em aula

Outros...

Tens alguma sugestão de atividade ou recurso digital que queiras referir? Se sim qual ou quais? Se não tiveres escreve NÃO.

*

Texto de resposta longa

Queres partilhar mais alguma informação?

Texto de resposta longa

ANEXO I - MATERIAIS
CONSTRUIDOS PARA 0 2.0
CICLO

| | " | | " |

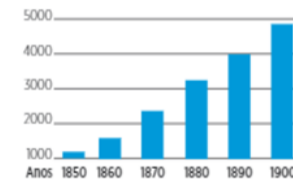


Portugal na segunda metade do século XIX

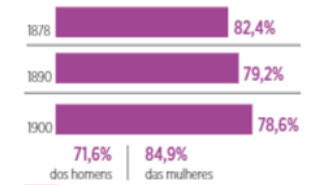
A educação

- Na primeira metade do século XIX, cerca de 90% da população portuguesa era analfabeta;
- Os governos liberais mandaram construir mais escolas primárias.

N.º total de escolas



Porcentagem de analfabetismo



Fonte: Manual de HGP

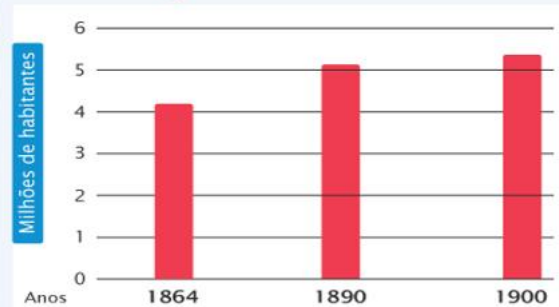
A justiça em Portugal

- A pena de morte foi abolida em Portugal:
- Para os crimes políticos em 1852;
- Para os crimes civis em 1867;
- Foram proibidas as penas corporais;
- Em 1869, a escravatura foi abolida em todos os territórios portugueses.



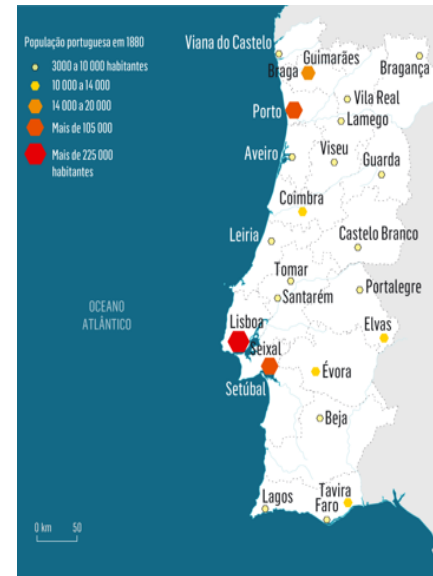
Crescimento da população

Gráfico 1 Evolução da população portuguesa na segunda metade do século XIX



A evolução da população portuguesa

- Portanto, entre 1864 e 1900, o crescimento populacional foi superior a um milhão de pessoas.
- Durante a segunda metade do século XIX não houve guerras em Portugal e verificaram-se avanços na medicina e na higiene. Tudo isto contribuiu para que morressem menos pessoas.

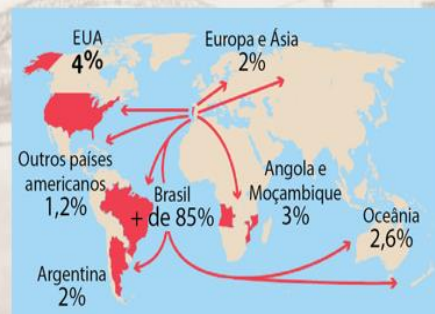


A distribuição da população

- O aumento da população não foi igual em todo o país. A maior parte das pessoas vivia nas grandes cidades, como Lisboa, Porto e Braga, ou nos seus arredores;
- Muitos camponeses ficaram sem emprego; outros recebiam salários miseráveis;
- Muitos partiram para as grandes cidades à procura de trabalho nas fábricas;
- Designa-se **êxodo rural a deslocação de pessoas das zonas rurais para as zonas urbanas.**

A emigração

- Ao mesmo tempo que acontecia o êxodo rural, vários portugueses emigraram;
- Alguns portugueses enriqueceram no Brasil, mas outros emigrantes continuaram pobres e nunca mais voltaram a Portugal.



A sociedade do século XIX

- Apesar dos progressos a economia portuguesa continuou muito dependente da agricultura;
- A sociedade manteve-se essencialmente rural;
- Foi com a Monarquia Liberal que aconteceram importantes mudanças na sociedade portuguesa, quando comparada com a sociedade do século XVIII.

A perda de privilégios

O clero e a nobreza perderam muitos dos seus privilégios:

- A nobreza passou a pagar impostos e a deixar de poder exigir trabalho gratuito aos camponeses;
- As ordens religiosas foram extintas e as suas terras, conventos e mosteiros entregues ao Estado;
- Toda a população passou a estar sujeita às mesmas penas aplicadas pelos tribunais.
- Deu-se a ascensão da burguesia.



Mosteiro de São Bento (Santo Tirso) – entregue ao Estado em 1834.

Ascensão da burguesia

- A burguesia tornou-se o grupo social mais importante.
- Muitos burgueses enriqueceram e alguns passaram a desempenhar cargos importantes no governo do reino.
- O povo manteve as difíceis condições de vida.



Esquematizar informação

Nobreza

Perdeu privilégios e importância. Passou a pagar impostos.

Clero

Perdeu privilégios e importância. As ordens religiosas foram extintas, passando as suas terras, conventos e mosteiros a pertencer ao Estado.

Burguesia

Tornou-se o grupo social mais importante. Muitos burgueses enriqueceram com a indústria, o comércio e a agricultura.

Povo

Apesar de as leis serem iguais para todos, quer o povo dos campos quer o povo das cidades continuou a viver com muitas dificuldades.

Os camponeses

- Grande parte da população portuguesa continuou a dedicar-se à agricultura e à criação de gado;
- Os camponeses viviam em casas muito pobres e alimentavam-se mal;
- Divertiam-se nas festas religiosas, bailes, feiras.



A modernização das cidades

- Começou a haver água canalizada e recolha de lixo;
- As ruas passaram a ser iluminadas com candeeiros a gás e, mais tarde a partir de 1878, em Lisboa, a eletricidade;
- Muitas ruas foram pavimentadas, construíram-se passeios, avenidas, praças e jardins públicos.



Avenida 24 de julho, Lisboa (inícios do século XX).

O povo na cidade: Os bairros sociais

- Na sua maioria, os habitantes das cidades pertenciam ao povo.
- Eram empregados de balcão, criados, vendedores ambulantes, trabalhadores da construção e operários.
- Homens, mulheres e crianças que trabalhavam em fábricas formaram um novo grupo social – o proletariado.



"Ilha" localizada no Porto



Pátio Bagatela em Lisboa, construído em 1890 destinado aos operários fabris

DOC 3 Cronologia

- 1872** Primeiro grande movimento de greves (29 greves).
- 1886** Greves dos operários metalúrgicos.
- 1890** Primeira comemoração do dia 1 de Maio, em Lisboa e no Porto.
- 1891** Decreto regulamentando o trabalho das mulheres e dos menores nas fábricas.

A luta operária: O proletariado

Para lutar por melhores condições, organizaram-se em associações de operários e fizeram as primeiras greves.

As suas condições de vida e de trabalho eram muito difíceis:

- Longos horários de trabalho;
- Sem proteção em caso de acidente,
- Baixos salários;
- Vestuário muito simples;
- Viviam em bairros pobres.

Lê e comenta

DOC 2 A entrada da mulher na fábrica

Com a entrada da mulher na fábrica (...) baixaram os salários e, hoje em dia, trabalham os dois para ganhar tanto quanto antes ganhava o homem. Em muitos casos os homens ficam em casa por falta de trabalho e a mulher vai trabalhar, porque o que o patrão deseja é a mão-de-obra mais barata.

Jornal *O Eco Metalúrgico*, 1897
(adaptado)

Manual página 90.



Portugal na segunda metade do século XIX

Alguns exemplos de construções

- Estação ferroviária do Rossio (Lisboa)
- Palácio Hotel do Buçaco. (Luso, Mealhada)



A “arquitetura do ferro”: a grande novidade da arquitetura do século XIX

- A arquitetura deste período foi também influenciada pelos estilos dos antigos gregos e romanos, bem como pelo Manuelino, do tempo dos Descobrimentos.
- Em algumas das construções realizadas na segunda metade do século XIX, passou a utilizar-se o ferro, o vidro e o azulejo. Surgiram, então, grandes espaços cobertos.
- Foram também construídas pontes em ferro para fazer as ligações de combóio.

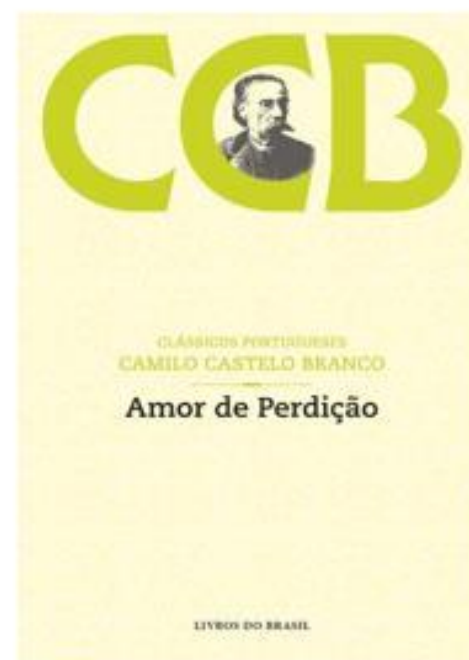
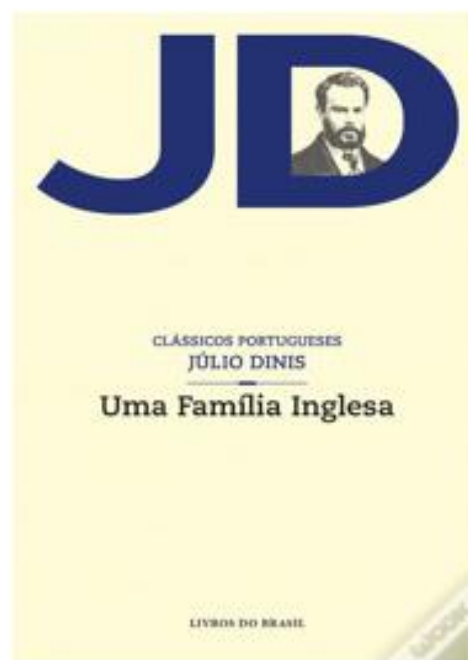
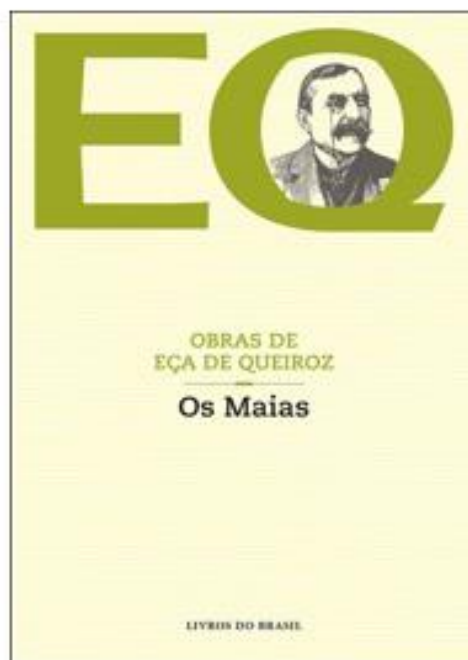
Alguns exemplos de construções

- Teatro D. Maria II (Lisboa)
- Palácio da Bolsa (Porto)



Três grandes figuras da literatura do século XIX

- Eça de Queirós que escreveu *Os Maias*
- Júlio Dinis que escreveu *Uma Família Inglesa*
- Camilo Castelo Branco que escreveu *Amor de Perdição*





Portugal no final do século XIX e no início do século XX

O Partido Republicano e a República

- O Partido Republicano responsabilizava a Monarquia pela má situação que Portugal vivia;
- Por isso, o Partido Republicano, propunha a substituição da Monarquia por uma **República**;
- O país deixava de ser governado por um rei e passava a ter um presidente eleito por um determinado tempo imposto por lei;
- Propunham algumas medidas para modernizar Portugal e melhorar as condições de vida dos mais pobres.



- O rei é o chefe de Estado até morrer.
- A monarquia é hereditária, ou seja, quando um rei morre, sucede-lhe o filho mais velho.

A Monarquia

- O presidente da República é o chefe de Estado. O seu mandato dura um período de tempo imposto por lei.
- É eleito pelos cidadãos eleitores.

A República

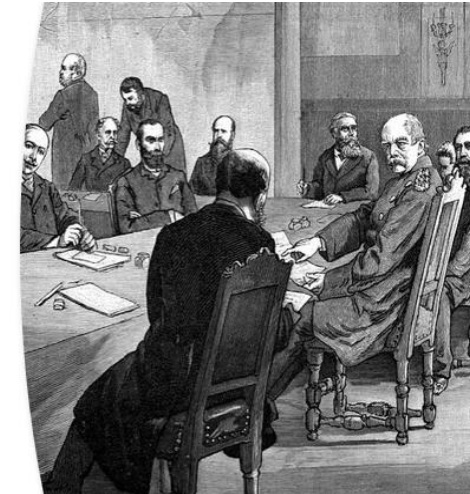
O descontentamento com a Monarquia

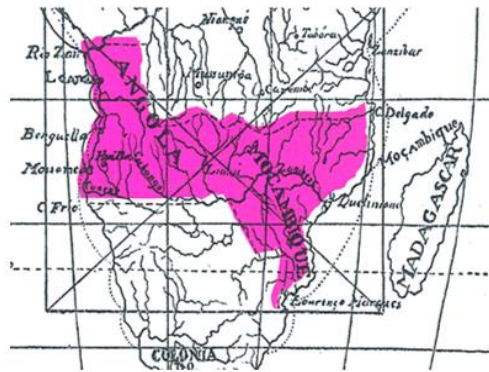
- No final do século XIX, Portugal continuava a dever muito dinheiro ao estrangeiro;
- Estava atrasado em relação aos países europeus mais desenvolvidos;
- Os camponeses e os operários viviam com grandes dificuldades;
- Os burgueses obtinham cada vez mais lucros;
- A família real era acusada de gastar mal o dinheiro do reino;



“O mapa cor-de-rosa”

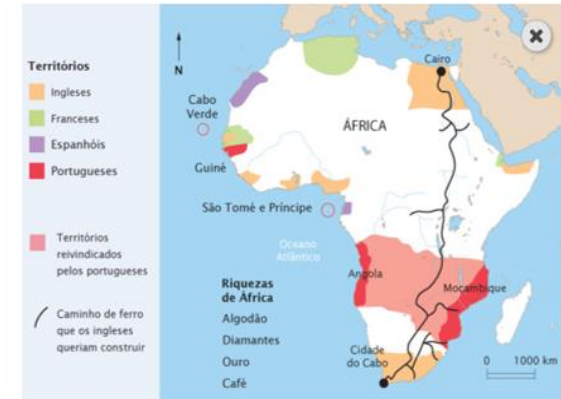
- No final do século XIX, os países europeus disputaram o continente africano, fonte importante de matérias-primas e riqueza;
- Entre 15 de Novembro de 1884 e 26 de Fevereiro de 1885 realizou-se a Conferência de Berlim;
- Portugal intensificou a realização de viagens exploratórias e operações militares, visando a conquista dos territórios entre Angola e Moçambique, com base no plano do “mapa cor-de-rosa”;
- Alemanha e França comprometem-se a não intervir naquela área.



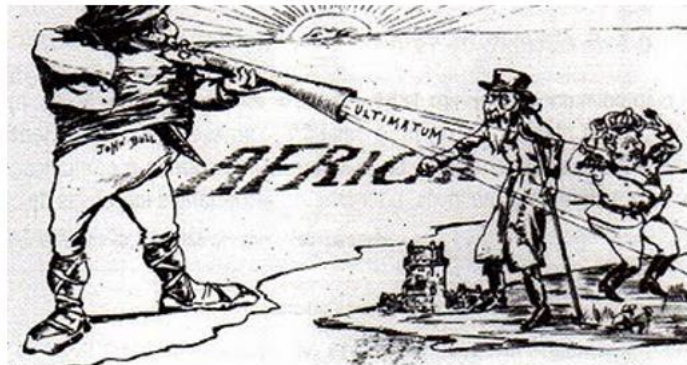


O Ultimato Inglês

- Mas o Reino Unido opôs-se ao projeto,
- Em 11 de janeiro de 1890, o Reino Unido lançou um ultimato a Portugal;
- O Governo português, com o apoio do rei D. Carlos, cedeu de imediato ao Ultimato;
- Geraram-se reações nacionalistas e antibrítânicas, assim como um grande movimento de contestação à Monarquia.



O que tens a dizer sobre esta caricatura?



Teste de avaliação 1 aplicado à turma X

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL			Avaliação	
Nome: _____	N.º: _____	6.º _____	Temporalidade	
Professor: _____	Enc. Educação: _____		Espacialidade	
			Contextualização	
			Comunicação	
			Trat. Informação	
			Avaliação final	

I – PORTUGAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

1. Observa, atentamente, os documento 1, 2 e 3.



A Inglaterra e Portugal disputam territórios em África. Em 1886, Portugal apresentou o Mapa da Rosa. A Inglaterra opôs-se a esta pretensão. Portugal. O rei português acabou por ceder:

Doc. 1
Territórios dominados por Portugueses e Ingleses, em África, e mapa apresentado pelos Portugueses, em 1886, após a conferência de Berlim

O governo inglês dirigiu ao governo português um ultimato: fazer evacuar os territórios (entre Angola e Moçambique) no prazo de 24 horas (...) ou seria declarada guerra a Portugal. A cólera contra os ingleses desencadeou uma verdadeira tempestade.

Doc. 2
Cartas Políticas de João Chagas, 1908-10 (adaptado)
Atitude dos Ingleses, após apresentação do mapa do documento anterior



Doc. 3
Ocupação dos Paços do Concelho do Porto, em 1891

1.1. **Risca** as palavras erradas, no texto que se segue.

A Grã-Bretanha, a França e a Alemanha pretendiam ocupar territórios no continente **a) africano/asiático**, para se apoderarem das suas riquezas.

Em 1884-1885, realizou-se a Conferência de **b) Berlim/Genebra**, tendo ficado decidido que os territórios eram de quem os **c) ocupasse/descobrisse**. Esta decisão prejudicou **d) França/Portugal**, que procurou ocupar alguns territórios entre Angola e **e) Cabo Verde/Moçambique**. No ano seguinte, o Portugal apresentou o Mapa **f) Cor-de-Rosa/Vermelho**, onde assinalava os territórios a que se achava com direito.

1.2. **Explica** a atitude dos ingleses quando lhes foi apresentado o mapa representado no documento 1.

1.3. **Assinala**, com um X, a opção correta para cada situação.

1.3.1. D. Carlos e o governo português...

- a) declararam guerra à Inglaterra.
- b) aceitaram as exigências dos ingleses e abdicaram dos territórios desejados.
- c) escolheram ocupar outros territórios, oferecidos por Inglaterra.

1.3.2. Relativamente à atitude de D. Carlos, oposição e o povo português...

- a) mostraram-se descontentes.
- b) concordaram sem questionar.
- c) discordaram e obrigaram o rei a alterar a sua decisão.

1.3.3. A Revolução de 31 de Janeiro de 1891, deu-se...

- a) em Lisboa.
- b) em Sintra.
- c) no Porto.

II – DA REVOLUÇÃO REPUBLICANA DE 1910 À DITADURA DE 1926

2. Lê, atentamente, o documento 4.

O tiroteio continuava agora cruzado, pois a Guarda reagiu alvejando¹ os assassinos. Caíram vários corpos e a multidão pôs-se em debandada². Gritavam a uma só voz:
– Mataram o Rei! Mataram o Rei!
O Grito ecoou pela cidade, encheu as ruas, entrou pelas casas...

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Mataram o Rei!*, Caminho

Doc.
4

¹alvejar - disparar contra ²debandada - fuga

Descrição do tiroteio que aconteceu a 1 de fevereiro de 1908, na Praça do Comércio

2.1. Identifica o acontecimento a que se refere o documento.

2.2. Refere:

- a) quem levou a cabo este acontecimento. _____
- b) o que aconteceu com o rei D. Carlos. _____
- c) o que aconteceu com o príncipe herdeiro D. Luís Filipe. _____
- d) quem foi, depois, aclamado rei de Portugal. _____

3. Recolhe informação do documento 5.



A proclamação da República

A's 8 horas e meia da manhã de hoje, foi proclamada a República, sendo lida nos diferentes estabelecimentos publicos a bandeira verde e encarnada. O povo dirigiu-se á Camara dando vivas á Republica, acompanhado pelas praças de marinha, artilharia e mais regimentos. A's 8,30 as forças que estavam no Rocio, entregaram-se sendo muito victoriadas. Os membros do Rectorio, foram em seguida para a Camara Municipal onde fizeram a proclamação.

Primeira página do Diário de Notícias, após a proclamação da República

Doc.
5

3.1. Menciona:

- a) a forma de governo que acabou. _____
- b) a forma de governo implantada. _____
- c) a data em que foi proclamada a nova forma de governo. _____
- d) o local onde se deu a proclamação. _____

4. Indica, assinalando com um X, a que forma ou formas de governo se associam as afirmações seguintes.

Afirmações	Monarquia Constitucional	Primeira República
a) O Rei herda o trono.		
b) O Presidente da República exerce o cargo durante o periodo previsto na lei.		
c) Poderes diferentes são desempenhados por órgãos diferentes.		
d) O Chefe de Estado é eleito, indiretamente, pelos eleitores, através dos deputados.		
e) O Chefe de Estado governa, geralmente, até à sua morte ou até abdicar do cargo.		

4.1. Assinala, com um X, os novos símbolos instituídos pela Primeira República.



a



b



c



d



e



f

5. Analisa o documento 6.



Os problemas, em Portugal, após a I Guerra Mundial

5.1. Completa o texto, com as expressões dadas.

África **descontentes** **dívida** **I Guerra Mundial** **mortos** **mudanças** **preços**

Apesar de Portugal estar do lado vencedor, na a) _____, e ainda que tenha mantido as suas colónias em b) _____, foram muitas as consequências negativas do confronto. Além dos milhares de feridos e c) _____, juntou-se a instabilidade política, com constantes d) _____ de governo. Os constantes empréstimos pedidos no estrangeiro, que levaram ao aumento da f) _____ externa, e o aumento de e) _____ dos alimentos causaram muitas dificuldades aos portugueses. Em consequência destes problemas, os portugueses revelavam-se cada vez mais g) _____ com a Primeira República.

6. Analisa o documento 7.



Doc. 6

Crises vividas nos anos posteriores à I Guerra Mundial.

6.1. Identifica o acontecimento liderado por Gomes da Costa a 28 de maio de 1926.

6.2. Refere uma das razões que conduziu a esse acontecimento.

7. Associa duas legendas a cada uma das caricaturas (documentos 7 e 8), relativas à Ditadura Militar de 1926.



Doc. 7



Doc. 8

- 1. Imprensa censurada.
- 2. Encerramento do Parlamento por ordem dos militares.
- 3. Fim da liberdade de expressão.
- 4. Leis deixam de ser feitas pelos deputados.

Proposta de correção para o teste de avaliação 1 aplicado à turma X

Proposta de correção

História e Geografia de Portugal

Questão	Cenários de resposta	Cotação
1.1.	<p>Palavras corretas: a) africano; b) Berlim; c) ocupasse; d) Portugal; e) Moçambique; f) Cor-de-Rosa</p> <p>Palavras erradas: a) asiático; b) Genebra; c) descobrisse; d) França; e) Cabo Verde; f) Vermelho</p>	18 (3x6)
1.2.	Os ingleses lançaram um ultimato a Portugal, incitando o início de uma guerra caso os territórios entre Angola e Moçambique não fossem desocupados.	3
1.3.1.	b) aceitaram as exigências dos ingleses e abdicaram dos territórios desejados.	3
1.3.2.	a) mostraram-se descontentes.	3
1.3.3.	c) no Porto.	3
2.1.	Regicídio.	3
2.2.	<p>a) Republicanos (ou Carbonários ou membros da Carbonária)</p> <p>b) O rei foi morto</p> <p>c) D. Luís Filipe foi morto</p> <p>d) D. Manuel, como D. Manuel II.</p>	12 (3x4)
3.1.	<p>a) Monarquia</p> <p>b) República</p> <p>c) 5 de outubro de 1910</p> <p>d) Câmara Municipal (de Lisboa)</p>	8 (2x4)
4.	<p>Monarquia Constitucional: a) O Rei herda o trono. c) Poderes diferentes são desempenhados por órgãos diferentes. e) O Chefe de Estado governa, geralmente, até à sua morte ou até abdicar do cargo.</p> <p>Primeira República: b) O Presidente da República exerce o cargo durante o período previsto na lei. c) Poderes diferentes são desempenhados por órgãos diferentes. d) O Chefe de Estado é eleito, indiretamente, pelos eleitores, através dos deputados.</p>	12 (2x6)
4.1.	Opções corretas: b) o hino nacional, <i>A Portuguesa</i> ; e) a moeda, o escudo; f) a bandeira.	9 (3x3)
5.1.	a) I Guerra Mundial; b) África; c) mortos; d) mudanças; e) dívida; f) preços; g) descontentes.	14 (2x7)
6.1.	Instauração da Ditadura Militar/do Regime Ditatorial.	2
6.2.	<p>(Basta referir uma das razões.)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aumento do preço dos produtos alimentares. • Redução do poder de compra. • Muitas greves. • Atentados à bomba. • Despesas do Estado superiores às receitas • Empréstimos ao estrangeiro – crescimento da dívida externa. • Mudanças sucessivas de Governo. • Desentendimento entre os partidos políticos. 	2
7.	<p>Doc. 8: 2. Encerramento do Parlamento por ordem dos militares. 4. Leis deixam de ser feitas pelos deputados.</p> <p>Doc. 9: 1. Imprensa censurada. 3. Fim da liberdade de expressão.</p>	8 (2x4)

Cronologia

- 1884-1885 Conferência de Berlim.
- 1890 Ultimato Inglês.
- 1891 31 de janeiro. Uma revolta republicana no Porto tenta pôr fim à monarquia.
- 1908 Regicídio. D. Carlos e o príncipe herdeiro, D. Luís Filipe, são assassinados na Praça do Comércio, em Lisboa.
- 1910 5 de outubro. É proclamada a república, por José Relvas, na varanda da Câmara Municipal de Lisboa.

**Da Revolução Republicana de 1910
à Ditadura Militar de 1926**

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926



Regicídio a 1 de fevereiro de 1908

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926



Primeira página do *Diário de Notícias* de
2 de fevereiro de 1908



Cívís e militares barricados na Rotunda, em Lisboa,
no dia 5 de outubro de 1910

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926



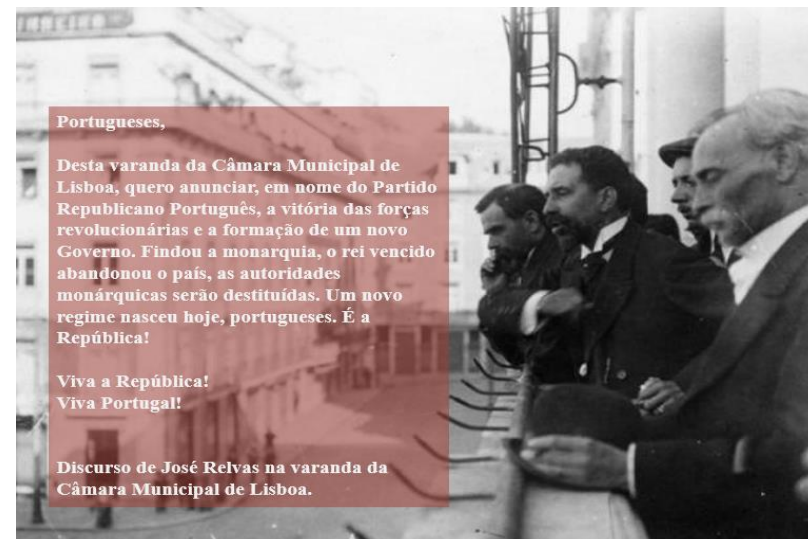
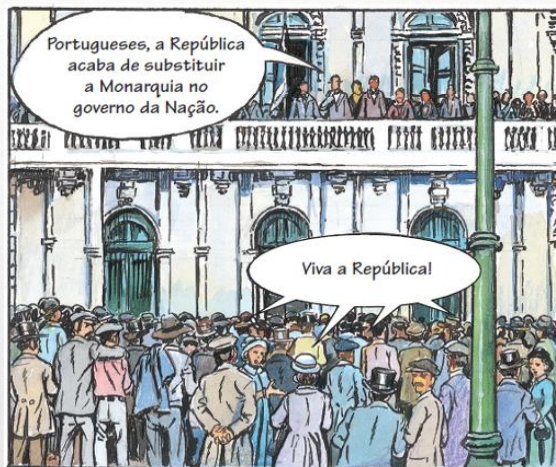
Forças militares fiéis à Monarquia ocupam o Rossio, em Lisboa

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Até que, em 5 de Outubro de 1910, a Revolução Republicana pôs fim à Monarquia.



Primeira página do jornal *O Século* de 6 de outubro de 1910



Portugueses,

Desta varanda da Câmara Municipal de Lisboa, quero anunciar, em nome do Partido Republicano Português, a vitória das forças revolucionárias e a formação de um novo Governo. Findou a monarquia, o rei vencido abandonou o país, as autoridades monárquicas serão destituídas. Um novo regime nasceu hoje, portugueses. É a República!

Viva a República!
Viva Portugal!

Discurso de José Relvas na varanda da Câmara Municipal de Lisboa.

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Que medidas terá tomado o governo provisório?

- Formação de um governo provisório chefiado por Teófilo Braga e eleição do primeiro Presidente da República.
- Podiam votar todos os homens com mais de 21 anos ou que fossem chefes de família há mais de um ano;
- Ficavam excluídos: militares, mulheres e analfabetos (75% da população)



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Substituição dos símbolos nacionais

- Adotou-se uma nova bandeira;



- A moeda passou a ser o escudo em vez do real.



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

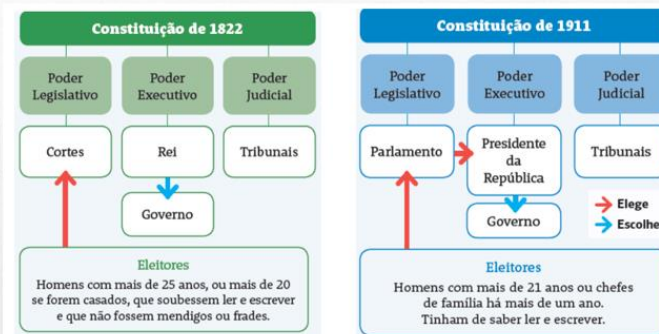
- O hino nacional passou a ser *A Portuguesa*.

A Portuguesa

Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Ó Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós,
Marchar, marchar!



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Portanto:

O Parlamento, para além de eleger e poder demitir o presidente da República, aprovava as leis e podia fazer cair os governos. O Parlamento era, por isso, o órgão de poder mais importante da I República.

Durante a I República – que durou de 1910 a 1926 –, podiam votar todos os homens com mais de 21 anos ou que fossem chefes de família há mais de um ano. Ficavam, no entanto, excluídos os militares, as mulheres e os analfabetos (estes últimos eram cerca de 75% da população). Recorda que, na atualidade, todos os cidadãos maiores de 18 anos têm direito de voto.

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Proclamada a República, era necessário resolver os problemas do País.



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

INFANTIL

- Criação dos primeiros jardins-escola para crianças dos 4 aos 7 anos.

PRIMÁRIO

- Ensino obrigatório e gratuito dos 7 aos 10 anos.
- Criação de escolas primárias.
- Criação de escolas de formação de professores.
- Criação de escolas para adultos.

SECUNDÁRIO

- Criação de duas escolas normais para formação de professores.
- Criação de um novo liceu (Passos Manuel).
- Melhoria do ensino técnico.

UNIVERSITÁRIO

- Criação de Institutos Superiores – Técnico, Comercial e Industrial.
- Criação das novas Universidades de Lisboa e Porto.
- Reforma da Universidade de Coimbra.

Reformas no Ensino

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Escolas Primárias criadas na Primeira República



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926



Evolução do Analfabetismo entre 1878 e 1930)

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

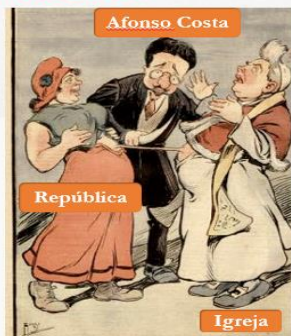


Sala de aula de uma escola primária

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Medidas que os republicanos tomaram para reduzir a influência da Igreja Católica em Portugal

- Foram autorizadas outras religiões;
- O Estado passou a ser responsável pelo registo de nascimentos, casamentos e mortes, como acontece nos nossos dias;
- Foi autorizado o divórcio;
- O ensino religioso foi proibido nas escolas públicas.



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

E no Trabalho...

- Implantação da República. **1910**
- Direito à greve.
- Descanso semanal obrigatório para os assalariados. **1911**
- Horário de 8 horas de trabalho.
- Seguro obrigatório contra acidentes de trabalho, doença ou velhice. **1919**
- Criação da Confederação Geral do Trabalho (CGT), que unia vários sindicatos.

CRONOLOGIA

Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Dificuldades políticas levam à instabilidade política.

- Divisão do Partido Republicano em vários partidos;
- Queda sucessiva de governos e de presidentes da República;
- 45 governos e 8 PR em 16 anos.



Da Revolução Republicana de 1910 à Ditadura Militar de 1926

Dificuldades económicas.

- A produção industrial continuava atrasada;
- Défice da balança comercial (importações superiores às exportações);
- Endividamento do Estado ao estrangeiro (agravado pela participação na 1.ª Guerra Mundial).

O grande descontentamento

A I Guerra Mundial aumentou os problemas que afetavam Portugal.
Vamos perceber o que se passou.



A I GUERRA MUNDIAL - 1914-1918.

Os lados do conflito



Porque motivo Portugal participou na I Guerra Mundial?

- ♦ A I Guerra Mundial decorreu entre 1914 e 1918. Inicialmente, Portugal manteve-se fora deste conflito;
- ♦ Em 1916, a pedido da Grã-Bretanha, Portugal apreendeu os navios alemães que estavam atracados em todos os portos portugueses.



Navios alemães apreendidos por Portugal.

Por isso...

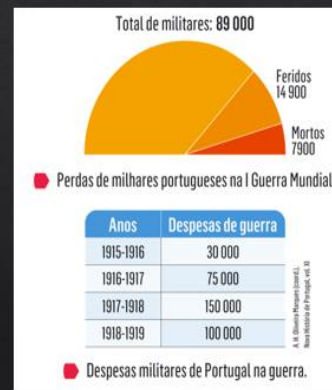
- ◊ A Alemanha, líder do outro bloco, declarou então, guerra a Portugal. Em 1917;
- ◊ Partiram os primeiros militares portugueses para França;
- ◊ Portugal desejava estar na mesa das negociações quando o conflito terminasse, com o objetivo de defender a posse das suas colónias africanas.

Partida de soldados portugueses para a I Guerra Mundial.



O fim da guerra

- A guerra terminou em 1918, com a vitória dos aliados de que Portugal fazia parte. Assim, Portugal manteve as suas colónias;
- Morreram cerca de 8000 militares portugueses e gastaram-se elevadas quantias de dinheiro.



Após a 1.ª Guerra Mundial

PORTUGAL
MANTEVE AS SUAS
COLÓNIAS

AGRAVAMENTO DA
INSTABILIDADE
POLÍTICA

MILHARES DE
MORTOS E
FERIDOS

AUMENTO DA DÍVIDA
DE PORTUGAL AOS
OUTROS PAÍSES

AGRAVAMENTO
DAS CONDIÇÕES
DE VIDA

O descontentamento com o regime republicano aumentou.

A falta de produtos levou ao aumento dos preços;

Os salários continuaram baixos;

A guerra contribuiu para o endividamento de Portugal ao estrangeiro;

As greves, revoltas eram frequentes;

Grandes instabilidade política (os governos mudavam frequentemente).

A instabilidade

Dificuldades da república.

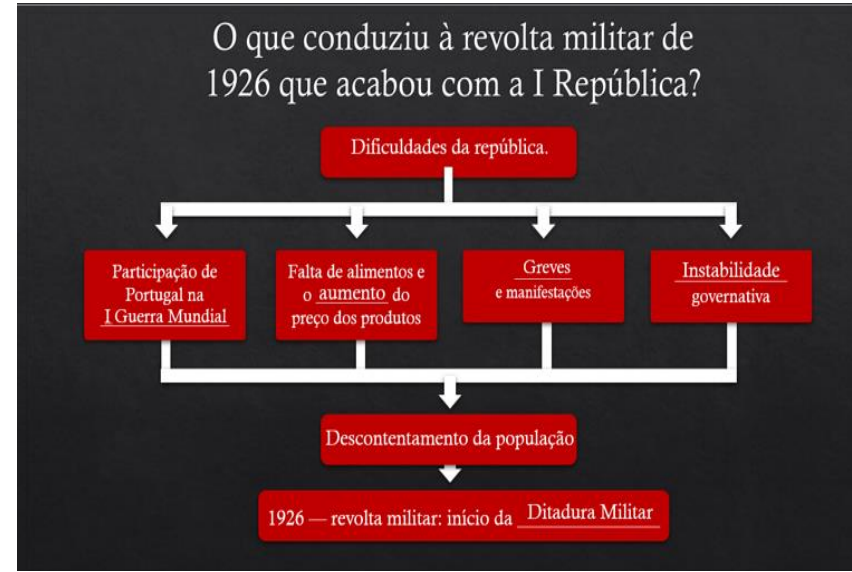
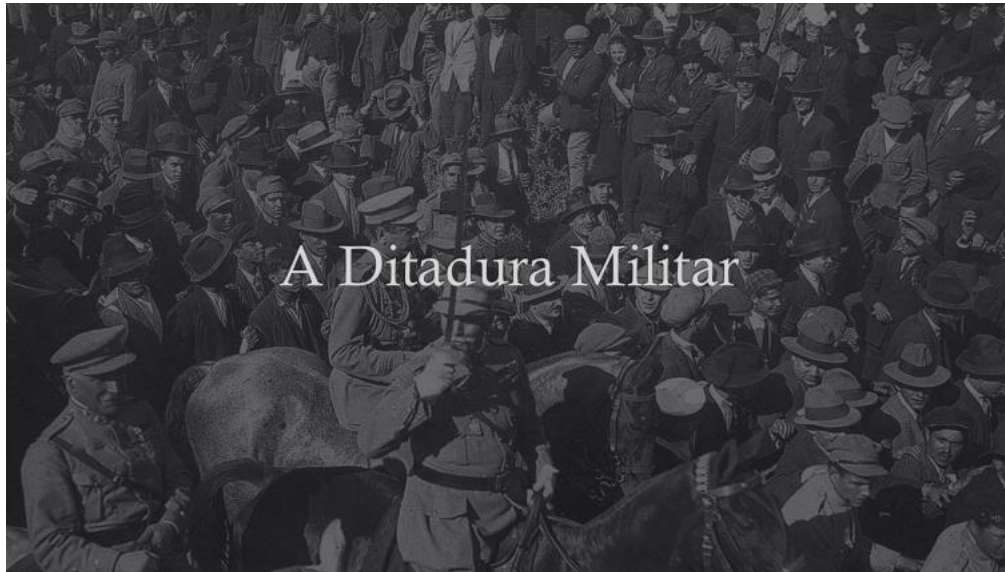
Participação de Portugal na I Guerra Mundial

Falta de alimentos e o aumento do preço dos produtos

Greves e manifestações

Instabilidade governativa

Descontentamento da população



O 28 de maio de 1926

A 28 de maio de 1926, o general Gomes da Costa revoltou-se, em Braga, tendo marchado para Lisboa com parte do seu exército. Desfilou com as suas tropas pela avenida da Liberdade, tendo sido aplaudido por milhares de pessoas. O presidente da República, Bernardino Machado, demitiu-se e os militares revoltosos entregaram a chefia do governo ao comandante Mendes Cabeçadas. Foi o fim da I República e o início da Ditadura Militar.

O golpe militar de 1926

- O parlamento foi encerrado;
- Os governos passaram a ser escolhidos pelos militares;
- As greves e as manifestações foram proibidas;
- No entanto, os governos continuaram a durar pouco tempo e Portugal continuou a endividar-se ao estrangeiro.



Até 1933, Portugal viveu numa Ditadura Militar.

Teste de avaliação 1 aplicado à turma Y

História e Geografia de Portugal – 6.º Ano Teste 1

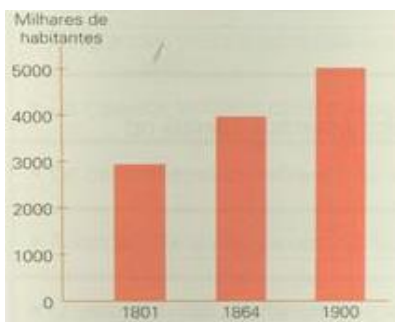
Ficha de Avaliação – N.º 3 / 50 minutos / 11 março de 2022

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

Classificação: _____ Prof.: _____ Enc. Educação.: _____

Grupo I – Portugal na segunda metade do século XIX

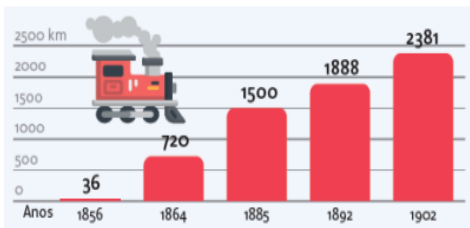
1. Observa o gráfico 1.



1.1. Durante o século XIX, a população portuguesa:

- aumentou.
- diminuiu.
- manteve-se constante.
- subiu e desceu consoante os anos.

2. Observa o gráfico 2.



2.1. Como evoluíram os caminhos de ferro em Portugal no período considerado no gráfico 2?

Gráfico 2 - Evolução dos caminhos de ferro em Portugal.

3. Analisa o mapa seguinte.



3.1. O maior número de indústrias localiza-se:

- no interior.
- no litoral.
- no centro do país.
- no sul do país.

3.2. Explica porquê:

4. Risca a palavra errada.

- a) Nas fábricas trabalhavam os artesãos / operários;
- b) Os preços dos produtos das oficinas artesanais eram mais altos / baixos do que os das fábricas;
- c) A industrialização causou o aumento / a diminuição da poluição atmosférica das grandes cidades;
- d) O desenvolvimento industrial da segunda metade do século XIX beneficiou sobretudo a nobreza / burguesia.

5. Assinala a resposta certa colocando um X.



Figura 1 -

❖ **A alimentação dos camponeses no século XIX:**

- Tinha por base a carne e o peixe.
- Tinha como elemento mais importante o pão.
- Era muito diversificada.

❖ **Nas cidades, os burgueses eram:**

- advogados, banqueiros e industriais.
- arduos, médicos e professores.
- comerciantes, juizes e empregados de balcão.

❖ **Nas cidades, os burgueses frequentavam:**

- as romarias.
- as touradas.
- os cafés.

❖ **Nas cidades, os mais pobres residiam em:**

- Barracas e ilhas.
- Pátios e barracas.
- Ilhas e pátios.

❖ **A modernização das cidades consistiu em:**

- Construir ruas, avenidas, praças, jardins, instalar redes de água, luz e esgotos, telégrafos e telefones.
- Demolir prédios velhos, pontes e faróis abandonados.
- Edificar igrejas, mosteiros e novos castelos.

❖ **Os burgueses, nas cidades, residiam:**

- Em palacetes e luxuosas residências.
- Em andares, junto ao "passeio público".
- Em bairros miseráveis junto aos palacetes.

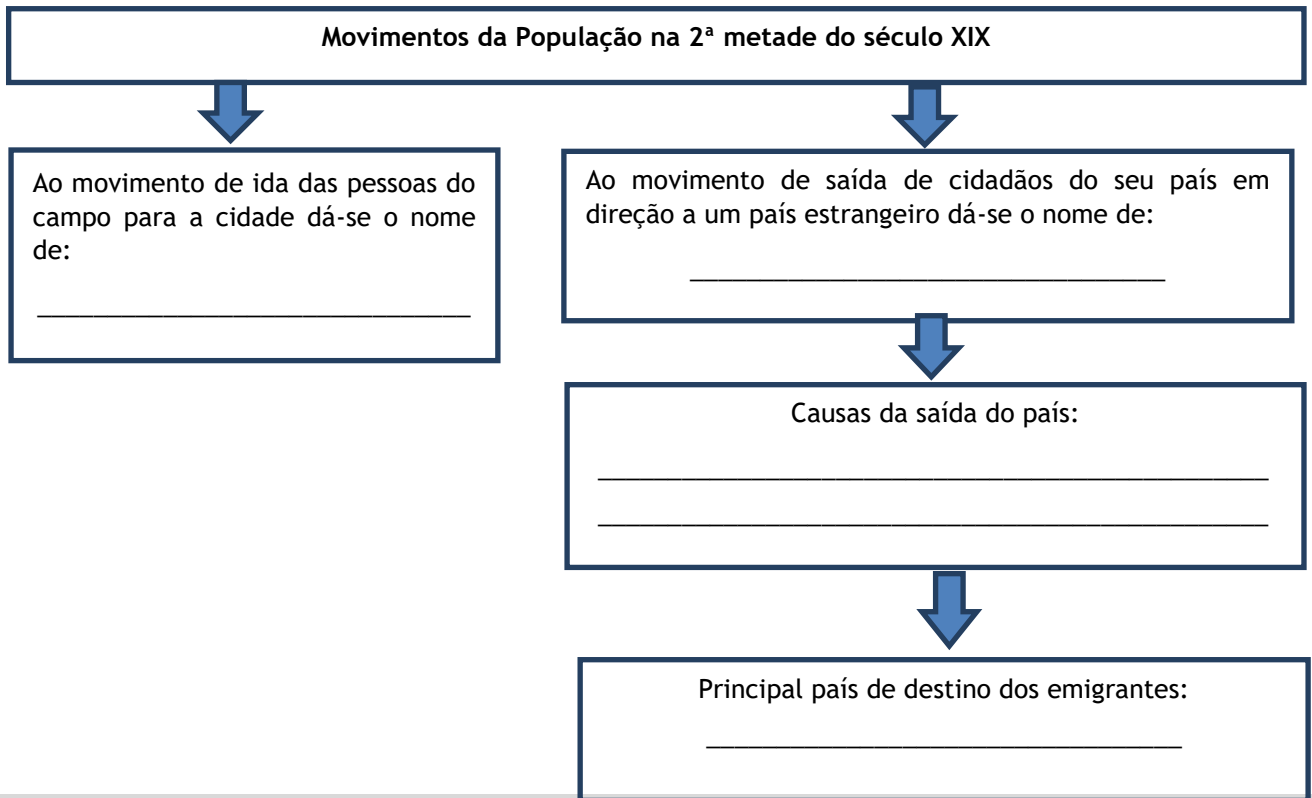
❖ **Como é que os operários começaram a lutar por melhores condições de vida e de trabalho?**

- Discutindo e ameaçando os patrões.
- Chamando a polícia.
- Fazendo manifestações e greves.

❖ **Qual o estilo arquitetónico característico da 2ª metade do século XIX?**

- Cimento.
- Pedra.
- Ferro.

6. Preenche os espaços em branco.



Grupo II – Queda da Monarquia e Implantação da República

7. Lê, com atenção, o Documento 1.

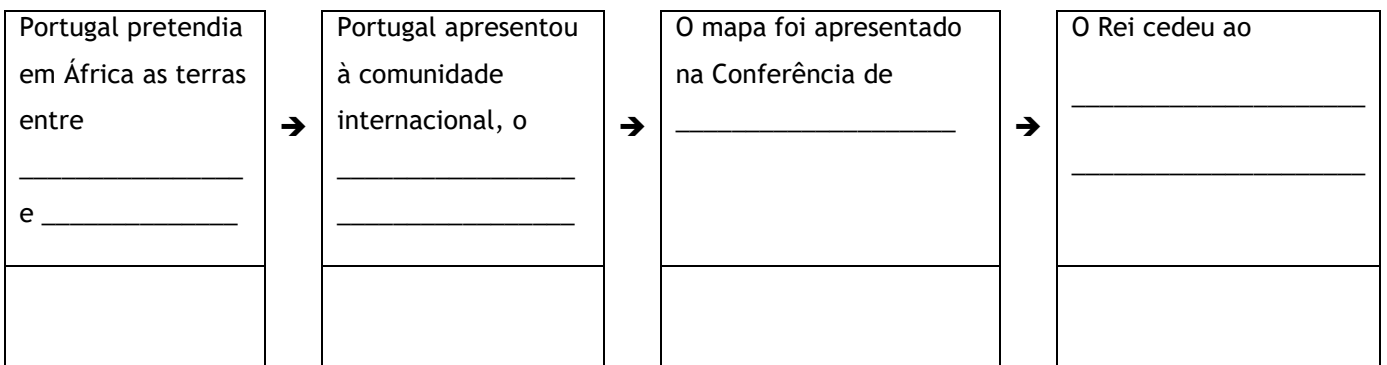
DOC. 1

«Em 1884-85, os países europeus mais industrializados reuniram-se, tendo decidido que as terras africanas, ricas em matérias-primas, seriam dos países que as ocupassem e não de quem as tivesse descoberto em primeiro lugar.

O governo português, em 1886, apresentou aos países europeus um mapa, no qual exigia para si os territórios compreendidos entre Angola e Moçambique. Em 11 de Janeiro de 1890 a Inglaterra apresentou ao rei português, D. Carlos, um Ultimato.»



7.1. Preenche os espaços em branco no esquema que se segue.



8. Lê, com atenção, o Documento 2 e observa a Figura 3.

DOC. 2

“Depois do Buíça começar a fazer fogo (...) um outro homem atirou uns poucos de tiros sobre o meu pobre pai, uma das balas entrou pelas costas e outra pela nuca que o matou instantaneamente...”

Lembro-me perfeitamente de ver a minha adorada mãe de pé na carruagem gritando ... A confusão era enorme.

Quando de repente olhei o meu queridíssimo irmão vi-o caído com uma ferida enorme que jorrava sangue...”

“Diário” de D. Manuel II (adaptado)



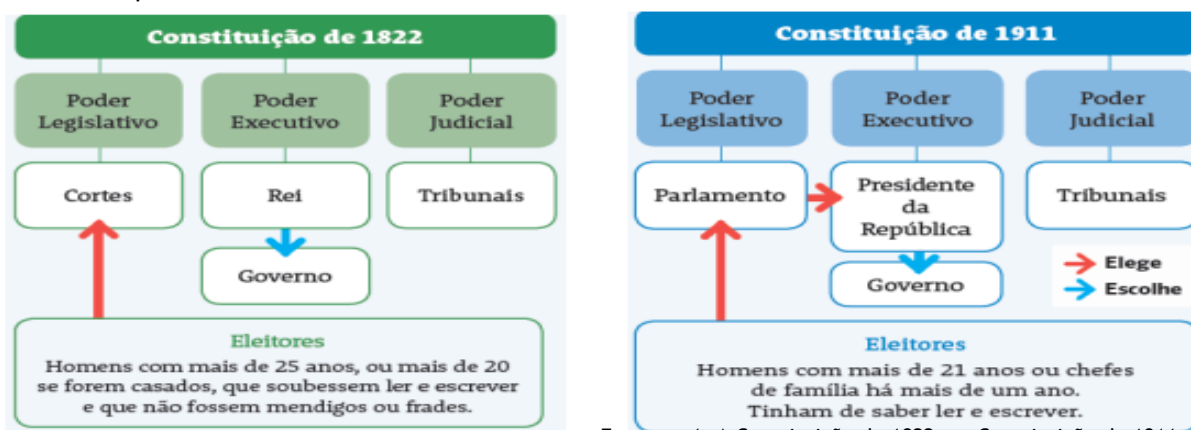
8.1. Indica a que **acontecimento** se refere a descrição do Documento 2 e **define-o**.

8.2. Quem ficou a governar Portugal após este acontecimento?

8.3. Quando é que este acontecimento se deu?

Grupo III – Medidas republicanas

9. Observa o esquema 1.



Esquema 1: A Constituição de 1822 e a Constituição de 1911.

9.1. Assinala com V (verdadeira) ou F (falsa) as seguintes afirmações:

- Pelas Constituições de 1822 e de 1911, as mulheres com mais de 25 anos que soubessem ler e escrever tinham direito ao voto. _____
- O princípio da separação de poderes está contemplado apenas na Constituição de 1911. _____
- Na Constituição de 1911 é o Parlamento que faz as leis. _____
- A Constituição de 1911 é republicana, a de 1822 é monárquica. _____

História e Geografia de Portugal – 6.º Ano

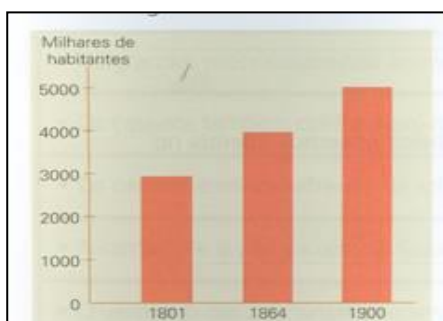
Ficha de Avaliação – N.º 3 - V2 / 50 minutos / março de 2022

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

Classificação: _____ Prof.: _____ Enc. Educação.: _____

Grupo I – Portugal na segunda metade do século XIX

1. Observa o gráfico 1.



1.1. Durante o século XIX, a população portuguesa:

aumentou.

diminuiu.

1.2. Assinala a opção correta.

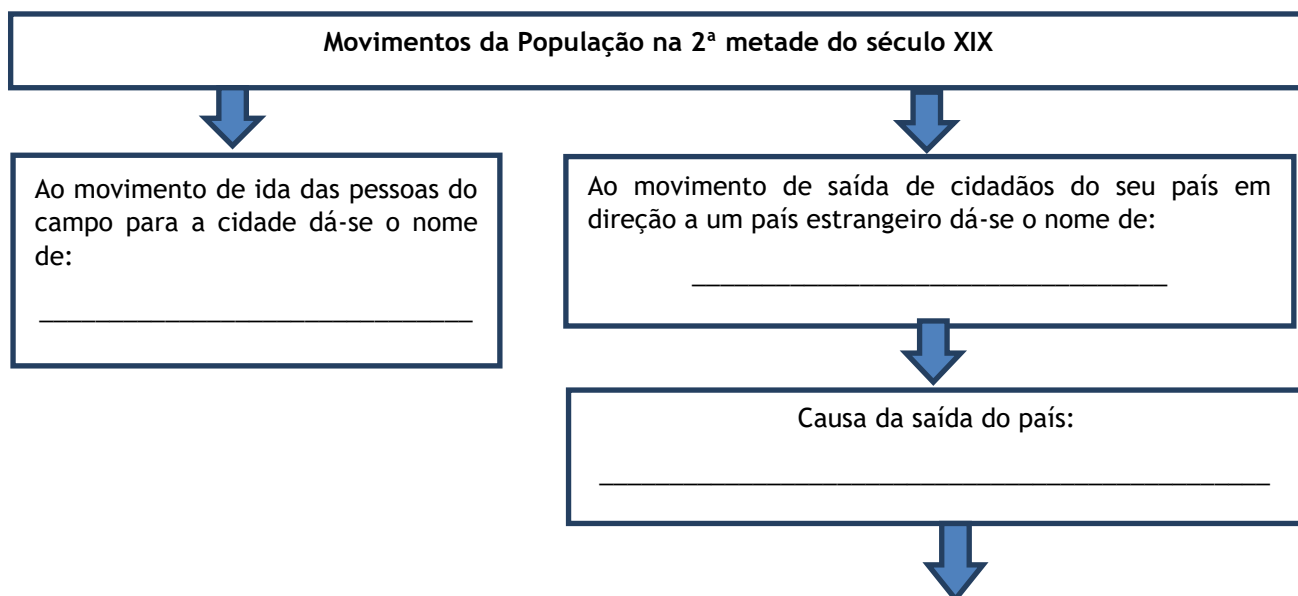
A população cresceu durante o século XIX porque...

alimentava-se bem, fez-se progressos na medicina e na higiene.

alimentava-se com o que se ia apanhando nos campos.

2. Completa o esquema seguinte com as palavras dadas.

Procura de uma vida melhor / Brasil / Emigração / Êxodo rural



Principal país de destino dos emigrantes:

3. Assinala a resposta certa colocando um X.



Figura 1 - Rossio (Lisboa)



Figura 2 - Passeio Público de Lisboa

❖ Que grupos sociais estão representados nas imagens?

- Operários e burgueses.
- Burgueses e camponeses.

❖ A alimentação dos camponeses no século XIX:

- Tinha por base a carne e o peixe.
- Tinha como elemento mais importante o pão.

❖ Nas cidades, os burgueses frequentavam:

- as romarias.
- os cafés.

❖ Nas cidades, os mais pobres residiam em:

- Pátios e barracas.
- Ilhas e pátios.

e) A modernização das cidades consistiu em:

- Construir ruas, avenidas, praças, jardins, instalar redes de água, luz e esgotos, telégrafos e telefones.
- Demolir prédios velhos, pontes e faróis abandonados.

f) Os burgueses, nas cidades, residiam:

- Em palacetes e luxuosas residências.
- Em bairros miseráveis junto aos palacetes.

g) Como é que os operários começaram a lutar por melhores condições de vida e de trabalho?

- Discutindo e ameaçando os patrões.
- Fazendo manifestações e greves.

h) Qual o estilo arquitetónico característico da 2ª metade do século XIX?

- Cimento.
- Ferro.

Grupo II – Queda da Monarquia e Implantação da República

4. Completa as frases, com as palavras dadas.

Nas _____ décadas do século XIX sentia-se por todo o país o _____ da população. Todos aqueles que eram pobres estavam cada vez mais _____. A _____ estava cada vez mais endinheirada com os lucros do _____ e da indústria. A família _____ gastava muito _____ do Reino. Os	pobres descontentamento burguesia miseráveis últimas comércio
--	--

sucessivos _____ não conseguiram melhorar as _____ condições de vida do povo e operariado.	governos real dinheiro
--	------------------------------

5. Lê, com atenção, o Documento 1.

<p>DOC. 1</p> <p>«Em 1884-85, os países europeus mais industrializados reuniram-se, tendo decidido que as terras africanas, ricas em matérias-primas, seriam dos países que as ocupassem e não de quem as tivesse descoberto em primeiro lugar.</p> <p>O governo português, em 1886, apresentou aos países europeus um mapa cor de rosa, no qual exigia para si os territórios compreendidos entre Angola e Moçambique. Em 11 de Janeiro de 1890 a Inglaterra apresentou ao rei português, D. Carlos, um Ultimato.»</p>	 <p>Mapa 1</p>
--	--

5.1. Preenche os espaços em branco com as **palavras assinaladas no texto**.

Portugal pretendia em África as terras entre _____ e _____	→	Apresentou _____ à comunidade internacional o _____	→	A _____ não aceitou este pedido e dirigiu ao Rei um _____	→	O Rei cedeu perante os Ingleses e isso provocou o descontentamento entre os portugueses.
--	---	---	---	---	---	--



6. Observa a Figura 3.

6.1. Identifica o **acontecimento** retratado na imagem.

BOM TRABALHO!

Proposta de correção para o teste de avaliação 1 aplicado à turma Y

			1.2. 5
2.1	Entre 1856 e 1902 a extensão dos caminhos de ferro em Portugal aumentou muito, tendo passado de 36 km em 1856 para 2381 km em 1902.	8	2. $4 \times 5 = 20$
3.1	No litoral	2	3. Operários e burgueses e ilhas e pátios $8 \times 3 = 24$
3.2	Principais portos marítimos e zonas com muita população	8	_____
4	Riscar: a) artesãos; b) baixos; c) diminuição; d) nobreza	$4 \times 3 = 12$	4. $9 \times 3 = 27$
5	- Tinha como elemento mais importante o pão. - advogados, banqueiros e industriais. - os cafés. - Ilhas e pátios. - Construir ruas, avenidas, praças, jardins, instalar redes de água, luz e esgotos, telégrafos e telefones. - Em palacetes e luxuosas residências. - Fazendo manifestações e greves. - Ferro.	$8 \times 2 = 16$	5.1. $5 \times 3 = 15$
6	Êxodo rural Emigração Fomes, más condições de vida. Brasil	$4 \times 3 = 12$	6. 4
7.1	Angola e Moçambique O mapa cor-de-rosa Berlim Ultimato inglês	$4 \times 3 = 12$	_____
8.1	O acontecimento é o Regicídio que consiste num atentado contra a família real, no qual morre o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro, Luís Filipe.	6	_____
8.2	O rei D. Manuel II	3	-----
8.3	1 de fevereiro de 1908	3	-----
9.1	a) F / b) F / c) V / e) V	$4 \times 4 = 16$	-----

Teste de avaliação 2 aplicado à turma X

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL			Avaliação	
Nome: _____	N.º: _____	6.º _____	Temporalidade	
Professor: _____	Enc. Educação: _____		Espacialidade	
			Contextualização	
			Comunicação	
			Trat. Informação	
			Avaliação final	

I – ESTADO NOVO

1. Observa, atentamente, os documento 1, 2 e 3.



Doc 1

1.1. Identifica a personalidade representada no documento 1.

1.2. Completa o texto, com as expressões dadas.

contas públicas despesas Estado Novo impostos
 mecanismos de repressão ministro das Finanças
 Presidente do Conselho

Em 1928, a figura política representada no documento 1 tornou-se

- a) _____. Na altura, controlou e diminuiu as
 b) _____ dos vários ministérios e aumentou os
 c) _____. Com estas medidas, conseguiu equilibrar as

- d) _____. Em 1932, tornou-se e) _____ e, no ano seguinte, iniciou o
 f) _____, que durou até 1974. Este regime durou tantos anos, em parte, graças aos diferentes
 g) _____ e de propaganda que ajudavam a controlar a população.

2. Associa os diferentes mecanismos de repressão e propaganda do Estado Novo à respetiva forma de funcionamento.

a) Censura	•	• 1. Organização militar criada para defender o Estado Novo.
b) Mocidade Portuguesa	•	• 2. Controlava toda a comunicação social, o teatro e o cinema.
c) Educação	•	• 3. Perseguiu, prendia e torturava suspeitos de serem oposição.
d) Legião Portuguesa	•	• 4. Estimulava a formação do carácter patriótico e a devoção à Pátria.
e) Polícia política	•	• 5. Ensinava-se a ler e a escrever, com ordem e disciplina, associadas à religião católica.



Propaganda referente à União Nacional

Doc 2

2.1. Explica por que razão, no Estado Novo, havia apenas um partido, a União Nacional, cujo cartaz se observa no documento 2.

5. Observa, atentamente, o friso cronológico.



5.1. Indica, assinalando com um X, se as afirmações seguintes são verdadeiras (V) ou falsas (F).

Afirmações	V	F
a) Para difundir os princípios do Estado Novo, muitas pessoas emigraram para a Europa.		
b) Na década de 1960, surgiram várias revoltas estudantis contra o Estado Novo.		
c) Os opositores ao regime eram perseguidos pela PIDE.		
d) Depois das eleições presidenciais de 1958, em 1960, Salazar abandonou o poder.		
e) Vários artistas e intelectuais fizeram oposição ao Estado Novo e alguns foram exilados.		

6. Analisa os documentos 10 e 11.



6.1. Identifica duas colónias portuguesas, durante o Estado Novo.

6.2. Em algumas colónias portuguesas, houve um conflito armado, a Guerra Colonial.

6.2.1. Refere o continente onde se deu a Guerra Colonial. _____

6.2.2. Localiza, no tempo, o início da Guerra Colonial. _____

6.2.3. Menciona uma das razões para o início desta guerra.

6.2.4. Enumera duas consequências da guerra.

6.2.5. Analisa o documento 12.

a) Justifica o grande aumento da emigração, a partir da década de 1960.



Proposta de correção para o teste de avaliação 2 aplicado à turma X

Proposta de correção

História e Geografia de Portugal



Questão	Cenários de resposta	Cotação										
1.1.	António de Oliveira Salazar.	2										
1.2.	a) ministro das Finanças; b) despesas; c) impostos; d) contas públicas; e) Presidente do Conselho; f) Estado Novo; g) mecanismos de repressão	14 (2 × 7)										
2.	<table border="0"> <tr> <td>a) Censura</td> <td>2. Controlava toda a comunicação social, o teatro e o cinema.</td> </tr> <tr> <td>b) Mocidade Portuguesa</td> <td>4. Estimulava a formação do carácter patriótico e a devoção à Pátria.</td> </tr> <tr> <td>c) Educação</td> <td>5. Ensinava-se a ler e a escrever, com ordem e disciplina, associadas à religião católica.</td> </tr> <tr> <td>d) Legião Portuguesa</td> <td>1. Organização militar criada para defender o Estado Novo.</td> </tr> <tr> <td>e) Polícia política</td> <td>3. Perseguiu, prendia e torturava suspeitos de serem oposição.</td> </tr> </table>	a) Censura	2. Controlava toda a comunicação social, o teatro e o cinema.	b) Mocidade Portuguesa	4. Estimulava a formação do carácter patriótico e a devoção à Pátria.	c) Educação	5. Ensinava-se a ler e a escrever, com ordem e disciplina, associadas à religião católica.	d) Legião Portuguesa	1. Organização militar criada para defender o Estado Novo.	e) Polícia política	3. Perseguiu, prendia e torturava suspeitos de serem oposição.	15 (3 × 5)
a) Censura	2. Controlava toda a comunicação social, o teatro e o cinema.											
b) Mocidade Portuguesa	4. Estimulava a formação do carácter patriótico e a devoção à Pátria.											
c) Educação	5. Ensinava-se a ler e a escrever, com ordem e disciplina, associadas à religião católica.											
d) Legião Portuguesa	1. Organização militar criada para defender o Estado Novo.											
e) Polícia política	3. Perseguiu, prendia e torturava suspeitos de serem oposição.											
2.1.	A existência de um único partido impedia que houvesse opositores ao governo, ou seja, quando os eleitores votavam apoiavam automaticamente o governo, pelo que, mesmo quem não votava não tinha como contrariar as ideias impostas pelo regime.	3										
2.2.1.	(Bastava indicar os valores para a resposta estar correta.) Os três valores defendidos pelo Estado Novo eram: • Deus (representado pela cruz e pelo pequeno altar, em cima da cómoda); • Pátria (representada pela bandeira, pelo castelo, pelas cores vermelha na parede e verde na porta e pela farda da Mocidade Portuguesa usada pelo menino); • Família (representada pela mulher submissa, pela menina que aprende a ser como a mãe e pelo menino que se levanta quando o pobre homem de família trabalhador chega a casa).	3										
3.	<p>Palavras corretas: a) opôs-se ao; b) Américo Tomás; c) derrota; d) adulterados; e) à PIDE</p> <p>Palavras erradas: a) apolou o; b) Oliveira Salazar; c) vitória; d) autênticos; e) ao MUD</p>	15 (3 × 5)										
3.1.	A oposição era oprimida pelos vários mecanismos, com inúmeras pessoas a serem presas, torturadas e mortas. Por essa razão, a única opção viável foi tornar a oposição clandestina, permitindo que se combatesse o governo com os opositores e as suas famílias a correrem um pouco menos de riscos.	3										
4.1.1.	a) incluíam escolas, hospitais e estradas.	3										
4.1.2.	c) a maioria da população vivia na pobreza	3										
4.1.3.	b) grandiosas e mostravam o poder do Estado Novo.	3										
5.1.	<p>Verdadeiras: b) Na década de 1960, surgiram várias revoltas estudantis contra o Estado Novo. c) Os opositores ao regime eram perseguidos pela PIDE. e) Vários artistas e intelectuais fizeram oposição ao Estado Novo e alguns foram exilados.</p> <p>Falsas: a) Para difundir os princípios do Estado Novo, muitas pessoas emigraram para a Europa. d) Depois das eleições presidenciais de 1958, em 1960, Salazar abandonou o poder.</p>	15 (3 × 5)										
6.1.	(Bastava identificar duas.) As colónias portuguesas eram: Cabo Verde; Guiné Portuguesa (atual Guiné-Bissau); S. Tomé e Príncipe; Angola; Moçambique; Timor Português (atual Timor-Leste); Índia Portuguesa (Diu, Damão e Goa); Macau.	6 (2 × 3)										
6.2.1.	África.	2										
6.2.2.	1961.	2										
6.2.3.	(Bastava identificar uma das razões.) Salazar não concedeu a independência das colónias portuguesas, como aconteceu com vários países europeus, pois eram fontes de riqueza para o país e de mão de obra praticamente escrava. O contexto em mudança permitiu o surgimento de grupos de libertação que queriam a independência dos territórios.	2										

EDUCAÇÃO


Questão	Cenários de resposta	Cotação
	Salazar envia soldados para combater estes grupos, iniciando uma guerra.	
6.2.4.	Foram várias as consequências da guerra, sendo as mais referidas, a nível social, as várias famílias que foram desfeitas por muitas pessoas terem ficado incapacitadas e ter havido um grande número de mortes, nas diferentes frentes de combate. A nível económico, as despesas foram cada vez mais elevadas.	6 (2 × 3)
6.2.5.	A emigração em Portugal, tanto oficial como clandestinamente, foi aumentando devido não só às más condições de vida, mas também pelo número de jovens que, não querendo combater, fugiram à guerra, que se iniciou na guerra de 1960.	3



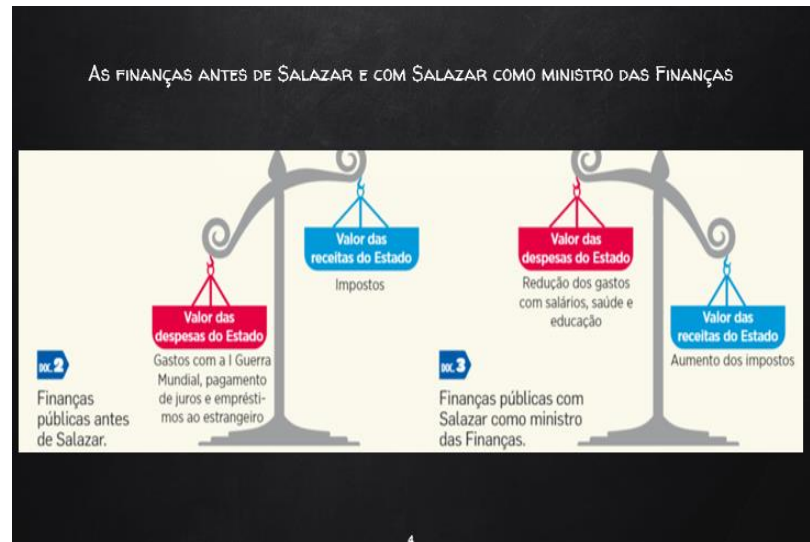
EM 1928 O PRESIDENTE DA REPÚBLICA ÓSCAR CARMONA CONVIDOU ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR PARA MINISTRO DAS FINANÇAS

Impôs a condição de poder controlar os gastos de todos os ministérios



“Sei muito bem o que quero e para onde vou, mas não se me exija que chegue ao fim em poucos meses. No mais, que o País estude, represente, reclame, discuta, mas que obedeça quando se chegar à altura de mandar”



X As leis eram feitas de acordo com a vontade de Salazar;

X A Assembleia Nacional (Parlamento) limitava-se a aprovar as leis apresentadas pelo governo (chefiado por Salazar);

X Os juízes tinham de julgar de acordo com as leis aprovadas na Assembleia Nacional (de acordo com a vontade de Salazar).



9



O ESTADO NOVO

Designação atribuída ao período histórico que vigorou em Portugal entre 1933 e 1974.

Teste de avaliação 2 aplicado à turma Y

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

Classificação: _____ Prof.: _____ Enc. Educação.: _____

Grupo I – A 1.ª República

1. Assinala, com um X, os novos símbolos instituídos pela Primeira República.

a 

b 

c 

d 

e 

f 

2. Analisa o documento 1.



Os Problemas, em Portugal, após a I Guerra Mundial

2.1. **Completa** o texto, com as expressões dadas.

África **descontentes** **dívida** **I Guerra Mundial** **mortos** **mudanças** **preços**

Apesar de Portugal estar do lado vencedor, na **a)** _____, e ainda que tenha mantido as suas colónias em **b)** _____, foram muitas as consequências negativas do confronto. Além dos milhares de feridos e **c)** _____, juntou-se a instabilidade política, com constantes **d)** _____ de governo. Os constantes empréstimos pedidos no estrangeiro, que levaram ao aumento da **f)** _____ externa, e o aumento de **e)** _____ dos alimentos causaram muitas dificuldades aos portugueses. Em consequência destes problemas, os portugueses revelavam-se cada vez mais **g)** _____ com a Primeira República.

3. **Assinala**, com um X, as afirmações verdadeiras.

3.1. O 28 de maio de 1926 marcou o...

- a) ... fim da Primeira Guerra Mundial.
- b) ... início da Ditadura Militar.
- c) ... início do conflito com Espanha.

3.2. A Ditadura Militar instituiu ...

- a) ... limites à liberdade de expressão, mas sem afetar a imprensa.
- b) ... uma liberdade de expressão mais ampla.
- c) ... a restrição da liberdade de expressão através da censura à imprensa.

3.3. A Ditadura Militar impôs logo em 1926...

- a) ... o encerramento do Parlamento, que deixou de fiscalizar o Governo.
- b) ... a reforma do Parlamento, que passou a ser eleito só por adversários da 1ª República.
- c) ... a eleição imediata de um novo Parlamento.

Grupo II – O Estado Novo

4. **Observa** o documento 2.

4.1. **Identifica** a personalidade representada no documento 1.

4.2. **Completa** o texto, com as expressões dadas.

contas públicas **despesas** **Estado Novo** **impostos**
mecanismos de repressão **ministro das Finanças** **Presidente do Conselho**



Em 1928, a figura política representada no documento 1 tornou-se **a)** _____. Na altura, controlou todas as **b)** _____ dos vários ministérios e aumentou os **c)** _____. Com estas medidas, conseguiu equilibrar as **d)** _____. Em 1932, tornou-se **e)** _____ e, no ano seguinte, iniciou o **f)** _____, que durou até 1974. Este regime durou tantos anos, em parte, graças aos diferentes **g)** _____ e de propaganda que ajudavam a controlar a população.

Proposta de correção para o teste de avaliação 2 aplicado à turma Y

Proposta de correção História e Geografia de Portugal (Mini teste)

Questão	Cenários de resposta	Cotação
1.	b) e) f)	3 x 6 18
2.1.	a) I Guerra Mundial b) África c) mortos d) mudanças e) dívida f) preços g) descontentes	7 x 4 28
3.	3.1. b) 3.2. c) 3.3. a)	3 x 6 18
4.1.	António de Oliveira Salazar.	15
4.2.	a) ministro das finanças b) despesas c) impostos d) contas públicas e) Presidente do Conselho f) Estado Novo g) mecanismos de repressão	7 x 3 21

Os suportes do Estado Novo



António de Oliveira Salazar

Criou a União Nacional;

Proibiu a existência de partidos políticos;

Proibiu o direito à greve e os sindicatos passaram a ser controlados pelo governo;

Reforçou a censura aos jornais, à rádio e à televisão;

Criou a PVDE (policia que prendia e torturava quem criticasse a ditadura e os militantes do PCP);



Como conseguiu Salazar manter-se 36 anos na chefia do governo?



Como conseguiu Salazar manter-se 36 anos na chefia do governo?

■ CENSURA

A censura à imprensa, instituída em 1926, estendeu-se a outras áreas como o teatro, o cinema, a rádio e a televisão. Nenhuma palavra ou imagem podia ser publicada ou difundida sem prévia autorização dos censores.



<https://ensina.rtp.pt/artigo/censura-previa-a-mordaca-que-o-estado-novo-criou/>

Como conseguiu Salazar manter-se 36 anos na chefia do governo?

▪ POLÍCIA POLÍTICA

Um relato da atuação da PVDE:
“O preso sofreu um total de 21 dias e noites sem poder dormir. A primeira «sessão» teve a duração de 6 dias e 6 noites. Sofreu então o primeiro espancamento. Em seguida, obrigaram-no a permanecer de pé durante 3 dias e noites consecutivas.”



voltar

Como conseguiu Salazar manter-se 36 anos na chefia do governo?

▪ MOCIDADE PORTUGUESA

A Mocidade Portuguesa abrangia toda a juventude, escolar ou não, dos 7 aos 18 anos, e tinha por fim desenvolver a devoção à Pátria, o gosto pela ordem e pela disciplina, e o culto do dever militar.



voltar

Como conseguiu Salazar manter-se 36 anos na chefia do governo?

▪ PROPAGANDA POLÍTICA

O Estado Novo teve a consciência de que a propaganda política era de grande importância para um apoio cada vez maior da população.



voltar

Como conseguiu Salazar manter-se 36 anos na chefia do governo?

▪ UNIÃO NACIONAL

A União Nacional foi pensada por Salazar como uma espécie de antipartido que unia todos os Portugueses. A União Nacional tornou-se o partido do Governo desde o seu começo.



voltar

Quais foram os valores do Estado Novo?

Este é o tipo de família defendida por Salazar: pobre, trabalhadora e católica.

O móvel com o crucifixo representa Deus.

O castelo que se observa através da janela, representa a Pátria.



Vamos pensar em conjunto!

Nos dias de hoje:

- Os jornais, a rádio e a televisão podem dar notícias criticando o Governo?
- Há apenas um partido político ou vários?
- Os partidos políticos podem fazer propaganda nas ruas, na rádio e na televisão?



Por que razão se diz que as eleições no tempo de Salazar não foram livres?

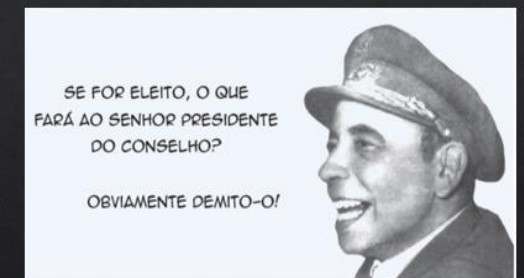
Durante a ditadura as eleições nunca foram livres, pois a oposição não podia fazer propaganda livremente, os seus candidatos eram perseguidos e muitas pessoas não podiam votar.



A pressão dos países democráticos



- Pressionado por vários países democráticos, Salazar, marcou eleições para os deputados da Assembleia Nacional, em 1945;
- Os opositores políticos uniram-se no Movimento de Unidade Democrática (MUD);
- A oposição não fez uma campanha eleitoral livre, muitas pessoas foram impedidas de votar.



Humberto Delgado

Humberto Delgado, o “General sem medo”

Nas eleições presidenciais de 1958, Humberto Delgado, candidato da oposição, teve grande apoio da população, mas Américo Tomás, candidato apoiado por Salazar, foi declarado vencedor.



● Humberto Delgado

● Américo Tomás

Humberto Delgado, o “General sem medo”



Sabes como eram dadas as aulas no período do Estado Novo?



<https://ensina.rtp.pt/artigo/restituicao-de-uma-aula-do-estado-novo/>

ANEXO J - ATIVIDADE
APLICADA À TURMA Y SOBRE
O VÍDEO: A ALMA E A
GENTE- OS ÚLTIMOS ANOS DA
MONARQUIA

| | ' ' | | ' ' |

Perguntas sobre o vídeo: A Alma e a Gente - Os Últimos Tempos da Monarquia.

Perguntas sobre o vídeo: A Alma e a Gente - Os Últimos Tempos da Monarquia.

Parte A – Até ao minuto 12:45

- A emigração transformou-se num dos principais problemas nacionais. Explica Porquê.

- Qual foi o partido fundado em 1876?

- Em 1884 os delegados portugueses conseguem o direito de Portugal às posições africanas. Em que grande conferência isso foi alcançado?

- Quais foram as colónias reconhecidas como possessões portuguesas?

Parte B – Restantes minutos do vídeo.

- O início do reinado de D. Carlos coincidiu com que acontecimento?

- Quem tirou partido do ultimato inglês?

- No Porto deu-se a primeira revolução republicana. Em que ano ocorreu?

- Em 1906 o rei D. Carlos entregou a chefia do governo a quem?
-

- Chamaram a isso a Ditadura _____.
- O _____ era acusado de estrangular a Monarquia.
- Deu-se o atentado a _____ de _____ quando a família real regressava de Vila Viçosa.
- Em _____ rebenta a revolução republicana e a _____ o rei D. Manuel II embarca para Inglaterra.

Bom trabalho!

Proposta de correção sobre as perguntas relativas ao vídeo: A Alma e a Gente - Os Últimos Tempos da Monarquia.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL		
Nome: _____	N.º: ____	6.º ____
Professor: _____	Enc. Educação: _____	

Perguntas
sobre o vídeo:
A Alma e a
Gente - Os

Últimos Tempos da Monarquia.

Parte A – Até ao minuto 12:45

- A emigração transformou-se num dos cancros nacionais. As fazendas do Minho ficaram abandonadas porque os lavradores foram para o Brasil.
- Em 1876 o que aconteceu? Crise dos bancos, os grandes bancos portugueses faliram por causa dos movimentos monetários entre Portugal e Brasil e vice-versa.
- Em 1884 na conferência de Berlim os delegados portugueses conseguem os direitos de Portugal às nossas posições africanas. Angola e Moçambique são reconhecidas como possessões portuguesas.

Parte B – Restantes minutos do vídeo.

- O início do reino de D. Carlos coincidiu com que acontecimento? Com o ultimato inglês em 1890.
- Quem tirou partido do ultimato? O partido republicano.
- No porto deu-se a primeira revolução republicana em 31 de janeiro de 1891.
- Em 1906 o rei entregou a chefia a João Franco.
- Chamaram a isso a Ditadura Franquista. O franquismo era acusado de estrangular a monarquia.
- Deu-se o atentado do 1º de fevereiro de 1908 quando a família real regressava de Vila Viçosa.
- Em 1910 a 3 de outubro rebenta a revolução republicana e a 5 de outubro o rei embarca para Inglaterra.

Grelha de avaliação da turma Y relativa à atividade sobre o vídeo: A Alma e a Gente – Os Últimos Tempos da Monarquia.

HGP	Turma: Y	Exercício sobre o vídeo: Os últimos anos da Monarquia.												Classificação	Respostas corretas
Nº	NOME	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
1	A.D														
2	A.N													Insuficiente	1
3	C.P													Suficiente	4,5
4	C.D													Insuficiente	4
5	D.P													Suficiente	4,5
6	J.M													Suficiente	6,5
7	J.B													Suficiente	5
8	J.J.L													Insuficiente	3
9	J.M.L														0
10	L.V													Suficiente	5
11	M.R													Suficiente	6
12	M.Z													Insuficiente	4
13	M.B													Insuficiente	2
14	N.F														0
15	P.S													Bom	8
16	S.P													Insuficiente	2
17	S.L													Muito Bom	11
18	S.C													Insuficiente	1
19	T.S													Insuficiente	2
20	T.P													Bom	9
21	L.S													Bom	8,5
22	G.A													Insuficiente	3
TOTAL	23														

Classificação	Respostas corretas
Muito bom	10 a 12
Bom	8 a 9
Suficiente	5 a 7
Insuficiente	0 a 4

Legenda das respostas:	
Correta	
Incompleta	
Incorreta	
Não fez	

Respostas:
1 ponto - Resposta correta.
Meio ponto - Resposta incompleta.
Zero pontos - Resposta incorreta.